



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

DISCURSO, PODER E IDENTIDADES NO ORKUT

LÍCIA FREZZA PISA

SÃO CARLOS
2011



Universidade Federal de São Carlos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

DISCURSO, PODER E IDENTIDADES NO ORKUT

LICIA FREZZA PISA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr^a. Cristine Görski Severo.

Linha de Pesquisa: Linguagem e Discurso

São Carlos - São Paulo - Brasil
2011

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

P673dp

Pisa, Licia Frezza.

Discurso, poder e identidades no Orkut / Licia Frezza
Pisa. -- São Carlos : UFSCar, 2012.
150 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São
Carlos, 2011.

1. Análise do discurso. 2. Poder. 3. Identidade. 4. Orkut
(conversa o eletrônica). 5. Foucault, Paul-Michel, 1926-
1984. I. Título.

CDD: 401.41 (20^a)

**BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE
Licia Frezza Pisa**



Prof^ª. Dr^ª. Cristine Gorski Severo
Orientadora e Presidente
UFSCar/São Carlos



Prof. Dr. Marcelo El Khouri Buzato
Membro titular
UNICAMP/Campinas



Prof^ª. Dr^ª. Ana Silvia Couto de Abreu
Membro titular
UFSCar/São Carlos

Submetida a defesa pública em sessão realizada em: 16/10/2011.
Homologada na ___ reunião da CPGL, realizada em ___/___/2011.

Prof. Dr. Oto Araújo Vale
Coordenador do PPGL

*A todos aqueles que gostam de estudar, de
pesquisar e que estão constantemente aprendendo
algo novo.*

Agradecimentos

A realização deste trabalho foi possível devido à participação de várias pessoas. Agradeço, em especial, a Cristine Görski Severo, pelas orientações, pelo cuidado, pelas críticas, pelo diálogo, pela presença sempre constante, mesmo com a distância, pelo incentivo, pelo amparo, pelos pensamentos positivos, pela boa energia que sempre circulou nas aulas, nos encontros e nas reuniões, pela paixão com que ministrava os conteúdos, o fervor entusiasmado ao falar em Foucault e pelo cultivo da amizade. Agradeço à banca de qualificação, Ana Silvia Couto de Abreu e Marcelo El Khouri Buzato, pela leitura atenta e dedicada e pelos bons apontamentos que fizeram para o desenvolvimento da dissertação. Muitos professores estiveram presentes nessa trajetória e muitas amizades se desenvolveram. Agradeço aos funcionários do PPGL/UFSCar, em especial aos da secretaria pelo respeito e pela solicitude. Meus agradecimentos a todas as pessoas da minha família que souberam respeitar as minhas decisões, aos meus amigos que entenderam os momentos de ausência e à família de Luciano Maia Alves Ferreira, pela participação e incentivo. Agradeço ainda ao Centro Universitário Claretiano de Batatais, ao Pe. Luiz Claudemir Botteon, por ter me liberado para que eu pudesse viajar até São Carlos e realizar as atividades decorrentes do Mestrado.

“A visibilidade é uma armadilha”
Michel Foucault

Resumo

Devido ao Orkut ter ganhado notoriedade nos últimos anos e dada a abrangência e as possibilidades que a Internet fornece e a suposta ideia comum de democracia como espaço livre em que todos podem fazer e dizer tudo, se faz necessário pensar até que ponto e de que maneira as relações de poder e de disciplina circulam por essa espacialidade, produzindo, entre outras coisas, identidades. O presente trabalho tem por objetivo investigar como os discursos e o poder circulam e operam na construção de identidades no Orkut, visto que não é possível falar livremente neste espaço, pois há práticas discursivas balizando a constituição de identidades, que sofrem tensões e regulamentações. Toma-se como fundamentação teórica as noções de discurso, sujeito e poder desenvolvidas e esmiuçadas por Michel Foucault. O *corpus* é constituído pelas ferramentas contidas no Orkut que delimitam o que é permitido dizer, como é permitido circular, o que é permitido ser, sendo divididas em duas partes: i) políticas de uso: como o Orkut limita o que pode ou não ser dito e de que maneira o perfil é dado a circular e ii) perfil: regras de preenchimento, o que os usuários falam de si mesmos segundo as categorias já dadas, como os usuários se descrevem em “quem sou eu”, como controlam os acessos, como se dá a representação pelos outros por meio do depoimento; além dos itens classificação de amigo, sugestão de amigo, popularidade e audiência. Como resultado percebemos que o funcionamento do Orkut se dá mais por meio do poder estratégico e menos pelo poder jurídico, sendo mais evidente um poder que incita a circulação. Juntamente com os poderes, a identidade constituída no Orkut é levada a ser vista como conjunto de subjetividades, de marcas, de indícios de consumo para a indústria cultural.

Palavras-chave: poder, discurso, identidade, Orkut.

Abstract

Because Orkut has gained prominence in recent years and given the scope and the possibilities that the Internet provides and the supposed common idea of democracy as a free space in which anyone can do and say anything, it is necessary to consider to what extent and how power relations and discipline circulate in this spatiality, producing, among other things, identities. The present work aims to investigate how discourses and power circulate and operate in the construction of identities in Orkut, since it is not possible to speak freely in this space, because there are discursive practices delimiting the constitution of identities, which suffer tensions and regulations. It is taken as theoretical foundation the notions of speech, subject and power developed by Michel Foucault. The corpus consists of the tools contained in Orkut that define what one is allowed to say, how one is allowed to circulate, and what one is allowed to be, which are divided into two parts: i) using policies, such as Orkut limits of what can and cannot be said and how the profile is given to move, and ii) profile: filling rules, what users mention about themselves according to the categories already given, how users describe themselves in “about me”, how they control the access, how it is given the representation by others through the testimony, in addition to the items of friends classification, friends suggestion, popularity and audience. As a result we find that the operation of Orkut gives more strategic power and less by the power law and is a more obvious power that encourages circulation. Along with the powers, the identity is carried constituted on Orkut to be seen as a set of subjectivities, trademarks, indications of consumption for the cultural industry.

Key-words: power, discourse, identity, Orkut.

Sumário

Introdução	10
1. Orkut: o que é?	18
2. Poder	30
2.1. Poder jurídico e poder estratégico	30
2.2. Poder disciplinar.....	38
2.3. Análise do poder no Orkut: o que pode ou não ser dito?	47
2.3.1. Sobre o Orkut	47
2.3.1.1. Dados demográficos.....	49
2.3.1.2. Conte-nos sua história.....	49
2.3.1.3. Mantenha o Orkut bonito	51
2.3.1.4. Proteção e segurança.....	57
2.3.2. Blog.....	75
2.3.3. Privacidade	76
2.3.4. Termos de uso.....	81
2.3.4.1. Sobre as comunidades	82
2.3.5. Publicidade	83

3. Sujeito	87
3.1. Sujeito e a disciplina.....	92
3.2. Sujeito e a confissão	96
3.3. Sujeito e a norma	100
3.4. Sujeito e a resistência	106
3.5. Análise do sujeito no Orkut: a questão do perfil.....	109
3.5.1. A questão dos <i>fakes</i>	125
4. Conclusão	132
5. Referências	139
6. Glossário.....	148

INTRODUÇÃO

A escolha do Orkut para essa dissertação, num momento em que outras redes sociais ganham destaque no Brasil, como o Facebook, se dá pelo fato de, ainda, o Orkut possuir o maior número de perfis cadastrados e por ter sido a rede social que mais se popularizou no Brasil quando do seu início, inclusive, despertando mal entendidos entre norte-americanos e brasileiros¹.

A fim de contextualizar este trabalho, sucintamente, a identidade em redes sociais e no Orkut já foi pesquisada de forma a contemplar os perfis (LIMA, 2008; ZHAO, GRASMUCH, MARTIN, 2008), as comunidades (SANTO, PARAÍSO, 2007; FERNANDES, 2008), os modos de falar enquanto gêneros (ABREU, 2009; MARTINS, 2007), a identidade virtual (GOMES, 2008), a ciborguização identitária (MATTA, 2008), a fragmentação da identidade dos sujeitos (FILHO, GONÇALVES, TEIXEIRA, 2009), as identidades múltiplas, nômades ou inventadas (ROCHA, 2009), a identidade e o perfil no Orkut com a problemática dos *fakes* (DAL BELLO, 2008), a construção da identidade por meio de perfis marginais como de portadores de anorexia e bulimia e como se dá essa (re)construção no ambiente virtual (RECUERO, 2007), a construção de relacionamentos sociais e a construção da identidade do jovem por meio do Orkut (MOREIRA, RODRIGUES, 2010), a construção da identidade nas redes sociais por meio do uso das imagens fotográficas nos perfis (MORAIS, 2009), a relevância dos espaços geográficos off line para a formação identitária no Orkut (FRAGOSO, 2008), as identidades culturais nas redes sociais (FRAGOSO, 2006; MOCELLIM, 2008), etc.

A motivação deste trabalho se deu, então, por uma desconfiança em relação a discursos que circulam na imprensa e na sociedade veiculando a ideia de que a internet seria livre, democrática, um espaço em que seria possível fazer tudo, dizer tudo, um espaço sem lei, em que não haveria fiscalização, polícia, ou vigilância, como nos exemplos que seguem: “a internet é mesmo democrática [...] creio que o principal ponto observado atualmente é a possibilidade de cada ser humano publicar aquilo que bem entende e disseminar esse conteúdo” (TURCHI, 2009, p. 1), “é como dizem por aí: a

¹ Esse fato será visto mais detalhadamente no capítulo 1.

internet é o espaço mais democrático que existe” (FNAC, 2011), “é grande o potencial democrático contido na nova tecnologia de comunicação e informação” (PINTO, 2004), “a Internet é democrática desde sua concepção” (SCHARA, 2010).

Embora o conceito de democracia não seja desmembrado ou problematizado nessa dissertação, interessa para fins da análise proposta que no imaginário popular a democracia se vincula à liberdade de ação e de fala, com uma suposta ausência de poder, conforme algumas citações acima demonstram. Defende-se, por outro lado, que a Internet é um espaço extremamente vigiado e controlado. Esse controle, essa vigilância e os efeitos desses mecanismos nas redes sociais da Internet serão analisados segundo as noções de poder, elaboradas por Michel Foucault. É do funcionamento do poder que essa dissertação tratará e de como, permeando os discursos, é possível a constituição de sujeitos, de identidades, tomando a relação entre o poder e a liberdade não como um movimento de exclusão, mas de implicação mútua.

Sendo assim, de que maneira é possível analisar as identidades no Orkut por meio do funcionamento do poder e dos discursos? Recorro a uma citação do próprio Foucault para este esclarecimento:

o tipo de análise que pratico não trata do problema do sujeito falante, mas examina as diferentes maneiras pelas quais o discurso desempenha um papel no interior de um sistema estratégico em que o poder está implicado, e para o qual o poder funciona. Portanto, o poder não é nem fonte e nem origem do discurso. O poder é alguma coisa que opera através do discurso, já que o próprio discurso é um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder. (FOUCAULT, 2006, p. 253).

Os discursos são produzidos e circulam segundo táticas (meios) e estratégias (finalidade) de poder. O poder atravessa os discursos fazendo funcionar uma engrenagem que faz ver certas coisas, falar certas coisas, proliferar certos temas e não outros, se constituir de uma dada maneira, desejar de um certo modo e não de outro. O poder é encarado, então, como uma tecnologia, utilizado para um fim, por meio de tática(s), objetivando favorecer o manejo de certas situações. Desse modo, a estratégia configura a conjuntura e as correlações de forças que são necessárias às diversas

situações de confrontos produzidos e a tática vem a ser o meio pelo qual os efeitos de poder são produzidos, são favorecidos.

Cabe aqui destacar o sentido de tecnologia para Foucault, visto que esse termo aparecerá em várias passagens deste trabalho. O termo tecnologia não é um conceito fechado, pelo contrário, é um conceito multifacetado, visto que se baseia em uma noção fluida e dinâmica de poder. A tecnologia são práticas de regularidade, modos de fazer que agregam os conceitos de estratégia e tática: “Foucault utilizou essa terminologia e essa conceitualização, em primeiro lugar, para estabelecer uma metodologia de análise do poder (a disciplina e o biopoder); depois estendeu essa perspectiva ao estudo da ética”. (CASTRO, 2009, p. 412). Assim, é possível entender a tecnologia por meio de quatro práticas diferentes que, *difícilmente operam separadamente* (Foucault, 1975, p. 177), são elas:

- (1) tecnologias de produção, que permitem produzir, transformar ou manipular as coisas;
- (2) tecnologia dos sistemas de signos, que permitem utilizar signos, sentidos, símbolos ou significação;
- (3) tecnologias de poder, que determinam a conduta dos indivíduos e os submetem a certos fins de dominação, objetivando o sujeito;
- (4) tecnologias de si, que permitem aos indivíduos efetuar, com seus próprios meios ou com a ajuda de outros, um certo número de operações em seus próprios corpos, almas, pensamentos, conduta e modo de ser, de modo a transformá-los com o objetivos de alcançar um certo estado de felicidade, de pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade.

No decorrer deste trabalho podemos entender o Orkut como uma tecnologia de poder disciplinar que opera preponderantemente por um modelo estratégico, incitando a circulação para fins de apreensão dos discursos e produção de verdades, saberes, sujeitos, entre outros.

Continuando, temos que discurso, poder e sujeito constituem uma trilogia em que as partes estão mutuamente implicadas: os indivíduos ao reconhecerem certos discursos e saberes como legítimos e verdadeiros, se apropriam deles, constituindo-se em sujeitos. Dessa maneira, podemos questionar: como certos saberes ganham *status* de verdade no âmbito das práticas discursivas e institucionais, as quais validam certas posições dos sujeitos? Nas palavras de Foucault,

é necessário (...) admitir (...) que poder e saber se implicam diretamente um no outro; que não há relação de poder sem constituição correlativa de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua, ao mesmo tempo, relações de poder. Estas relações de “poder-saber” não devem ser analisadas a partir de um sujeito de conhecimento que seria livre, nem em relação ao sistema de poder; mas é necessário considerar, ao contrário, que o sujeito que conhece, os objetivos a conhecer e as modalidades de conhecimentos são, antes, efeitos destas implicações fundamentais do poder-saber e de suas transformações históricas. Em suma, não é a atividade do sujeito de conhecimento que produziria um saber útil ou recalcitrante ao poder, porém o que determina as formas e os domínios do conhecimento são o poder-saber, os processos e as lutas que os atravessam e pelas quais são constituídos (FOUCAULT, 1975, p. 32).

Os discursos, então, operam em rede e devem ser analisados de acordo com outros acontecimentos discursivos, que mantêm uma relação com os sujeitos e com o poder. Nesse caso, cabe analisar como os indivíduos se tornam sujeitos, como conseguem formatar uma maneira de existir possibilitada pelo mundo digital, o qual é permeado por certos mecanismos de poder que perpassam, controlam e possibilitam a produção e circulação dos discursos na rede.

Sendo o sujeito histórico, ele se constitui em relação à dinâmica do poder em diferentes épocas, por exemplo: na idade média a subjetividade estava ligada ao fato de se participar da vida espiritual (religiosa) em vista de uma salvação perante Deus; no século XIX, a subjetividade poderia ser entendida como luta contra a exploração, força de produção, lutas de classe, etc.; na contemporaneidade, a subjetivação não está mais ligada aos céus e nem ao limite do próprio corpo, o homem se constitui virtualmente, através de fios de informação que conectam lugares longínquos. Nesse caso, as identidades são construídas de formas diferentes, tanto no mundo *off line* como no mundo virtual (de maneira recursiva) e são passíveis de modificações a todo instante. Trata-se de pensar de que maneira, na era digital, os indivíduos são constituídos em sujeitos ao se inscreverem em práticas sociais interativas, como no caso das redes sociais, que formam/fragmentam suas identidades. É preciso lembrar que a questão da identidade está sendo tomada como processo, em que certos modos de subjetivação, poder e discursos corroboram para a constituição da identidade no Orkut, e não como algo dado, cristalizado.

No Orkut, os indivíduos são levados a falar de si e, assim, construir um perfil de si, através tanto da mobilização de certos marcadores identitários pré-dados, como da expressão de atributos que retratariam a sua personalidade. Além disso, no Orkut, as práticas de interação (amigos, comunidades, relacionamentos, etc.) também são constitutivas da identidade virtual. Interessa ver nesta pesquisa de que maneira o poder opera produzindo certos perfis mediante as possíveis formas de relação (amigos) e de circulação (as redes) na internet, estando ambas interligadas.

Desse modo, entendemos que os discursos veiculados tanto no ambiente social como no ambiente do Orkut são permeados pelo poder e constitutivos da formação dos sujeitos e de seus modos de subjetivação, considerando que esses sujeitos se encontram inscritos numa rede de relações complexas, em que várias instâncias estão presentes, como o jurídico, a família, os dizeres possíveis, o modo como a circulação se dá, o propósito da rede, etc. Assim, o Orkut poderia ser visto como parte de um dispositivo maior, sendo esse entendido como “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas” (FOUCAULT, 1999, p. 138). Esse dispositivo maior poderia ser visto como algo que instaura o próprio funcionamento da Web 2.0 e toda a rede heterogênea de práticas, discursos, incitações, controles, agenciamentos, etc., que a caracterizam. Este trabalho não aprofundará a noção de dispositivo, embora proponha que o Orkut não existe de forma independente, mas inscrito em uma rede de relações (de poder) com outros elementos.

Porém, o que pretendemos é mostrar e analisar as diferentes formas de controle das informações e das circulações no Orkut e a relação dessas com as possibilidades identitárias projetadas por essa rede social, pois “nesse espaço digital, o indivíduo se (re)constrói como sujeito ou sujeitos por meio de suas práticas discursivas projetando sua subjetividade de forma real ou imaginária” (FERNANDES, 2008, p. 279-280). Assim, pretendemos analisar, dentre tantas possibilidades, as políticas de uso e as formas de preenchimento do perfil (marcadores identitários) fornecidas pelo *site* para entendermos de que maneira as regulamentações operam censurando e controlando o dizer e,

dessa maneira, acabam produzindo efeitos sobre a construção discursiva das identidades no/pelo Orkut. Pondera-se também sobre as possibilidades de resistência a essas políticas e perfis e a relação disso com os modos de subjetivação, entendidos como práticas de constituição dos sujeitos². Mais especificamente, no caso do Orkut, essas práticas incluem, dentre outras, escritas de si, busca por “amigos” ou por “comunidades” com os quais compartilhar afinidades, debates em torno de assuntos em comum, comentários em fotos, etc.

Para tanto, conforme exposto anteriormente, tomaremos como base para a dissertação as noções de discurso, poder e sujeito segundo os trabalhos de Michel Foucault. Os estudos desse filósofo são caracterizados pela diversidade de investigações que trazem à tona questões sobre saberes, loucura, poder, delinquência, sexualidade e sujeito, esse último sendo o foco principal de suas pesquisas e sua maior inquietação. Resumidamente, o pensamento de Foucault passou por três fases:

a) *Arqueologia do saber* (1961-1969): privilegiou a investigação sobre as ciências humanas, como se dava o cruzamento dos saberes com as estruturas sociais, como os discursos passaram a ter *status* de verdade, como o sujeito se tornava objeto das ciências humanas e, desse modo, como certos discursos o tornavam objeto de saber. Os discursos estariam tomados pelas relações de poder e a sua validação como verdade estaria implicada em certos jogos de verdade: onde está inserido e quem pronuncia certos discursos. A maneira pela qual os discursos se tornam mecanismos para os dispositivos do poder é o foco da segunda fase de Foucault, a qual trata da genealogia do poder, que a partir daí, passa a ir além dos mecanismos discursivos, passa a olhar também para os mecanismos não-discursivos;

b) *Genealogia do poder* (1970-1979): o poder começa a ser encarado sem rei, pois deixa de ser entendido como apenas hierárquico, linear, estatal ou como pertencendo a alguém, para ser visto no seu funcionamento microfísico e disperso. Nessa fase, o sujeito é aquele que é constituído pelos mecanismos de poder, seja de ordem discursiva (discursos e saberes) ou não-discursiva (instituições). Com o entendimento dos mecanismos de poder na produção de

² Para Foucault, os sujeitos se constituem tanto enquanto inscritos em práticas coercitivas que os produzem, como mediante práticas de resistência que se inscrevem nas brechas dos regimes de subjetivação (FOUCAULT, 1995).

certos modos de subjetivação, Foucault passa para a terceira fase, em que se propõe a pensar os sujeitos em relação à ética e o exercício da liberdade;

c) *Ética e o cuidado de si* (1980-1984): o sujeito seria livre e capaz de cuidar de si mesmo, segundo uma dada prática refletida de liberdade, não se colocando externamente ao poder, mas resistindo internamente à sua dinâmica. Neste caso, cabe questionar, portanto, quais práticas de subjetivação poderiam operar como uma forma de resistência na modernidade, levando-se em conta principalmente as ferramentas possibilitadas pela Internet, em especial a Web 2.0. Esta pesquisa se concentrará na segunda fase, focalizando as relações de poder e o funcionamento dos discursos.

Com relação à organização desta dissertação, o Capítulo 1 se concentra em trazer informações sobre o Orkut enquanto rede social, sua criação, além de alguns dados sobre o seu lançamento, assim como descrever o funcionamento desta rede social enquanto organização e possibilidades.

No Capítulo 2 discorre-se sobre a questão do poder proposta nos trabalhos genealógicos de Foucault: (i) o poder jurídico ou poder-lei, em que o poder ganha *status* de negação, interdição, censura; (ii) o poder estratégico ou poder-prazer, em que o poder não nega ou proíbe, mas incita; não interdita, mas deixa falar, circular e, com isso, vincula-se à formação de saberes, como é o caso da confissão, que visa levar o sujeito a falar indefinidamente e exaustivamente de si para um dado interlocutor; (iii) e, por último, o poder disciplinar, em que seu objetivo é normatizar as condutas, os corpos, os comportamentos e os discursos, gerir informações, criar estatísticas, registrar informações. Ainda neste capítulo serão apresentadas as análises do poder nas políticas de uso do Orkut. Optamos por manter próximas as descrições teóricas e sua instrumentalização nas análises para favorecer a fluidez da leitura e evitar uma cisão maior entre a parte teórica e a parte analítica.

No Capítulo 3 trataremos da questão do sujeito e como esse se constitui por meio da disciplina, da confissão, da norma e da resistência. Nas análises centraremos a atenção no perfil e nas possibilidades de preenchimento ou não dos marcadores identitários fornecidos pelo *site*, assim como tentaremos mostrar se/como é possível resistir neste espaço.

Por fim, traremos algumas conclusões deste trabalho de forma a retomar a articulação entre discursos, poder e identidades no Orkut,

evidenciando a importância da compreensão do “como” do poder para que a crença das redes sociais como um espaço sem coerções ou sem censuras seja relativizada. Assim, percebemos que o poder no Orkut opera utilizando mais o modelo estratégico e menos o modelo jurídico, embora haja todo um aparato de leis e de regras permeando as circulações e os dizeres, principalmente quando o assunto são temas lícitos e ilícitos, porém, o que é mais evidente é um poder que deixa circular, que dá a sensação de falar livremente e de espaço democrático para que, nas brechas da circulação, possam ser apreendidos certos saberes. Juntamente com os poderes, a identidade constituída no Orkut é levada a ser vista como um conjunto de subjetividades, de marcas, de indícios de consumo para a indústria cultural (JARRETT, 2008), em que as formas de subjetivação podem ser entendidas como: identidade civil, identidade cultural e social, corporeidade, filiações institucionais, hábitos de consumo, desejos e auto-definição, sendo essas marcas detectadas, também, pela circulação.

1. ORKUT: O QUE É?

A Internet modificou a noção de tempo, de fisicalidade, de formas de organização, a maneira de ir e vir num ambiente desterritorializado geograficamente e, além disso, favoreceu novas práticas sociais de compartilhamento por meio, principalmente, da Web 2.0, que tem como proposta desenvolver comunidades e novos serviços de maneira colaborativa, que favoreçam a interação entre usuários e a utilização de diversas linguagens, sendo possível, portanto, a emergência de blogs, fotologs, videologs, wikis, e-mails, chats e redes sociais como o Youtube, Orkut, Facebook, MySpace, etc. De acordo com Lévy (2003), as comunidades/redes sociais virtuais são um novo jeito de se constituir uma sociedade.

O Orkut é uma dessas redes sociais e tem o objetivo de facilitar e favorecer as relações sociais no ambiente virtual por meio de uma rede de amigos e comunidades que vão sendo adicionadas ao seu perfil. O desenvolvedor da rede é o turco Orkut Büyükkokten, projetista e engenheiro, que criou o *site* devido aos calouros da *Stanford University* terem dificuldades em fazer novas amizades, visto que os amigos eram feitos apenas no primeiro ano da universidade e mantidos até a formatura. Büyükkokten, em 2001 havia criado a *Club Nexus*³ sua primeira rede de relacionamentos e em 2002 criou a *InCircle*, uma rede para ex-alunos. Em janeiro de 2004, trabalhando na Google, lançou o Orkut como rede filiada à empresa, com a intenção de ser uma rede globalizada, integrando as pessoas de todo o mundo.

No Brasil, o Orkut (com a versão em língua portuguesa lançada em abril de 2004) alcançou grande aceitação entre as pessoas. De acordo com recente pesquisa feita pela empresa comScore (especializada em estatísticas do mundo virtual) e divulgada pelo portal UOL⁴, o Orkut ainda lidera a audiência das redes sociais no país com 36 de milhões de visitantes únicos, segundo a pesquisa realizada há um ano. Em comparação com outras redes

³ Em um artigo intitulado "A social network caught in the Web" de autoria do próprio Orkut em parceria com mais dois autores pesquisaram os rastros dos perfis do Club Nexus para buscar o cruzamento entre os amigos, interesses, relacionamentos, preferências e diferenças de gênero a fim de definirem certas tendências. Vide bibliografia.

⁴ Disponível em: <http://tecnologia.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2010/10/07/orkut-ainda-e-rede-social-mais-popular-do-brasil-facebook-quintuplica-audiencia.jhtm>. Acesso em 07 Out. 2010.

sociais, o Facebook passou de 1,5 milhão de visitantes únicos para 9 milhões em 2010. O Twitter tem cerca de 8,6 milhões de visitantes. Segundo a comScore,

o Orkut continua a liderar a audiência das redes sociais no Brasil, enquanto o Facebook conseguiu aumentar em seis vezes o número de usuários brasileiros. O tráfego total em redes sociais teve um aumento de 51% no último ano” [...] o Orkut lidera com folga o tempo gasto pela audiência na navegação do site, que chega a cerca de 4,6 horas por mês, com 657 páginas de conteúdo acessadas em média (UOL, out. 2010)⁵.

Para Fragoso (2006) e Recuero (2004), o Orkut foi desenvolvido no modelo de pequenos mundos, do teórico Stanley Milgram, que por volta de 1967 coletou e registrou dados de associações entre as pessoas. Esse modelo indica que para se conectar a qualquer pessoa no mundo, o indivíduo precisa de no mínimo seis pessoas, por isso é chamada também de *Six Degrees* ou seis graus de separação. Essa pesquisa foi feita com voluntários dos Estados Unidos que moravam nos Estados de Kansas e Nebraska e deveriam conseguir chegar a algum desconhecido em Massachusetts através da mediação de alguns contatos de suas redes. A média de contatos necessários para conseguir essa finalidade foi seis, gerando a tese de que todos, de algum modo, estariam ligados numa mesma rede, numa mesma teia.

Pelo fato do Orkut ter tido grande aceitação no Brasil e os usuários brasileiros poderem enviar convites aleatórios⁶ e aceitar convites de desconhecidos, o Orkut poderia ser entendido como uma coleção de perfis de “amigos”.

Esse fenômeno brasileiro no Orkut, com um número enorme de usuários nacionais, é conhecido como *Brazilian Internet Phenomenon*, pois sem nenhuma razão aparente o número de usuários brasileiros ultrapassou o número de usuários da nacionalidade original da criação do Orkut, no caso, os Estados Unidos. Em seu início, a maioria dos usuários do Orkut era de norte-americanos, porém, com o crescente número de perfis, a internacionalização foi aumentando e ficando cada vez mais acentuada. Em fevereiro de 2004,

⁵ Apesar da grande ascensão do site Facebook no país e de muitos especialistas acreditarem que no ano de 2011 a liderança do Orkut será superada, não há ainda pesquisas publicadas que comprovem que o Facebook é a maior rede social com acessos no Brasil. Há um crescimento considerável, mas o maior número de usuários continua sendo do Orkut.

⁶ Para participar da rede Orkut era preciso que o futuro usuário fosse convidado, via e-mail, para poder se cadastrar. Hoje não há mais essa exigência.

mais de 60% dos usuários eram dos Estados Unidos. Já no final de junho de 2004, a porcentagem dos usuários brasileiros tinha ultrapassado a dos estadunidenses (FRAGOSO, 2006). Esse aumento provocou nos norte-americanos um certo desgosto e isso ficou evidente com as trocas de recados mal-educados em comunidades e em perfis, pois tanto os usuários estadunidenses criticaram e protestaram contra a participação brasileira, como os brasileiros enfrentaram e atacaram essas provocações e protestos, inclusive criando comunidades anti-Estados Unidos. Em decorrência desse número significativo de brasileiros, em 2005 o Orkut passou a ter uma versão brasileira.

Um acontecimento a respeito dessa manifestação foi quando um boato circulou anunciando que o usuário poderia ter um sistema mais rápido e com menos erros se informasse que era de outro país, que não o Brasil. Assim, muitos brasileiros declararam ser de outros países, o que ilustra a imprecisão de alguns dos dados estatísticos do Orkut (FERNANDES, 2008).

O criador do Orkut, em entrevista à *Folha OnLine*⁷, esboça uma possível explicação para esse fenômeno brasileiro:

talvez seja cultural, tenha a ver com a personalidade de vocês, que são conhecidos como um povo amigável. Pode ser devido à própria característica do mecanismo de entrada no *site*⁸. Eu tenho alguns amigos que têm amigos brasileiros, e assim foi se espalhando, o que era mesmo a minha idéia desde o início (FOLHA ONLINE, 03/07/2005).

Em outra pesquisa feita em 2010 pela *ZebraNetwork*⁹, é possível verificar a audiência brasileira no Orkut, visto que é o 3º site mais acessado e, levando-se em consideração que o país tem 44 milhões de usuários da internet, a cada quatro internautas brasileiros, três acessam o Orkut (gastando em média 9 minutos), um acessa o Facebook (gastando em média 3,2 minutos) e menos de um acessa o Twitter (com média de tempo de 3 minutos).

Esses dados não são de inteira credibilidade, pois sabemos que há perfis falsos ou indivíduos que possuem vários perfis. Porém, a mesma pesquisa mostra que 51% dos usuários são mulheres e 49% são homens. Além disso, no dia 03 de Janeiro de 2011, cerca de 62 milhões de novas fotos

⁷ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u97858.shtml>.

⁸ Nota nossa: atualmente o cadastro no Orkut é livre. Não há necessidade do convite para se cadastrar.

⁹ Disponível em: <http://www.dignow.org/post/the-numbers-of-orkut-in-brazil-by-no-zebra-network-brazil-1556317-17357.html>. Acesso em 14/04/2011.

foram adicionadas, gerando um fluxo de 1,6 bilhões de visualizações. E o Brasil continua liderando a audiência no Orkut: se em 2004 os Estados Unidos representavam 51,36% e o Brasil 5,16% dos usuários, em 2011 os brasileiros constituem 50,60% enquanto que os norte-americanos correspondem a 17,78%.

É interessante salientar que o Orkut, por estar ligado ao Google, agrupa grande quantidade de informações de todos que se cadastram e esses dados passam a ser controlados pelo Google, inviabilizando a ideia de que a Internet seria um meio sem controle, onde o poder não opera. Nota-se aqui, contrariamente, uma das faces do poder, que opera registrando segundo um procedimento estatístico (FOUCAULT, 1975/1988), tema que será retomado no próximo capítulo. Um dos efeitos desse registro contínuo é a construção de discursos, verdades e modos de ser.

Interessante notar também que grande parte dos usuários não tem conhecimento de que fazem parte de um grande banco de dados e que há vigilância e controle como no mundo real e, por isso, agem de forma ilegal, fazendo coisas consideradas ilícitas. Porém, até o poder judiciário está tomando partido das redes para contribuir nas investigações criminais. Exemplificando, em 2006, o Ministério Público de São Paulo solicitou a quebra de sigilo de algumas contas do Orkut, pois se tratava de pessoas que praticavam crimes como pornografia, racismo, venda de medicamentos (que necessitam de receita médica) e de drogas; e estavam fazendo isso dentro do sistema de serviço do Google. Outro exemplo é o GARRA (Grupo Armado de Repressão a Roubos e Assaltos), que alerta que muitos sequestros e falsos sequestros são planejados pelo Orkut, sendo que os sequestradores investigam o perfil das vítimas procurando os lugares que frequentam, os amigos, os locais de estudo, de trabalho, acompanhando o fluxo e o conteúdo dos *scraps*, etc. Segundo Renato Ópice Blum, especialista em Direito Eletrônico e professor da FGV (Fundação Getúlio Vargas) e da USP (Universidade de São Paulo), a legislação brasileira “cobre 95% dos crimes na internet; pune de forma adequada cerca de 75% das ocorrências, mas tem uns 5% dela que precisam ser atualizados” (GARCIA, 2011, p.1). De acordo com Elizangela Grigoletti (MITI Inteligência – empresa de monitoramento de mídias online), que monitora cerca de 3.500 veículos de comunicação e mídias

sociais, são encontrados “mais de 38 mil interações que utilizavam palavras de baixo calão para falar sobre empresas, marcas, personalidades e outros indivíduos”, num período de cinco dias (DEUTNER, 2011, p. 1). Tudo isso demonstra como a vigilância está presente na Internet, evidenciando que a rede não é um meio livre e sem controle como muitos acreditam.

Ainda com relação à tentativa de controle das redes sociais, em 2010, a empresa *Webroot* criou um programa que impede os usuários de acessarem as redes quando estiverem bêbados e postarem algo de que se arrependam no dia seguinte. A ferramenta se chama “teste de sobriedade para redes sociais”, é gratuita para o navegador Firefox e funciona da seguinte forma: o usuário ao acessar suas redes preferenciais passa pelo exame de coordenação motora e, caso não passe no teste, não acessa suas redes sociais. Tudo isso para evitar certas exposições em função de uma embriaguez e para o usuário ter um suposto controle daquilo que ele posta.

O Orkut funciona como uma grande rede que liga vários usuários, exigindo o preenchimento de cadastro (perfil) para que se faça parte da rede. No início, o Orkut exigia que o futuro usuário fosse convidado (via e-mail) para poder se cadastrar. Neste cadastro, o usuário fornece informações pessoais que formarão o seu *profile* (perfil) e que será a sua identidade na rede. Esses perfis podem ser preenchidos totalmente ou apenas parcialmente, além de poderem ser modificados a qualquer hora, fazendo com que as informações ora dadas (independente de serem “verdadeiras” ou “falsas”) sejam modificadas, trocadas, apagadas, ocultadas, etc. Segundo Bruno (2006), o termo *profile* acaba demonstrando uma certa temporalidade e instabilidade por funcionar como um pré-registro: um “*pro-file*”. Resumidamente, os perfis no Orkut podem ser organizados basicamente em três categorias:

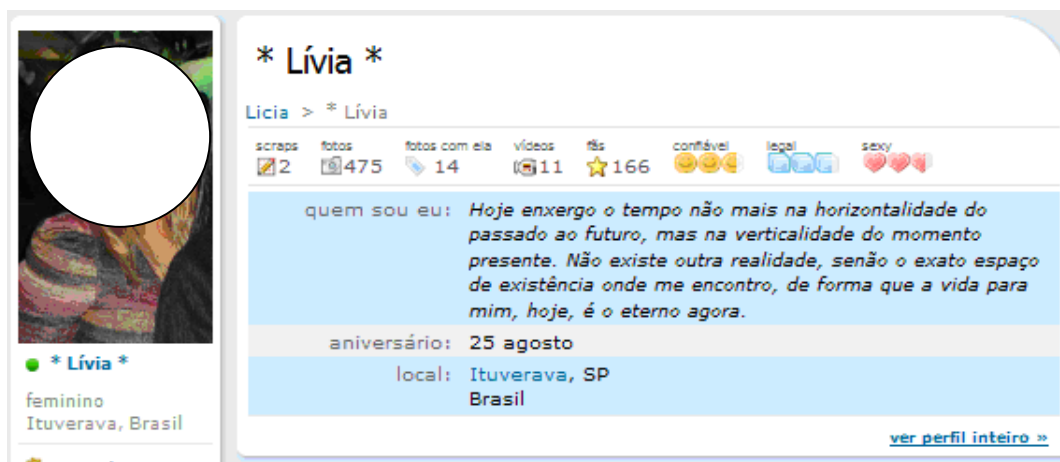
a) perfil social: nome, sobrenome, cidade, país, endereço, email, relacionamento, gênero, aniversário, telefone, idiomas que falo, interesses, filhos, etnia, religião, visão política, humor, orientação sexual, estilo, fumo, bebo, animais de estimação, página na Web, quem sou eu, paixões, esportes,

atividades, livros, música, programas de TV, filmes, preferências gastronômicas¹⁰;

b) perfil profissional: escolaridade, faculdade, curso, diploma, ano, profissão, setor, sub-setor, empresa/organização, site da empresa, cargo, descrição do trabalho, e-mail de trabalho, telefone de trabalho, habilidades profissionais, interesses profissionais¹¹; e

c) perfil pessoal: título, o que mais chama atenção em mim, altura, cor dos olhos, cor dos cabelos, tipo físico, arte no corpo, aparência, do que mais gosto em mim, o que me atrai, o que não suporto, primeiro encontro ideal, com os relacionamentos anteriores aprendi, cinco coisas sem as quais não consigo viver, no meu quarto, você encontra, par perfeito¹².

Além dessas informações, o usuário pode colocar uma imagem de apresentação que aparecerá na primeira página junto com o nome e suas informações, lembrando que as informações presentes no formulário de cadastramento são opcionais, podendo o perfil ser identificado apenas com o nome. Os usuários têm, ainda, a possibilidade de cadastrar fotos num álbum de fotos. É possível também anexar vídeos, além de deixar recados em um livro de recados (*scrapbook*). Exemplos de preenchimento de perfis do Orkut.



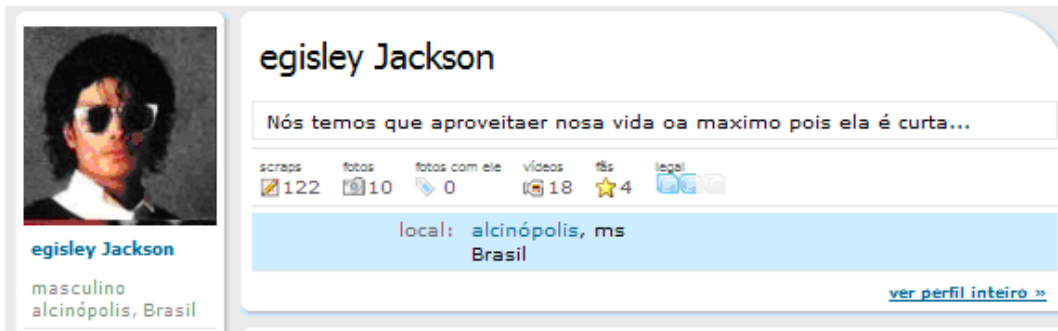
Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=9400342312046627233>

¹⁰ As categorias “Quem sou eu, paixões, esportes, atividades, livros, música, programas de TV, filmes e preferências gastronômicas” são abertas, ou seja, o usuário pode escrever o que quiser a seu respeito. Os outros itens são categorias fechadas, em que há um filtro com as opções para se escolher.

¹¹ Apenas “escolaridade, setor, subsetor e ano” são categorias fechadas.

¹² Cor dos olhos, cor dos cabelos, tipo físico, arte no corpo, aparência, do que mais gosto em mim, o que me atrai são categorias fechadas.

Nesse perfil é possível perceber que o usuário se apresenta no perfil com uma espécie de pensamento no “quem sou eu”, data de aniversário e local.




The image shows a screenshot of an Orkut profile for a user named 'egisley Jackson'. On the left, there is a profile picture of Michael Jackson wearing sunglasses. Below the photo, the name 'egisley Jackson' is written in blue, followed by 'masculino' and 'alcinópolis, Brasil'. The main profile area has a header with the name 'egisley Jackson' and a bio box containing the text 'Nós temos que aproveitaer nosa vida oa maximo pois ela é curta...'. Below the bio, there are statistics for 'scrap', 'fotos', 'fotos com ele', 'vídeos', 'fãs', and 'legal'. The 'local' field is filled with 'alcinópolis, ms' and 'Brasil'. A link 'ver perfil inteiro »' is visible at the bottom right of the profile area.

Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?rl=fpp&uid=1649408210952940671>

Esse perfil se identifica apenas com uma frase, local e a foto do cantor Michel Jackson, ou seja, informa que, de alguma maneira deve ser fã do cantor, mas não revela a imagem do seu rosto.

Já no perfil abaixo percebemos como o usuário se coloca a falar de si, visto que preenche vários marcadores, como: relacionamento, aniversário, idade, idiomas que falo, interesses no Orkut, quem sou eu, filhos, etnia, religião, humor, estilo, fumo, bebo, animais de estimação, moro, cidade natal, página web, paixões, esportes, programas de tv, cidade, CEP, país.



Lucas Romualdo

masculino,
solteiro(a)
Ituverava/Franca,
Brasil

+ amigo
denunciar abuso
mais »

perfil
página de
scrap
fotos
vídeos
depoimentos
eventos

Lucas Romualdo

Licia > João > Lucas

scrap 341 fotos 11 fotos com ele 3 vídeos 0 ffs 171 confiável legal sexy

social pessoal

relacionamento: solteiro(a)
aniversário: 3 junho
idade: 20
idiomas que falo: Português (Brasil)
interesses no orkut: amigos, namoro (mulheres)
quem sou eu: sou um cara legal.
filhos: não
etnia: outra
religião: outro
humor: simpático
estilo: contemporâneo, elegante, na moda
fumo: não
bebo: não
animais de estimação: gosto de animais de estimação
moro: com meus pais
cidade natal: ituverava
página web: http://contentsuppressed
paixões: mulheres,carros,musica.....
esportes: futebol...
programas de tv: simpsons....
cidade: Ituverava/Franca
código postal/CEP: 14500
país: Brasil

Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?rl=fpp&uid=5882925726963373786>

A partir de abril de 2006, foi implantada a “visualização de seu perfil”, em que a visualização dos dados do perfil poderia ou não ser liberada para acesso de todos ou bloqueada para outros perfis que não fizessem parte de uma dada rede. Deste modo, se um indivíduo quisesse entrar em outros perfis, a sua visita seria registrada, assim como ele teria o controle de quem entrou em seu perfil, porém, caso a função “visualização do seu perfil” não fosse habilitada, o indivíduo poderia circular por outros perfis sem ser visto (registrado), mas também não teria acesso a registros de quem acessou o seu perfil. Aqui impera a lógica da visibilidade mútua: ao me revelar, a identidade dos outros também é revelada para mim; se me escondo, a identidade dos outros também é ocultada. Do mesmo modo que o Orkut possibilita o fascínio

de descobrir sobre o perfil alheio tem-se também a desconfiança, o medo de expor seus dados e ficar suscetível a inúmeras ações, até mesmo criminosas. A ferramenta não possibilita uma vigilância oculta, em que eu poderia visitar os perfis de outros e ao mesmo tempo saber quem teria tido acesso ao meu perfil. Essa é uma outra especificidade do funcionamento do poder no Orkut.

Além do perfil individual, o Orkut oferece ainda, a possibilidade de se criar comunidades com temas variados que agrupem perfis com interesses em comum e que debatam certos assuntos nas sessões de fórum. Esses agrupamentos podem ser entendidos como redes de alianças, com suas normas (proibições e permissões), porém, flexível e instável. Por meio das comunidades é possível agrupar estilos, gostos, grupos identitários, etc.

Ao acessar a página do Orkut, a visualização é a seguinte: no canto superior direito há uma janela de *publicidade*, abaixo uma janela com as imagens e nome dos *perfis dos seus amigos* (sua rede) com um círculo colorido ao lado para indicar se o perfil está *online* (verde), ocupado (vermelha) ou ausente (laranja) para bate-papo no Orkut. Ao clicar em cada nome (que funciona como *link*), o usuário é conduzido à página desses perfis. Abaixo dessa janela há outra com as *comunidades* que o usuário adicionou ao seu perfil e, portanto, integra.

Na parte central há *links* para os *recados*, *fotos*, *fotos com amigos*, *fãs* e *mensagens*. Abaixo há a opção *visualização de perfil* (caso esteja habilitado) com a respectiva data da habilitação e a quantidade de visitas que recebeu no seu perfil. Abaixo, há *visitas recentes* com os nomes dos últimos visitantes e *sorte do dia* com frases.


Continuando, ainda na parte central há uma janela para lembrar os *próximos aniversários*, *amigos sugeridos pelo Orkut*, *atualização dos meus amigos* e *minhas atualizações*.

Na esquerda e em uma coluna mais estreita há a foto e nome do perfil e *links* para *recados*, *fotos*, *vídeos*, *depoimentos*, *eventos* e *promova*. Abaixo há os *APPS* (aplicativos para adicionar) e *links* para *listas*, *mensagens*, *atualizações*, *configurações* e *spam*.

Na parte superior encontramos: *início*, *perfil*, *página de recados*, *amigos*, *comunidade*, *teste o novo Orkut* e *sair*. Na parte extrema inferior e com uma fonte reduzida encontram-se: *sobre o Orkut*, *acesse Orkut.com*, *blog*,

desenvolvedores, central de segurança, privacidade, termos de uso, publicidade e ajuda.

orkut: [página inicial](#) [perfil](#) [página de scraps](#) [amigos](#) [comunidades](#) [teste o novo orkut!](#) [licia_p...](#) [Sair](#)



Bem-vinda, Licia

janela aberta para a felicidade 2010! [editar](#)

scraps: 345 fotos: 16 fotos comigo: 0 fãs: 129 mensagens: 2340

Visualizações de perfil: Desde fev. 2006: 15,946

Visitantes recentes: [duda silva](#), [**JoSiane** Martins](#), [Quero2 Compra Coletiva](#), [rimbaudeleire bandeira](#), [Bad Jack Batatais/SP](#), [Rafael Henrique](#), [Fernando Moretti](#), [Luis Tomasini](#), [Paula Rosa](#) ✪, [Beto Gianoni](#)

Sorte de hoje: O melhor presente que você pode dar é um abraço: ele é tamanho único, e ninguém vai se importar se você quiser devolvê-lo

Último login: 20 de junho de 2011 18:23

próximos aniversários

Adriana Hoje! deixe um scrap	Raquel Hoje! deixe um scrap	Marcos & Ellen Hoje! deixe um scrap	Mara 28 junho	Marcia 29 junho
JoSiane 1 julho	Marcio Cavalin 5 julho	**TATI ROMERO 2 6 julho	PedroBatera_RP 8 julho	Artur 9 julho
..Murilo 10 julho	Flavio Felicio 11 julho	Marcio 11 julho	visualizar os aniversários dos seus amigos no Google Agenda	

amigos sugeridos pelo orkut

Karen * adicionar como amigo	Má..... adicionar como amigo	Luis adicionar como amigo	Leonardo Gordim adicionar como amigo	Licia adicionar como amigo
--	--	-------------------------------------	--	--------------------------------------

Atualizações dos meus amigos | **Minhas atualizações**

Arlene Salgado (via Mini Fazenda)

Vizinho cuidou por 10 dias seguidos de s...
Vizinho tem sido um ótimo fazendeiro e se dedica diariamente à vida no campo! [Pegar bônus](#)

Adriana Duarte recebeu um novo depoimento de william fiasina \o/

Adriana Duarte compartilhou álbuns com você:

Festa Junina

2011!!!

Adriana Duarte adicionou 37 novas fotos para o álbum Festa Junina

publicidade

meus amigos (470)

buscar amigos

[ver todos >>](#) [gerenciar](#)
[encontrar mais amigos >>](#)

minhas comunidades (192)

ALAIR IDEIA FRACA. (42)	É fazendo merda q aduba a vida (339.349)	Eu não sou convencido... (219)
Fotografia (142.997)	Fã Clube Oficial Nando Reis (29.119)	Ai que burro, dá zero pra ele! (653.807)

[ver todas >>](#) [gerenciar](#)

Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?origin=is&uid=1743939290568526060>

Pela possibilidade dos usuários poderem se cadastrar apenas com o nome (sem fornecer outros dados), podem ocorrer perfis incompletos, falsos (conhecidos como *fakes*) e, por isso, os usuários do Orkut têm a possibilidade de denunciar aqueles perfis que são suspeitos (nome ou imagem diferentes da identidade social do sujeito, ou quando não atendem ao regulamento de Termos de Uso). De acordo com Fragoso (2006, p. 5), apesar de alguns autores serem muito severos com o controle dos perfis, “os administradores do Orkut foram sempre muito mais condescendentes com os perfis fictícios”. O *fake* não será abordado enquanto relação entre identidade virtual e real, separando o que seria real e o que seria virtual, mas sim, como mais uma das possibilidades de falar de si e de circulação dadas pelo Orkut e as resistências possíveis.

É possível adiantar que, com todas essas ferramentas à disposição de um sistema de informação, o controle se faz presente de maneira total e o que mascara esse poder seria o discurso sedutor da livre circulação e exposição de uma imagem de si. Desse modo, percebemos como o poder é constitutivo das relações *online* e das possibilidades de se constituir uma imagem de si no Orkut.

Na sequência discorre-se sobre o poder com as respectivas análises.

2. PODER

Neste capítulo trataremos da questão do poder proposta por Michel Foucault. Para ele, o poder não é tratado como uma teoria, visto que o poder não é apreendido como objeto a ser estudado, nem mesmo é definido com características universais e, tampouco, passível de generalização e reduplicação. O poder é uma prática social, emerge das/nas relações entre os indivíduos, não pertence a alguém ou é exercido por alguém. O poder é microfísico. Assim, abordaremos algumas faces do poder propostas nos trabalhos genealógicos de Foucault: (i) o poder jurídico ou poder-lei, em que o poder ganha *status* de negação, interdição, censura; (ii) o poder estratégico ou poder-prazer, em que o poder não nega ou proíbe, mas incita; não interdita, mas deixa falar, circular e, com isso, vincula-se à formação de saberes, como é o caso da confissão, que visa levar o sujeito a falar indefinidamente e exaustivamente de si para um dado interlocutor legitimado a ocupar esta posição; (iii) e o poder disciplinar, cujo objetivo é normatizar as condutas, os corpos, os comportamentos e os discursos, constituindo corpos “dóceis e úteis” (FOUCAULT, 1975), gerindo e registrando informações, criando estatísticas, entre outros.

2.1 Poder jurídico e poder estratégico

O poder para Foucault não é apenas institucional, não opera apenas pela forma da lei jurídica ou pela lógica da dominação, da relação autoritária e da regra. O poder é heterogêneo e existe como uma multiplicidade de forças dentro de um mesmo domínio. Esse é o seu ordenamento; o poder tem várias faces e várias instâncias. Na fala de Foucault (1988, p.103), “o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada”.

Podemos entender que o poder não opera apenas censurando, reprimindo, pois “o que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como a força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (FOUCAULT, 1999, p. 8). Com seus estudos sobre a produção da sexualidade no Ocidente, Foucault ratificou sua tese de que o poder ou as relações de poder não operam apenas hierarquicamente e de forma negativa, mas, de forma difusa e produtiva, atravessam todos os domínios, sejam eles oficiais ou cotidianos. Assim, há duas dinâmicas de poder descritas (em torno do sexo) por Foucault: o poder jurídico (que opera pela repressão e pela censura) e o poder estratégico (que opera pela incitação, pelo prazer e pela intensificação) (FOUCAULT, 1988).

O poder jurídico ou poder-lei opera de forma negativa, rejeitando, excluindo, recusando, dizendo o que é lícito ou ilícito, interditando, proibindo o tocar, o falar, o consumir. Esse poder apresenta cinco características:

- *a relação negativa* em que o poder opera rejeitando, excluindo, recusando ou também ocultando e mascarando;
- *a instância da regra* em que o poder seria o criador das leis, a instância da ordem que permite o que é lícito ou ilícito por meio das regras: “a forma pura do poder se encontra na função do legislador; e seu modo de ação com respeito ao sexo seria o jurídico-discursivo” (FOUCAULT, 1988, p. 94);
- *o ciclo da interdição* em que a proibição toma a forma mais aparente, não permitindo se aproximar, não deixando falar, não podendo aparecer, não podendo consumir, não podendo ter prazer. Essa proibição opera pelo castigo e tem dupla inexistência, seja por aquilo que se anule (proibição) ou se apague (castigo);
- *a lógica da censura* em que a interdição apresenta três formas interligadas de modo a silenciar o discurso: mostrar o que é proibido, não permitir que se diga o que é proibido e negar que exista esse algo proibido; e
- *a unidade do dispositivo* em que o poder tido como direito, lei, jurídico, permeia todas as camadas da população, instituições, instâncias, está em todos os níveis de forma uniforme e age de acordo com a interdição e com a censura e, desse modo, as relações de submissão estariam presentes, estando então o sujeito numa condição de assujeitamento a esse poder-lei.

Diferentemente, o poder estratégico, ou poder-prazer, opera de maneira criativa e sutil, tendo como características circular e não ter ninguém que o domine ou o compartilhe; não ser hierárquico e nem impositivo; ser constitutivo das relações; não operar de maneira binária; não ser fruto de uma intenção subjetiva; e não ter um ponto de resistência exterior, mas resistências múltiplas inscritas na sua própria dinâmica, móveis e transitórias.

Desse modo, pensar o funcionamento político das relações valorizando certas práticas, certas verdades, certos discursos, implica pensar como essas práticas e verdades estão inseridas numa rede de produção e circulação que valoriza certos discursos e não outros e produz certas verdades e não outras.

Trata-se, portanto, de levar a sério esses dispositivos e de inverter a direção da análise: ao invés de partir de uma repressão geralmente aceita e de uma ignorância avaliada de acordo com o que supomos saber, é necessário considerar esses mecanismos positivos, produtores de saber, multiplicadores de discursos, indutores de prazer e geradores de poder (FOUCAULT, 1988, p. 83).

Assim, podemos pensar na maneira como o poder atua, tomando como base certas “regras metodológicas” propostas por Foucault (1988):

- *regra de imanência*: a relação saber-poder gera certo conhecimento de estatuto verdadeiro produzido por procedimentos de poder. Tais procedimentos incluem a observação, a confissão, a transcrição, a gravação, o registro, etc., existentes e legitimadas por certos tipos de relação, como “por exemplo, as relações que se estabelecem entre penitente e confessor, ou fiel e diretor de consciência” (FOUCAULT, 1988, p. 109);

- *regra das variações contínuas*: a relação poder-saber não é estática, mas dinâmica, pois as relações de força vão operando modificações: “as relações de poder-saber não são formas dadas de repartição, são matrizes de transformações” (FOUCAULT, 1988, p. 110);

- *regra do duplo condicionamento*: as relações de poder não são unilaterais, impositivas ou homogêneas, “ao contrário, deve-se pensar em duplo condicionamento, de uma estratégia, através da especificidade de táticas possíveis e, das táticas pelo invólucro estratégico que as faz funcionar” (idem, p. 110); e

- *regra da polivalência tática dos discursos*: a relação poder-saber se articula de forma a produzir vários discursos de diversas ordens falando sobre o mesmo tema:

é preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta (idem, p. 111).

Fica evidente a capacidade do discurso em produzir e veicular poder e, desta forma, também resistir, mediante reação, aprovação, legitimidade, contestação, porém, sempre inseridos na mesma estratégia:

não existe um discurso do poder de um lado e, em face dele, um outro contraposto. Os discursos são elementos ou blocos táticos no campo das correlações de força; podem existir discursos diferentes e mesmo contraditórios dentro de uma mesma estratégia; podem, ao contrário, circular sem mudar de forma entre estratégias opostas (FOUCAULT, 1988, p. 112-113).

A resistência é necessária aos mecanismos de poder, pois é capaz de lhe dar novas formas, trazer à tona novos discursos, fazer ver outras possibilidades, o que só é possível em espaços de liberdade, ou seja, o poder circula apenas onde é possível fazer escolhas. Defende-se nesta dissertação que as ferramentas Internet, em especial a rede social Orkut, potencializam a forma de funcionamento do poder. No Orkut, por exemplo, há tanto a instância das regras, dos termos de uso e de regulação, como também espaços possíveis para a resistência, seja propondo o diferente, o marginal, mostrando as minorias, burlando, em alguns casos de forma criativa, os termos e as regras, etc. Desse modo, todos estão inscritos nessa rede em que os sujeitos não aceitam apenas passivamente o que é apresentado como “correto”, “norma”, mas podem resistir de várias formas.

Conforme visto, o poder-estratégico opera produzindo saber: toda produção de um discurso de verdade se apoia em relações de poder. Com isso, em seus trabalhos sobre poder-saber, Foucault questiona: como o poder atua sobre determinados “fatos” produzindo certos discursos verdadeiros? Por exemplo, em torno da loucura são produzidos discursos sobre a psiquiatria, sobre as clínicas, sobre a instituição asilar, sobre o isolamento e a repressão;

do mesmo modo, a sexualidade serviu de mote para a produção de discursos sobre o sujeito, o como agir e desejar, como se comportar, sobre a pedagogia infantil, sobre a histeria das mulheres, sobre as campanhas anti-masturbatórias, sobre o ideal de casal, sobre a forma de administração do prazer, etc.

Dada a relação posta por Foucault, em *História da Sexualidade vol. 01* (1988), entre o poder e a produção discursiva em torno da sexualidade, não interessa ao filósofo fazer um estudo histórico sobre as proibições (poder jurídico), mas entender outros tipos de poderes e suas atuações, no sentido de destrinchar uma história política das produções de verdade no Ocidente, sendo que a produção do discurso científico no Ocidente se deu pela vontade de saber (1988), mediante procedimentos políticos, como o interrogatório, o exame, a confissão, a formação de arquivos, etc. O que o autor queria não era pesquisar e encontrar verdades ocultas, mas dar visibilidade ao que já era visível, ou seja, “fazer aparecer o que está tão perto, o que é tão imediato, o que está tão intimamente ligado a nós mesmos que exatamente por isso não o percebemos [...] fazer ver o que vemos” (Foucault *apud* ARTIÈRES, 2004, p. 15) e, sendo assim, cabe questionar de que maneira as relações de poder atuam produzindo discursos, verdades, comportamentos, etc. Nas palavras de Foucault isso se dá, de forma geral, pelo domínio científico:

entendo por verdade o conjunto de procedimentos que permitem a cada instante e a cada um pronunciar enunciados que serão considerados verdadeiros. Não há absolutamente instância suprema. Há regiões onde esses efeitos de verdade são perfeitamente codificados, onde os procedimentos pelos quais se pode chegar a enunciar as verdades são conhecidos previamente, regulados. São, em geral, os domínios científicos (FOUCAULT, 2006, p.232-233).

Neste mesmo estudo (1988), Foucault propõe que a partir do século XVI – muito longe de um silenciamento em torno do sexo – houve uma proliferação de discursos sobre o sexo, que passaram a circular intensamente nos meios institucionais como a escola, a Igreja e a família, além de se tornarem objeto de interesse de saberes advindos da medicina e da pedagogia, por exemplo. Podemos dizer que essa publicação foi revolucionária, pois rompeu com o conceito de poder até então entendido como soberano, trazendo

novas concepções de efeitos, modo de funcionamento e principalmente sobre a própria natureza do poder, pois se propôs a pensar o poder sem rei e sem lei.

O que ocorreu foi que, ao invés de reprimir e silenciar as práticas sexuais, o poder operou pela fala, a inclusão, a incitação, e, assim, quanto mais informações sobre o sexo, mais seria possível controlá-lo. A lógica do poder, então, passou da imposição hierárquica, em que atuava censurando, para a microfísica¹³ do poder, entendido como um poder que não se pode possuir, que não existe em si mesmo, pois está inserido em todas as relações, que se exerce, se pratica. O poder circula, por isso não é hierárquico e não pertence a alguém ou a alguma classe e, sendo circulante, ele retorna, dinamiza, produz novos efeitos, se reconfigura: “[...] o poder é precisamente o elemento informal que passa entre as formas do saber, ou por baixo delas. Por isso ele é dito microfísico” (DELEUZE, 1992, p. 122).

Decorre desta inversão, a proliferação das formas de discurso sobre o sexo (como se fala, onde se fala) ao invés da sua repressão, potencializando os efeitos cotidianos de controle, sendo que o importante não é “determinar se essas produções discursivas e esses efeitos de poder levam a formular a verdade do sexo ou, ao contrário, mentiras destinadas a ocultá-lo, mas revelar a “vontade de saber” (FOUCAULT, 1988, p. 18). Com isso, a discursivização do sexo se filia a uma vontade de saber que procura, a partir do século XVIII, constituir uma verdade com estatuto de conhecimento e não mais com estatuto de ritual. Essa diferença se dá da seguinte forma: com a prova/ritual havia uma verdade que era suscitada por meio de rituais; possuía um teor místico, pois envolvia regras de comportamento, prescrições, procedimentos, etc., que agiam em torno da verdade construída como segredo. Já a verdade-conhecimento/acontecimento se dá quando a verdade passa a assumir a forma de conhecimento, com suas normas e regras de produção, diferente da verdade/ritual. Essa passagem do ritual ao conhecimento se deu no Ocidente no final da idade Média por conta das transformações nas sociedades, como a emergência de um poder do Estado, as relações comerciais que se expandiram e as novas técnicas de produção econômica

¹³ A questão da microfísica será retomada adiante quando tratarmos do poder disciplinar.

(FOUCAULT, 1999). A verdade, então, passou a ser legitimada pelo domínio científico segundo certos procedimentos de poder.

A proliferação de discursos em torno do sexo tem, no Ocidente, uma ligação com a procura da verdade, a verdade do sujeito humano, como por exemplo, o sexo deixa de estar ligado apenas à reprodução de novos indivíduos e à constituição e manutenção das famílias; a sexualidade passa a ser entendida como constitutiva do sujeito, em diferentes níveis e aplicações. Desse modo, “o sexo foi o núcleo onde se aloja, juntamente com o devir de nossa espécie, nossa “verdade” de sujeito humano” (FOUCAULT, 1999, p. 127), isso desde a Antiguidade até a Contemporaneidade. Contudo, não se trata do mesmo estatuto de verdade em diferentes épocas. Modernamente, a vontade de saber se apoia nos discursos e práticas científicas.

Um breve histórico sobre a vontade de saber sobre o sexo (FOUCAULT, 1988) mostra que a igreja cristã, detentora de poderes sobre os fiéis, passa a ser também detentora da verdade dos sujeitos, por meio do conhecimento da vida sexual dos mesmos e fazia esse controle através das confissões, que possibilitavam a produção de um certo tipo de conhecimento sobre a sexualidade. Tal conhecimento englobava as ideias e práticas de pecado, penitência, proibição, desejos e salvação, de forma que para se ter uma existência “digna” era preciso seguir exatamente o que a Igreja dizia e, certamente, a iluminação divina não estava ligada aos prazeres sexuais.

A confissão, o exame de consciência, toda uma insistência sobre os segredos e a importância da carne não foram somente um meio de proibir o sexo ou afastá-lo o mais possível da consciência; foi uma forma de colocar a sexualidade no centro da existência e de ligar a salvação ao domínio de seus movimentos obscuros. O sexo foi aquilo que, nas sociedades cristãs, era preciso examinar, vigiar, confessar, transformar em discurso (FOUCAULT, 1999, p. 127).

Desse modo, havia uma certa polícia (fiscalização) religiosa dos enunciados em torno do sexo, em que havia regras de decência, de vocabulário permitido, de locais onde era permitido falar sobre o sexo e de pessoas com quem falar sobre o assunto. Assim, era de extrema importância para a Igreja (na Contra-Reforma) a questão da penitência, ligada à forma de fazer dos desejos um discurso.

Contudo, o procedimento da confissão não ficou restrito ao domínio religioso. Segundo Foucault (1988), a partir do século XVIII, esse procedimento se transportou das instâncias religiosas para outras, como a científica. O filósofo apresenta algumas justificativas para que a confissão sexual pudesse ser incorporada pelas instâncias científicas (p. 75-76):

- a) *através de uma codificação clínica do “fazer falar”*: atrelar a confissão ao exame, ou seja, a um conjunto de sintomas que fazem parte de um campo de análises aceitas cientificamente e que devem ser verbalizados;
- b) *através do postulado de uma causalidade geral e difusa*: o sexo, ao ser posto como a causa das doenças, passa a ser discursivamente extorquido;
- c) *através do princípio de uma latência intrínseca à sexualidade*: o sexo, tendo uma natureza esquiva, precisaria ser arrancado por procedimentos de poder que fossem cada vez mais sutis e plurais: “O princípio essencial de uma latência essencial à sexualidade permite articular a coerção de uma confissão difícil a uma prática científica” (FOUCAULT, 1988, p. 76);
- d) *através do método de interpretação*: a verdade não está no confessante, mas em quem ouve e interpreta a confissão e a transforma em discurso de verdade;
- e) *através da medicalização dos efeitos da confissão*: a confissão é sobreposta a procedimentos terapêuticos: “a verdade cura quando dita a tempo, quando é dita a quem é devido e por quem é, ao mesmo tempo, seu detentor e responsável” (FOUCAULT, 1988, p. 77).

Assim, a verdade sobre o sexo por volta do século XVIII passa a ser incitada de forma política, econômica e técnica, passando a ser contabilizada, classificada, pesquisada e regulada por meio de discursos públicos (não pela proibição), pois passou a ser encarada como um saber necessário para a gestão não só dos indivíduos, mas também da população em termos de controle da natalidade, fecundidade, práticas contraceptivas, morbidade, esperança de vida, doenças, alimentação, habitação, frequência das relações sexuais, etc.

Tendo descrito as duas faces do poder, jurídico e estratégico, observa-se, sobre as formas de funcionamento do poder na Internet, que a sensação de liberdade é simplesmente a sensação da (suposta) ausência do poder-lei. Isso pode ser explicado pela

crença de que a prática da liberdade estaria vinculada à possibilidade de minimização dos efeitos de poder, em que liberdade e poder seriam vistos como antagonistas. Tem-se, com isso, um mascaramento dos efeitos do poder que operam, entre outros, produzindo discursos verdadeiros sobre modos de ser, concepções de mundo ou formas de se relacionar, sem que tais discursos sejam problematizados (BUZATO; SEVERO, 2010, p. 6).

Fernandes (2008, p. 284) também corrobora essa visão de que a ausência de poder na Internet é uma ilusão, pois “o sujeito do Orkut experimenta a sensação de ser livre, quando na verdade participa de uma sociedade controladora e está preso à ordem discursiva desta sociedade”.

Temos, então, que o poder na Internet não é estático, ele vai se reciclando, se renovando, pois de tempos em tempos os poderes vão mudando, configurando novos regimes de fazer, de falar de si, de agir, etc. O poder não é algo que se domine ou compartilhe, ele circula e é também efeito dessa circulação, funcionando em rede. Ele não se localiza nos indivíduos, ele atravessa os indivíduos, fazendo com que o indivíduo se torne sujeito enquanto inscrito em certos regimes de subjetivação, havendo sempre a possibilidade de resistência, pois para haver poder é preciso ter espaço de liberdade: os indivíduos precisam ter a possibilidade de reagir de alguma maneira ao poder que lhe é colocado e “para resistir, é preciso que a resistência seja como o poder. Tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele. Que, como ele, venha de ‘baixo’ e se distribua estrategicamente” (FOUCAULT, 1999, p. 136), pois os poderes operam de maneira criativa e não de maneira repressora, oferecendo a possibilidade de mudança num espaço em que há a sensação de não haver um poder hierárquico regulando as condutas, os dizeres.

2.2 Poder disciplinar

Em seus trabalhos sobre a história da violência nas prisões (1975), Foucault analisou a dinâmica do poder pelo viés das disciplinas, pois percebeu que a partir do séc. XVII e XVIII o poder passou a operar segundo a lógica da vigilância, e não mais segundo o modelo soberano e hierárquico, passando a atuar normatizando as condutas, os comportamentos, os corpos, os discursos, etc. Para Foucault (1999), o poder disciplinar foi uma das invenções da burguesia, pois serviu para condicionar os homens e, conseqüentemente, para constituir o capitalismo industrial, porém, a emergência desse poder não implicou o apagamento do poder jurídico-soberano, que continuou existindo tanto “como uma ideologia do direito como também organizando os códigos jurídicos” (FOUCAULT, 1999, p. 105).

Duas características definem o poder disciplinar. A primeira diz respeito a um certo modo terminal de maneira a penetrar os corpos, os gestos, os comportamentos, as palavras, os discursos: “em outras palavras, creio que o poder disciplinar é certa modalidade, bem específica da nossa sociedade, do que poderíamos chamar de contato sináptico corpo-poder” (Foucault, 1973, p. 51). A segunda diz respeito à emergência histórica desse poder: antes ainda da Reforma Protestante, esse poder foi se configurando nas comunidades religiosas, passando, em seguida, às comunidades laicas. O poder disciplinar herdou certas técnicas da vida no convento, como exercícios religiosos para serem aplicados, continuamente e repetidamente, à vida cotidiana dos indivíduos. Essas técnicas foram se difundindo, sobretudo nos séculos XVII e XVIII.

Este novo mecanismo de poder apoia-se mais nos corpos e seus atos do que na terra e seus produtos. É um mecanismo que permite extrair dos corpos tempo e trabalho mais do que bens e riqueza. É um tipo de poder que se exerce continuamente através da vigilância e não descontinuamente por meio de sistemas de taxas e obrigações distribuídas no tempo; que supõe mais um sistema minucioso de coerções materiais do que a existência física de um soberano (FOUCAULT, 1999, p. 105).

O poder disciplinar sucedeu, sem, contudo, aniquilar, o poder de soberania, que criava uma relação assimétrica entre soberano e súdito em que o soberano recolhia tudo em seu favor: armas, colheitas, força de trabalho, tempo e produtos, sendo que o súdito ainda ficava em débito com o seu

senhor, o que, como resistência, poderia resultar em guerras, saques, revoltas, depredações, etc. Outro ponto importante para se pensar o poder de soberania é o fato desse poder se legitimar por meio de rituais que invocassem e reforçassem a relação do soberano com o divino, como uma vitória ou uma conquista: é como se o soberano fosse agraciado e legitimado pelas leis divinas e, com isso, pudesse ter seus direitos passados para os parentes de mesmo sangue. O poder de soberania tinha como atributo o direito de vida e de morte sobre seus súditos, ou seja, deixar viver ou fazer morrer a partir do momento que o soberano tinha o “direito de espada” (FOUCAULT, 1976, p. 287) e poderia matar.

Em meados do século XVII o modelo de poder disciplinar começou a aparecer no sistema militar, nos exércitos, que até então eram formados por pessoas recrutadas apenas quando havia a necessidade, sem qualquer regularidade ou treinamento contínuo prévio. Esse modelo se potencializou no quartel, onde os soldados ficavam o tempo todo ocupados, sujeitos a um controle dos seus corpos, a um regime de treinamento, a uma disciplina contínua e regular. Nasce, no exército, o adestramento, pela repetição de marchas, dos movimentos, do treino das resistências, do condicionamento, etc. Trata-se de um trabalho progressivo, repetitivo e gradual sobre o corpo e os gestos dos soldados.

O nascimento da disciplinarização das instituições não significa que outros processos disciplinares não existissem, por exemplo, nas escolas e nos conventos. Mas, o que fez com que esse poder disciplinar tenha tido tanta importância no século XVIII? Basicamente, por se tornar modelo de dominação, pois diferente da escravidão, da domesticidade, da vassalagem e de disciplinas monásticas, o poder disciplinar aplica uma política de coerções, trata o corpo humano como máquina, aumenta a sua força utilitária e econômica, suas aptidões e torna mais evidente uma certa dominação. Pensando na produção de corpos “dóceis e úteis” temos que “a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis” (FOUCAULT, 1975, p. 119).

Foucault simboliza o marco do poder disciplinar na invenção do panóptico, por Bentham¹⁴ (1791) - assim como a sua eclosão social enquanto

¹⁴ Jeremy Bentham, filósofo e jurista inglês, pensou o Panóptico como modelo prisional.

disciplina social generalizada -, que funcionava com uma torre central rodeada de celas vazadas dos dois lados (dentro e fora da construção) por janelas, de modo que quem ocupasse a cela pudesse ser vigiado constantemente: “devido ao efeito de contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se na luminosidade, as pequenas silhuetas prisioneiras nas celas da periferia” (FOUCAULT, 1999, p. 115). O panóptico, assim, agiria como efeito duplo de normatização, pois de forma contínua a normatização das condutas age até chegar ao ponto do próprio sujeito ser o vigilante de si mesmo, e também na observação individualizante, produzindo saberes por meio da classificação, do exame, do registro contínuo, dos relatórios, etc., e isso sem a utilização de armas, violência, imposições ou coações.

Apenas um olhar. Um olhar que vigia e que cada um, sentindo-o pesar sobre si, acabará por interiorizar, a ponto de observar a si mesmo; sendo assim, cada um exercerá esta vigilância sobre e contra si mesmo. Fórmula maravilhosa: um poder contínuo e de custo afinal de contas irrisório (FOUCAULT, 1999, p. 120).

No sistema panóptico, a desconfiança é total e não está estabelecida em um ponto apenas, ela circula, de modo que todos são vigiados por todos: “a perfeição da vigilância é uma soma de malevolências” (idem, p. 122). Assim, no final das contas, o que potencializa a funcionalidade do panóptico não é, por exemplo, o ato criminoso, ilícito, mas quem pratica esse ato saber que será recriminado e, com isso, temos o controle da alma, da mente e dos corpos. O poder disciplinar age em direção ao futuro, quando a vigilância passa a ser virtual, ou seja, quando o próprio sujeito se vigia a ponto de evitar comportamentos e ações que poderiam ser condenadas ou punidas.

A disciplina atua nos espaços distribuindo os indivíduos com as *cercas* (encarceramento; divisão do espaço como nas escolas), com a *clausura*, com as *localizações funcionais* (lugares determinados para potencializar a vigilância), com a *posição que ocupa* (individualiza pelo lugar que ocupa em determinada divisão: classifica o indivíduo).

Para a disciplina funcionar de modo eficaz adestrando os indivíduos, há três grandes instrumentos em operação: “o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico: o exame” (FOUCAULT, 1975, p. 143). O olhar hierárquico atua de

modo a ver, a registrar, a controlar, a observar não apenas de forma exterior, mas também controlar no interior as ações. Um exemplo desse instrumento é o acampamento militar, em que a visibilidade deveria ser geral, todos vigiando todos e isso se dá pela organização, como a distribuição das tendas e o local ideal da entrada, a localização das filas, etc. O olhar define a geografia dos espaços, no hospital, nas casas das famílias, nas escolas, etc. A sanção normalizadora é o instrumento que qualifica certos comportamentos e se permite punir com castigos os que não seguem a sua norma. Esses castigos são corretivos e tem a função de evitar e reduzir certos desvios da norma, colocando em funcionamento algumas operações, como “relacionar os atos, os desempenhos, os comportamentos singulares a um conjunto, que é ao mesmo tempo campo de comparação, espaço de diferenciação e princípio de uma regra a seguir” (FOUCAULT, 1975, p. 152). Por fim, o exame une técnicas do olhar hierárquico e da sanção normalizadora, sendo um controle que visa *qualificar, classificar e punir*, por meio do exame ritualizado. No hospital, por exemplo, se apresenta pelo exame médico, feito por meio da visita aos leitos, o registro dos sintomas. A escola também apresenta o exame para sancionar o aprendizado com provas mensais, relatórios, etc.

Podemos entender o exame segundo Fonseca (2003) da seguinte forma:

da combinação dos processos de vigilância com os de sanção normalizadora surge o instrumento do exame. Pela reunião de relações de poder de que estão investidos os mecanismos que o constituem e pela produção de um campo de saber que efetuam, o exame aparece na economia da disciplina como o meio de realização de suas funções enquanto estratégia política. É pelo exame, pretendido pelas disciplinas, que se torna possível o investimento político sobre os indivíduos e as instituições (p. 60).

Além disso, enquanto a manutenção do poder de soberania se dava pelo estigma, o poder disciplinar se mantém pela tecnologia (política) da escrita, ou seja, pelo fato de registrar continuamente e detalhadamente as condutas, como o que se faz, o que acontece, o que se diz, como se circula, tudo o que pode ser observado na escola, nas oficinas, na polícia. Esse procedimento de registro contínuo será retomado nas análises do poder no Orkut. Assim, pela escrita como tecnologia de poder é possível descrever

a constituição do indivíduo como objeto descritível, analisável, não contudo para reduzi-lo a traços “específicos”, como fazem os naturalistas a respeito dos seres vivos; mas para mantê-lo em seus traços singulares, em sua evolução particular, em suas aptidões ou capacidades próprias, sob o controle de um saber permanente; e por outro lado a constituição de um sistema comparativo que permite a medida de fenômenos globais, a descrição de grupos, a caracterização de fatos coletivos, a estimativa dos desvios dos indivíduos entre si, sua distribuição numa “população”(FOUCAULT, 1975, p. 158).

Como características do poder disciplinar, tem-se que ele é um sistema de controle contínuo, de visibilidade total e isotópico, ou seja, não é classificável, não é ordenado e não é linear. Podemos então questionar quais efeitos o poder disciplinar produz em relação aos sujeitos. Tais efeitos incluem a transformação das relações entre a função-sujeito, sujeito e a singularidade do corpo. No poder disciplinar,

a função-sujeito vem se ajustar exatamente à singularidade somática: o corpo, seus gestos, seu lugar, suas mudanças, sua força, seu tempo de vida, seus discursos, é em tudo isso que vem se aplicar e se exercer a função-sujeito do poder disciplinar. A disciplina é essa técnica de poder pela qual a função-sujeito vem se superpor e se ajustar exatamente à singularidade somática. Pode-se dizer, numa palavra, que o poder disciplinar, e é essa sem dúvida sua propriedade fundamental, fabrica corpos sujeitados, vincula exatamente a função-sujeito ao corpo (FOUCAULT, 1973, p. 69).

Pelo poder disciplinar, pela observação do detalhe, é que surge o indivíduo/sujeito como realidade histórica, sendo fruto das forças produtivas e políticas e sendo um corpo assujeitado, visto que é colocado em sistemas de normatização. Desse modo, podemos entender como a sexualidade foi importante estrategicamente para o funcionamento do poder, pois, por ser corporal, dependia de um controle sobre o corpo. Controle que era tanto individual, porque a vigilância recaía sobre as condutas e os comportamentos dos indivíduos, como geral, porque visava uma regulamentação da procriação e dos processos biológicos (natalidade, mortalidade) da população: “a sexualidade está exatamente na encruzilhada do corpo e da população. Portanto, ela depende da disciplina, mas depende também da regulamentação” (FOUCAULT, 1976, p. 300). Sobre a relação entre a disciplina e produção da individualidade temos que,

pode-se dizer que a disciplina produz, a partir dos corpos que controla, quatro tipos de individualidade, ou antes uma individualidade dotada de quatro características: é celular (pelo jogo da repartição espacial), é orgânica (pela codificação das atividades), é genética (pela acumulação do tempo), é combinatória (pela composição das forças). E, para tanto, utiliza quatro grandes técnicas: constrói quadros; prescreve manobras; impõe exercícios; enfim, para realizar a combinação das forças, organiza “táticas” (FOUCAULT, 1975, p. 141).

Se a disciplina atua sobre os indivíduos, normalizando-os, o dispositivo de segurança atua sobre a população, regulando a realidade, a circulação, o meio, a “possibilidade de movimento, de deslocamento, processo de circulação tanto das pessoas quanto das coisas. E é essa liberdade de circulação, no sentido *lato* do termo, é essa faculdade de circulação que devemos entender” (FOUCAULT, 2008, p. 64). Observamos também que o Orkut pode ser entendido como inscrito nesse dispositivo da segurança, visto que controla as circulações.

Feita esta exposição sobre o funcionamento do poder, cabe observar no Orkut a maneira pela qual o poder jurídico, o poder estratégico e o poder disciplinar operam produzindo certas práticas (e apagando outras) de falar de si, de circular, de fazer/adicionar “amigos”, de se vincular a comunidades, de se comentar fotos, entre outros, e, portanto, de construção de um dado modo de ser, de um perfil, de uma identidade, de um modo de se fazer existir no Orkut.

Cabe ainda investigar quais relações de poder mais imediatas estão em jogo: amizade, rede de amigos, relacionamentos, encontros? Além disso, como as relações de poder podem mudar e enfatizar certos termos, enfraquecer outros e gerar resistências? Quais discursos sobre a identidade no Orkut são permitidos? A rede social Orkut poderia ser vista como parte de um dispositivo digital mais amplo que favorece a interação *online*, permitindo a criação de certas identidades pela incitação à mobilidade, à circulação indefinida das mesmas e ao seu registro contínuo? De que maneira o Orkut se inscreve numa rede mais ampla que o afeta e que é afetada por outros

elementos que a constituem? Que saberes (sobre as identidades) são produzidos pelo Orkut tomando-o como um elemento importante nesse dispositivo de poder que rege a Web 2.0?

Considerar a rede social Orkut enquanto um elemento de um dispositivo de poder digital mais amplo implica colocar em foco quais mecanismos de poder estão em jogo na rede social. O dispositivo engloba tanto o Orkut, como discursos, instituições, a organização visual e espacial, regulamentações, leis, discursos legitimadores, etc. enfim, todos os elementos discursivos envolvidos nessa rede digital. Sendo o Orkut um elemento desse dispositivo, ele não pode ser pensado de forma isolada, mas sim como inscrito em uma rede. Essa rede mobiliza, redistribui, alinha e realinha certos discursos e certos modos de ser. Podemos pensar em outros elementos dessa rede, como o Google (com seus interesses e potência de buscadores), os técnicos que operam na atualização da rede, o sistema econômico, o sistema informacional, o sistema de relações sociais: amizades, relacionamentos, família, etc., o sistema publicitário, os discursos politicamente corretos que permeiam tanto o mundo real quanto o mundo virtual, os discursos jurídico-penais, etc. Entre esses elementos que formam a rede do dispositivo há mudanças de posições, funções, resistências? Há expansões ou restrições de funções? Novos elementos emergem? Essa pesquisa considera essas questões importantes para se pensar a dinâmica do poder para além das redes sociais.

A título de exemplificação dessa reorientação dos elementos do dispositivo digital, nota-se uma alteração na função do Orkut quando este se filiou à rede Google e passou a circular de forma a unir pessoas e perfis de várias localidades do mundo. Ao se inscrever em um dinâmica global, o Orkut passou a assumir outras funções: não se tratava apenas de estabelecer e manter amigos, mas de vender produtos, apreender identidades e discursos, produzir verdades e incitar desejos e circulações. Passa-se a utilizar o discurso da amizade e das relações como estratégia de sedução, mas devolve-se ao usuário muito mais do que perfis de amigos. Isso pode ser pensado, entre outras coisas, como um novo mecanismo do mercado publicitário atuar, visto que com a Internet ficou mais difícil encontrar o futuro consumidor em determinados horários da televisão e do rádio, pois na web os horários são

flexíveis, cada um acessa o que quer, na hora que quer. A programação das mídias tradicionais ficou fragilizada, pois as possibilidades se multiplicaram com as novas mídias. Assim, as redes sociais com seus perfis e comunidades serviriam para agrupar perfis de pessoas com gostos, estilos, hábitos culturais em comum e facilitar a oferta de produtos com “endereço certo”¹⁵.

O Orkut vai operar principalmente pelo poder disciplinar e pelo poder-estratégico. O poder disciplinar atua registrando continuamente os passos, os rastros, as informações, editando estatísticas, etc. Por esse controle, pela vigilância de todos observando todos – é possível acompanhar as atualizações de outros perfis, quais perfis visitaram a sua página, qual perfil está *online* (apto a um bate-papo), qual perfil faz aniversário, etc. – podemos entender que é uma vigilância espectral e, com isso, é possível a identidade ser constituída em função dessa visibilidade do outro, fazendo com que essa disciplina regule a identidade que ora se quer assumir em função do outro: do ver, do deixar ver e do querer ser visto.

Pelo poder-estratégico, há a incitação à circulação, à adição de perfis, a participação de comunidades, de modo a apreender certos discursos e, com isso, produzir verdades, produzir indicações de perfis que sejam interessantes, indicar produtos, favorecer a produção de tipos sociais, dada uma certa maleabilidade do Orkut para que os usuários possam deixar suas informações, seus rastros. Esse poder-estratégico está inscrito nas ferramentas da Internet e, portanto, essa tecnologia da Internet não é neutra, assim como suas demais funções e ferramentas, visto que está envolvida em uma rede com seus datagramas, provedores, discursos, intenções políticas, pacotes informacionais, etc. Basta lembrar o contexto em que a Internet foi criada, nos tempos de Guerra Fria (década de 1960) em que Estados Unidos e União Soviética disputavam o controle político do mundo e era preciso trocar informações militares sigilosas com segurança para não se tornar vulnerável ao ataque do inimigo: “o nosso futuro será um futuro controlado mais que disciplinado” (DELEUZE, 1996, p. 6).

¹⁵ Prova deste poder que opera registrando e incitando a circulação é o Google Trends, que é um buscador de tendências que consegue agrupar e selecionar as informações que circulam pelo Google.

Na sequência trazemos as análises do poder no Orkut com relação às políticas de uso.

2.3 Análise do poder no Orkut: o que pode ou não ser dito?

Buscamos destrinchar a construção de subjetividades por práticas atravessadas pelo regime posto pelas políticas do Orkut e as possibilidades de resistências a partir das formas de funcionamento do poder, pontuando, em especial, a relação saber-poder, em que todo saber se constitui a partir de certos procedimentos de poder, como o registro contínuo e estatístico, próprio do funcionamento da maioria dos serviços dispostos na internet.

A investigação da identidade (subjetividade) no Orkut levará em consideração as relações de poder, a rede em que o Orkut está inserido e como o poder afeta o sujeito, por exemplo, explicitando o que é lícito ou ilícito no Orkut. Assim, seguem as análises das políticas que permeiam os perfis e os modos de circulação no Orkut.

2.3.1 Sobre o Orkut¹⁶

Orkut: O orkut é uma comunidade on-line criada para tornar a sua vida social e a de seus amigos mais ativa e estimulante. A rede social do orkut pode ajudá-lo a manter contato com seus amigos atuais por meio de fotos e mensagens, e a conhecer mais pessoas. Com o orkut é fácil conhecer pessoas que tenham os mesmos hobbies e interesses que você, que estejam procurando um relacionamento afetivo ou contatos profissionais. Você também pode criar comunidades on-line ou participar de várias delas para discutir temas atuais, reencontrar antigos amigos da escola ou até mesmo trocar receitas favoritas. Você decide com quem quer interagir. Antes de conhecer uma pessoa no orkut, você pode ler seu perfil e ver como ela está conectada a você através da rede de amigos. Para ingressar no orkut, acesse a sua Conta do Google e comece a criar seu perfil imediatamente. Se você ainda não tiver uma Conta do Google, nós o ajudaremos a criá-la em alguns minutos. Nossa missão é ajudá-lo a criar uma rede de amigos mais íntimos e chegados. Esperamos que em breve você esteja curtindo mais a sua vida social. Divirta-se.

¹⁶ <http://www.orkut.com.br/Main#About>

Interessante notar que essa é a descrição do Orkut conferida pelo próprio Orkut e mostra o poder-estratégico operando de modo que o discurso utilizado enfatiza a circulação, uma vez que a vida social *online* por meio da rede é muito mais interessante; o usuário é instigado a manter contato com amigos, fazer novos amigos, saber como outros amigos estão ligados a ele por meio de uma outra rede que rastreia os laços mediante um poder disciplinar. A descrição também mostra como é possível interagir com os outros perfis, seja por fotos, mensagens, comunidades, além de encontrar interesses comuns, relacionamentos afetivos e profissionais. A missão do Orkut *seria criar uma rede de amigos mais íntimos*, criando um efeito de privacidade, de intimidade, quando o que ocorre é justamente o contrário, a vigilância é intensificada e o interesse é formar redes cada vez maiores de amigos que são dados a circular para poderem adicionar cada vez mais outros perfis. Outro efeito produzido é o de que o usuário teria total controle sobre sua rede: ao usar a construção *você decide*, o Orkut atribui ao indivíduo o suposto poder de decidir com quem ou não se relacionar, reforçando a ilusão de autonomia e gerenciamento. Além disso, verifica-se que o uso do pronome *você* atua de forma enfática ao dialogar e criar uma aproximação com o usuário; essa aproximação também se evidencia com uma certa postura de solidariedade e cooperação por parte do Orkut, atraindo o usuário de uma forma mais sedutora e menos impositiva: *a rede pode ajudá-lo; nós o ajudaremos*; etc. Nota-se também que o verbo na forma imperativa em *divirta-se* marca um certo posicionamento velado do enunciador Orkut como ditando as regras, além de servir como uma espécie de *slogan* para o serviço que o Orkut fornece.

Nota-se que a circulação é a engrenagem que faz funcionar o Orkut, seja adicionando amigos, seja criando e participando de comunidades, seja divertindo-se; além disso, a relação poder/saber está presente, pois é na circulação das mensagens, dos recados, dos comentários em fotos, dos depoimentos e da adição e de outros perfis que o Orkut e o Google conseguem destrinchar, tipificar, organizar, e selecionar certos discursos e certas tendências.

2.3.1.1 Dados Demográficos: há os seguintes dados registrados pelo Orkut¹⁷: idade, interesses, relacionamento e países. No item idade temos que 53,48% tem de 18 a 25 anos, 44,04% tem interesse em amigos, enquanto 14,41 tem interesse em namoro. Sobre relacionamento, 59,31% não tem resposta, 24,76% são solteiros e 0,19% declaram ter um casamento liberal. Com relação à concentração de usuários por país, o Brasil está em primeiro lugar com 50,60% dos usuários, a Índia com 20,44% e em terceiro os Estados Unidos com 17,78%.

É preciso lembrar que esse modo de registro, de rastrear informações e transformar em estatística se refere ao poder disciplinar com vistas à produção de saber. Porém, como os dados fornecidos pelos usuários não são necessariamente verdadeiros, ou seja, não correspondem à realidade dos indivíduos, visto que cada usuário pode fornecer informações que lhe convier em determinado momento, essas estatísticas dão margem a erros, impossibilitando traçar com exatidão essas informações, embora a distinção entre realidade e *fake* não esteja sendo considerada na pesquisa, uma vez que valem os discursos que são feitos circular e os efeitos de verdade que eles produzem na rede. Porém, no *link* Publicidade que será visto posteriormente, o Orkut se propõe a selecionar os perfis em grupos de idade e sexo com a intenção de vender publicidade.

2.3.1.2 Conte-nos sua história¹⁸:

Você tem uma história sobre o orkut que gostaria de compartilhar? O orkut ajudou você a reencontrar velhos amigos? Conhecer novas pessoas? Mudou a sua experiência com a internet? Ou talvez até a sua vida? Se você tem uma história sobre o orkut que gostaria de compartilhar, adorariamos escutá-la! Conte a sua história no espaço abaixo e clique no botão "enviar". Sinta-se à vontade para incluir detalhes sobre como e para que você utiliza o orkut. Se desejar, adicione também informações sobre você e suas comunidades. Poderemos publicar algumas dessas histórias. Portanto, procure pela sua em breve.

¹⁷ Os dados foram pesquisados no dia 27 de Abril de 2011 no seguinte link: <http://www.orkut.com.br/Main#MembersAll>

¹⁸ http://www.google.com/support/orkut/bin/request.py?hl=pt-BR&contact_type=orkut_story&rd=1

Ao enviar sua história, você estará dando ao Google Inc. permissão para utilizar seu nome e seu depoimento para fins comerciais. O Google não irá vender seu nome ou endereço de email.

Contar a sua história, contar a sua intimidade na rede, como a utiliza, mostram como o dizer de si é importante para o Orkut apreender certos discursos e categorizá-los na forma de tipos sociais, desejos e produtos a serem oferecidos. Interessa saber como o usuário se relaciona com o *site*, com a interface, quais ações pratica e como isso modifica até mesmo a sua vida *off line*. Vemos o poder-estratégico agindo pelo viés da confissão: *conte-nos mais sobre o seu relacionamento com o Orkut*. O contar a história remete diretamente à imagem de confissão e é possível perceber certas escolhas linguísticas que deixam essa ideia evidente: *compartilhar, escutá-la, sintá-se a vontade, incluir detalhes*.

É interessante notar nesse trecho como a Internet possibilitou certos modos de ser. Se antes tínhamos as mídias tradicionais com a “sociedade do espetáculo”, temos hoje a “espatacularização do eu” (SIBILIA, 2008), em que o cidadão comum, o usuário passa a ser o centro dos olhares, pois tem a possibilidade de aparecer, de ter visibilidade com um simples perfil em uma rede social, em um blog, em um fotolog, etc. Porém, vemos que tudo o que está inserido no Orkut servirá para fins comerciais e o poder-estratégico atua justamente na brecha de se fazer ver, de dar visibilidade, de mostrar a intimidade. O Orkut se coloca como ferramenta útil para o usuário, para que o mesmo possa vender-se, mas, ao mesmo tempo, o Orkut também vende o perfil do usuário. As histórias são selecionadas e publicadas no próprio blog do Orkut, em que foi possível encontrar uma história publicada no dia 09 de Agosto de 2011 (é necessário datar, pois ao publicarem novos *posts* os antigos são apagados). Segue um pequeno trecho da história em que é possível perceber uma autopromoção do próprio Orkut com o uso da ferramenta, por meio da narração de uma experiência pessoal, em primeira pessoa, produzindo um efeito de pessoalidade e proximidade:

Orkut de artista

Tuesday, August 9, 2011

“Quando criei a comunidade eu ainda não tinha editado nenhum vídeo meu de pintura. Comecei com um vídeo bem caseiro me

apresentando, mostrando algumas telas e pintando uma tela bem simples”. Não demorou muito para que Wagner fizesse seu segundo vídeo e postasse na comunidade também. “As pessoas começaram a me perguntar se eu tinha vídeo-aulas para vender, se eu poderia fazer vídeos de pintura 'assim ou assado' e comecei a perceber que uma simples brincadeira poderia até me trazer lucros. Não perdi tempo!”. Wagner decidiu gravar e lançar simultaneamente dois DVDs com aulas completas de pinturas. A comunidade do Orkut era o local onde ele publicava vídeos com resumos dos produtos para os membros se interessarem pelo produto. Wagner virou um professor de pintura à distância. “Já vendi muitos DVD's pelo Orkut, usando o chat ou scraps. Consegui ajudar na minha renda usando a internet, sem sair de casa e fazendo algo que eu adoro fazer: pintar!” Sua habilidade lhe rendeu, inclusive, vários alunos que aprenderam a fazer pinturas com óleo com o professor que conheceram no Orkut.

2.3.1.3 Mantenha o Orkut bonito¹⁹:

O orkut é uma comunidade on-line desenvolvida para promover a interação entre as pessoas, estabelecer relacionamentos e criar comunidades em torno de interesses comuns. Desde seu lançamento em 2004, o orkut cresceu de maneira significativa em todo o mundo. É comum recebermos comentários dos nossos usuários sobre como o orkut se tornou importante em suas vidas (se você for um deles, conte-nos a sua história). Gostamos do orkut tanto quanto você e queremos que continue a ser um espaço interessante e limpo - ou, como costumamos dizer, bonito. Ultimamente, o orkut tem sido grande foco de atenção da mídia brasileira, dando a impressão de que nossa comunidade está impregnada de atividades ilegais e usuários insatisfeitos. Qualquer usuário ativo do orkut sabe que isso simplesmente não é verdade, e que, de fato, o sucesso do nosso site se deve sobretudo à habilidade de nossos membros de criar conteúdo e comunidades interessantes – e que isso constitui a grande maioria do conteúdo e das pessoas que fazem parte do orkut. Na realidade, as 50 principais comunidades do orkut, com o total de mais de 37 milhões de membros e aproximadamente 1,3 milhão de visitantes por dia, não têm nenhum tipo de conteúdo ilegal.

É possível propagandear o circular na rede, publicizar sua história não apenas para a sua rede, mas para toda a rede Orkut. O discurso que o Orkut prega é de ser um *site* em que só acontecem coisas lícitas, interessantes e que há uma certa interação entre os membros, como se todos integrassem uma grande comunidade. Interessante também a maneira pela qual são sobrepostos dois discursos: legalidade e beleza, ou seja, é bonito ser uma pessoa “limpa e juridicamente correta”. Trata-se de uma manobra que faz deslizar o sentido jurídico de legalidade para o sentido de higiene (cultural,

¹⁹ <http://www.orkut.com.br/Main#About?page=keep>

política, etc.) e bom gosto. Ao comentar a ilegalidade, são utilizadas marcações linguísticas de seletividade, como em *a grande maioria* e *50 principais comunidades* na tentativa de amortecer certos discursos que circulam na mídia tradicional sobre o Orkut, ligando-o a violência, pedofilia, ações ilegais, falta de lei, ameaças, etc.

Além disso, nota-se um certo apagamento da responsabilidade pelo distanciamento linguístico do enunciador, uma vez que o Orkut é tratado em terceira pessoa do singular e não em primeira pessoa: *O Orkut é uma comunidade* (ao invés de nós somos uma comunidade); *o Orkut cresceu de maneira significativa*; etc. Esse posicionamento se difere daquele exposto na descrição do Orkut, em que o enunciador utiliza a primeira pessoa do plural (*nós*) com vistas a gerar uma aproximação.

O poder-estratégico opera também invocando o próprio usuário como testemunha de que o *site* não contém atividades ilegais. Porém, na contramão desta ideia de uma grande comunidade em interação, Mocelin (2008) defende que as maiores comunidades, com um número de membros que geralmente ultrapassa um milhão de perfis, não têm interação, não apresentam muitos tópicos de discussão e quando há, quase não há postagens. O autor, então, traz para a discussão a ideia de comunidades estéticas (BAUMAN, 2003), que são comunidades passageiras, voláteis, destinadas a poucos interesses, geralmente de algum espetáculo ou evento, sem conter discussões de interesses de grupo, “são comunidades flexíveis, para as identidades flexíveis do mundo moderno-líquido” (MOCELIN, 2008, p. 08). Percebemos deste modo que a engrenagem que faz funcionar o Orkut é baseada em um certo prazer, aquele que incita a fazer circular, mesmo sem sentido e sem interação, sem troca, sem colaboração, o importante é adicionar, integrar mesmo sem participar, estar presente em várias comunidades, em várias redes ao mesmo tempo. Ocorre aqui uma contradição: fazer-se ver no Orkut pela circulação e pelo pertencimento às redes e comunidades, não implica, necessariamente, relação ou interação. Este esvaziamento ilustra também um esvaziamento de outra ordem, do político.

O Orkut e o Google se eximem de qualquer responsabilidade com relação às comunidades “negativas”, mas, por acaso, interessa debater as diferenças, trazer à tona aquilo que é marginal ou ofensivo e impróprio? Nota-

se que a vigilância do conteúdo impróprio é dividida com o usuário: trata-se de uma vigilância horizontal e não vertical, como se verifica no trecho abaixo:

Avaliação e eliminação de conteúdo ilegal

O sucesso do orkut se deve a você, a todos os nossos usuários e ao conteúdo criado por todos. Com isso em mente, contamos com nossos usuários e pedimos que nos notifiquem sobre possíveis violações de nossos Termos de Serviço. Isso pode ser feito por e-mail ou clicando no link "denunciar abuso" mostrado em destaque em todas as páginas do orkut.com. De nossa parte, vamos analisar o perfil ou a comunidade em questão individualmente e, se constatarmos que houve alguma infração de nossos termos de serviço, vamos remover o conteúdo e desativar a conta por meio da qual ele foi criado. Nos últimos meses, criamos várias ferramentas para nos ajudar a efetuar essas análises de forma mais eficaz. Aumentamos a rapidez com que fazemos essas análises e atuamos sobre os relatos de usuários referentes a conteúdo ilegal ou impróprio. Continuamos trabalhando para melhorar essas ferramentas, bem como para criar novas ferramentas. Acreditamos que o olho humano é a ferramenta mais eficiente para analisar corretamente os relatórios enviados por nossos usuários. Estamos dedicando mais recursos em todo o mundo, especialmente em mercados onde o orkut é muito popular, como no Brasil e na Índia. Com isso e com o uso de ferramentas de análise otimizadas, temos conseguido tratar de modo mais eficiente dos relatos que recebemos de nossos usuários.

Vemos aqui que o enunciador se coloca novamente em primeira pessoa do plural (nós), assumindo a responsabilidade pela tentativa de apagar ou evitar os atos ilegais. Ou seja, quando se trata de se responsabilizar (item anterior) pelos conteúdos ilegais, há uma dissolução do sujeito enunciador e quando se trata de mostrar o que tem sido feito em prol da segurança, esse enunciador assume um lugar invocando, inclusive, o usuário como integrante dessa prática.

Além disso, novamente o poder de controle daquilo que pode ser dito e esse controle tende a ser mais refinado e eficaz conforme o usuário é invocado a pertencer a essa grande comunidade, garantindo a sua “beleza e legalidade”. Esse controle disciplinar que transformou o sujeito moderno em dócil e útil continua a agir da mesma forma, apenas com outra ferramenta mais potencializada de controle em que todos podem vigiar todos e denunciar qualquer deslize, ato ilícito, promovendo um espaço onde não haja discussões ou debates, destinando-se exclusivamente para o entretenimento. O controle ético apareceria apenas nos termos de serviço do Orkut e as *ferramentas de análise otimizadas* não são descritas: nem sua natureza e nem como

funcionam. O olho do poder, a vigilância total, o sistema panóptico de Bentham foi ressignificado. Segundo Albrechtslund (2008), alguns estudos já tentaram renomear o panóptico em *superpanopticon* e *electronic panopticon*, em que os bancos de dados informatizados são tomados como uma tecnologia melhorada do panóptico, pois agiria englobando as inovações culturais. A equipe (funcionários) do Orkut é levada a ser o próprio poder-lei viabilizando as análises de relatórios, visto que *o olho humano é a ferramenta mais eficiente*, evidenciando que é pelo humano que é possível filtrar conteúdos pragmáticos e discursivos.

Melhor comunicação com os órgãos governamentais.

Recentemente, desenvolvemos uma ferramenta específica para fornecer às autoridades governamentais e jurídicas uma linha direta de comunicação com o Google em nossa sede em Mountain View, na Califórnia (EUA). Esta ferramenta de comunicação prioritária com órgãos governamentais permite que determinadas autoridades governamentais coloquem sinalizadores (flags) em conteúdo do orkut para indicar alta prioridade, para fins de análise e de tomada das medidas adequadas. A ferramenta também permite solicitar a preservação dos dados enquanto se aguarda uma ordem judicial. Também estamos trabalhando com o NCMEC (National Center for Missing and Exploited Children ou Centro nacional de crianças desaparecidas e exploradas) dos Estados Unidos para denunciar automaticamente informações relacionadas a pornografia infantil que possam ser descobertas no orkut.com, como, por exemplo, o endereço de e-mail do usuário.

É importante observar que o Google está e continuará cooperando ao máximo com as investigações e instaurações de processos de crimes, e que poderá fornecer às autoridades jurídicas informações sobre usuários que abusam do orkut, com o compromisso, ao mesmo tempo, de procurar um equilíbrio e levar em conta os interesses dos usuários, as solicitações das autoridades governamentais e a necessidade de instauração de um processo legal correto e eficaz.

O Orkut passa de uma rede social que visa conectar amigos e pessoas na internet para instâncias jurídicas mais elevadas na busca por solucionar crimes, como o abuso infantil. Nota-se que esses temas foram tabus e ainda continuam sendo na sociedade. O controle dos discursos opera, por exemplo, pelo apagamento de certos perfis tomados como aberrações, como algo que só pode ser falado mediante um discurso científico ou jurídico, como é o caso, por exemplo, da pedofilia. O poder que registra, esmiúça, relata, documenta e que tem informações para detectar certos modos, certos discursos desse comportamento criminoso apenas deleta para a sociedade esse perfil (a não ser que estejam pesquisando de forma sigilosa o perfil

desses usuários para apresentar outro tipo de diagnóstico). Já detectamos que os dados oferecidos ao Orkut alimentam o banco de dados do Google, operando tanto como ferramenta mercadológica, quanto como uma espécie de sensor para crimes jurídicos, se ligando a órgãos competentes na área. Podemos perceber que há um interesse crescente dos governos nas redes sociais. Albrechtslund (2008)²⁰ relata que é necessário cruzar uma gama muito grande de informações quando se trata de perfis de terroristas ou de criminosos em potencial, por isso, são levadas em conta as relações sociais, as atividades, o círculo de amigos, os dados pessoais, as opiniões políticas, crenças religiosas, orientação sexual, etc., informações estas disponíveis nas redes sociais. É imprescindível notar que o Orkut se posiciona como vítima de *usuários que abusam do Orkut*, em que se inverte a posição de algoz e vítima, dando o poder ao usuário.

Detecção automática de conteúdo impróprio

Lamentamos muito os casos em que nossos usuários se deparam com conteúdo ilegal ou ofensivo no orkut. É importante diferenciar conteúdo ofensivo ou impróprio de conteúdo ilegal. Sempre haverá algum material que algumas pessoas considerarão ofensivo ou impróprio, embora não seja ilegal ou contrário às políticas do orkut. Evidentemente, é impossível eliminar totalmente todo conteúdo ofensivo de qualquer comunidade que inclua milhões de pessoas, seja on-line ou off-line.

Mesmo assim, estamos fazendo o possível para encontrar mais maneiras de minimizá-lo. Por exemplo, nos últimos anos trabalhamos muito no desenvolvimento de um software²¹ que consiga identificar de modo eficaz o significado do conteúdo de uma página web específica, para ajudar as pessoas a encontrar informações relevantes em bilhões de páginas. Agora, estamos experimentando formas de aplicar essa tecnologia para detectar e eliminar conteúdo questionável do orkut.

Percebemos como a engrenagem que faz funcionar o Orkut é poderosa e está em constante refinamento. Com essas ferramentas é possível se questionar se, como mais um preenchimento estratégico, o Orkut seria uma

²⁰ A polícia do Canadá e dos Estados Unidos tem utilizado vídeos de crimes no *Youtube* e incentivado os usuários a identificar supostos criminosos. Ocorre uma mistura entre público e privado, assim como, oficial e social reconfigurando os modos de investigação. “*The police using social networking sites during criminal investigations is an example of leaky containers, since public and private, official and social, mix in completely new ways*” (Albrechtslund, 2008, p. 4).

²¹ Foi feita uma busca na tentativa de saber mais sobre este software. O que podemos supor é que o software é de uso interno do Orkut e, não sendo público, não há como rastrear como essa tecnologia lida com os significados de conteúdo, que sentidos ele mobiliza, procura, registra e decifra.

nova forma de controle de polícia, de rastrear (e produzir) aquilo que seria uma ofensa para a sociedade, seja em comunidades, em recados, em comentários, etc. Rastrear os comportamentos que “sujam” a boa moral dos cidadãos no mundo *online* e *off line* e torná-los cada vez mais politicamente corretos e úteis. O discurso do *divirta-se* é totalmente invertido quando vamos abrindo as políticas do Orkut.

Proteção para os nossos usuários

Um dos valores mais importantes do orkut será sempre a confiança que nossos usuários têm uns nos outros e no Google. Sempre respeitaremos e continuaremos a fazer de tudo para merecer essa confiança e proteger ao máximo todos os nossos usuários. Lançamos recentemente um novo Centro de Segurança, onde o usuário pode, entre outras coisas, saber como proteger sua conta do orkut, proteger a si mesmo contra falsários que solicitam informações pessoais e denunciar comportamentos inadequados ao dono de determinada comunidade. Também oferecemos recursos para ajudar a encontrar outras organizações que apóiam a segurança na internet.

Como você pode ajudar

Em última instância, a preservação e a melhoria da experiência do usuário no orkut são responsabilidades que compartilhamos com nossos membros, definidas por uma série de normas em comum a que nos referimos como Estatuto da comunidade do orkut, um documento "vivo" que é periodicamente modificado de acordo com as necessidades da comunidade e as ferramentas disponibilizadas para servi-las.

Incentivamos todos os usuários a nos notificar por meio do link "denunciar abuso" sempre que observarem violações do estatuto da comunidade ou de nossos Termos de Serviço. Pedimos a cada usuário que preste especial atenção aos casos de conteúdo ilegal; a indicação com sinalização exata e pró-ativa desses casos pelos usuários é uma das melhores formas de, juntos, assegurarmos que o orkut continue sendo conhecido por suas características positivas. Também continuamos a desenvolver ferramentas e lançar recursos que ajudam os usuários a se proteger. Para quem gerencia as comunidades, nosso novo suporte para vários moderadores permite incluir até dez moderadores para ajudá-lo a administrar sua comunidade, remover tópicos, mensagens e eventos impróprios, e aceitar, recusar, expulsar ou remover membros individuais e postagens que violam o estatuto de uma comunidade específica. Acreditamos que esses recursos fornecem as ferramentas que você necessita para manter a integridade de suas comunidades, o que, por sua vez, ajuda a manter a integridade do orkut.

Assumimos o compromisso de assegurar que nosso site continue sendo um espaço com a filosofia de comunidade pela qual você nos conhece e na qual confia, e esperamos contar com você neste nosso **empenho para que o orkut se mantenha saudável, cresça e continue bonito por muito tempo.**

De maneira recorrente o Orkut pede o auxílio dos usuários – *juntos, contar com você* -, para esse refinamento nas buscas por material ilícito e descreve que o estatuto da comunidade é um documento vivo, ou seja, está

em constante atualização. E esse trabalho em conjunto não é algo pontual ou local, mas contínuo, o que se evidencia pelo uso dos termos *sempre* (utilizado três vezes), *continue sendo* e *mantenha*. Trata-se de um poder que opera tanto agregando como tornando o seu potencial de atuação mais contínuo e duradouro.

Isso mostra uma das faces do poder, visto que não é estático e que vai se reciclando de acordo com os novos discursos que vão surgindo. Para esse refinamento ser mais eficiente nas comunidades, o Orkut permite habilitar até dez moderadores para administrar as comunidades, mostrando e incentivando a importância da vigilância. O estatuto ser um documento vivo e de controle dos discursos que vão sendo atualizados com frequência se deve à participação dos usuários no que diz respeito às denúncias de abusos, inclusive, o que mais o Orkut invoca é a participação do usuário nesta tarefa, colocando como uma necessidade constante a participação em forma de vigilância. Nota-se também um apagamento de características pelas quais o Orkut também possa ser conhecido negativamente, como já dito anteriormente, por pedofilia, ausência de lei, violência, crimes virtuais, *bullying*, etc. e um reforço da imagem positiva, presente na expressão *que o orkut continue sendo conhecido por suas características positivas*. Existe uma tentativa de envolvimento do usuário tanto na tarefa de controle e vigilância quanto no reforço da ideia de que no Orkut é um espaço positivo, de coisas lícitas e de acordo com os termos de uso.

2.3.1.4 Proteção e segurança²²:

Titularidade sobre o conteúdo: Nós incentivamos os usuários a postar livremente informações no orkut, como imagens pessoais e texto. Quando você envia conteúdo para o orkut, nós simplesmente o exibimos no site. O orkut *não* reivindica nenhum direito de propriedade sobre as informações que você posta nos perfis e nas comunidades. Quando você envia conteúdo ao orkut, nós o usamos para exibir o conteúdo no site e para outros membros de acordo com suas preferências. Você pode editar, remover ou limitar as pessoas que podem ver o conteúdo a qualquer momento.

Não se preocupe, pois o orkut não usa seu endereço de e-mail para nenhum outro propósito além de enviar convites e avisos sobre o

²² <http://www.google.com/support/orkut/bin/answer.py?hl=pt-BR&p=About&answer=48579>

orkut. Nós consideramos inconveniente a prática de spam e nos comprometemos em manter seu endereço de e-mail seguro.

No entanto, podemos analisar o tipo de informação enviada ao orkut para determinar como os membros utilizam o site e de que forma podemos melhorar nossos serviços. Nós também analisamos todos os relatórios de abuso recebidos dos usuários, podendo remover qualquer conteúdo que viole a lei ou nossas políticas.

É possível notar a maneira como o Orkut veicula a crença de que tudo o que usuário posta é de propriedade dele e não do Orkut, não havendo aparentemente nenhuma regra cerceando as informações que podem ser postadas livremente. Porém, o Orkut pode utilizar a informação para rastrear como os usuários utilizam o Orkut. Isso se apresenta como contraditório, visto que o Orkut é ao mesmo tempo um espaço de vigilância e, como no trecho abaixo, de não monitoramento do conteúdo.

Política de remoção: Quando recebemos uma denúncia de abuso no orkut, decidimos pela remoção do material sempre que ocorrer violação das leis vigentes no mundo real ou das políticas do orkut. Antes de enviar uma reclamação, incentivamos você a ler a nossa Política de Conteúdo e os Termos de Serviço para saber mais sobre as nossas políticas.

Após avaliarmos cada caso cuidadosamente, poderemos remover conteúdos considerados ofensivos, prejudiciais ou perigosos, como: Linguagem de ódio, Promoção de atividade ilegal e perigosa, Vítimas de phishing ou invasão de conta, Conteúdo que facilita o phishing ou a invasão da conta, Identidade questionável do usuário.

Além disso, nós estamos cientes de que o orkut pode conter informações de natureza pessoal ou que pareçam invasivas para outros usuários. Porém, não podemos julgar o que é certo ou errado em todos os casos. Portanto, algumas coisas terão de ser decididas por um juiz de direito. Veja alguns exemplos de conteúdo que *só será removido* mediante uma ordem judicial: Imagem ou linguagem chocante ou repulsiva, Sátira política ou social.

Nota-se novamente como as instâncias jurídicas *online* e *off line* atuam conjuntamente. Interessante ver como a norma do Orkut não é categórica, mas um contínuo entre o que é mais errado e o que é menos errado. Há uma zona confusa sobre o lícito-ilícito, certo-errado e o *site* acaba dependendo da opinião dos usuários (e da responsabilização deles) para avaliar e com isso há um apagamento da responsabilidade do Orkut quando, apesar de todas as regras, diz que *não podemos julgar o que é certo ou errado em todos os casos*. Há uma discussão sobre como é difícil a diferenciação entre a legalidade e a ilegalidade com a globalização. Para Ribeiro (2007, p. 11), “*en efecto, las relaciones entre lo legal y lo ilegal son multifacéticas y*

complejas e involucran diversos intereses normativos, políticos y morales”. Essa é uma zona nebulosa porque abre brecha para um diagnóstico de como as pessoas avaliam certos temas e práticas.

Postar livremente informações é ilusório, visto que o Orkut apresenta e controla o que poderia ou não ser dito. Basicamente os conteúdos ofensivos são nudez e material explicitamente sexual, conteúdo malicioso, comportamento violento, discurso de ódio, atividades ilegais e falsificação de perfis. Acessando os termos de uso encontramos a descrição desses conteúdos:

Nudez e material explicitamente sexual: Nós não permitimos nudez, imagens mostrando atos sexuais ou qualquer outro material explicitamente sexual. Também não permitimos conteúdo cujo propósito é levar tráfego a sites pornográficos comerciais ou que promovam pedofilia, incesto ou bestialidade. A Google tem uma política de tolerância zero contra pornografia infantil, o que inclui animação ou desenhos gráficos de pornografia infantil. Se soubermos da existência desse tipo de conteúdo, vamos desativar o seu perfil e remover o conteúdo. Também somos obrigados a reportar o incidente e o responsável pelo conteúdo às autoridades apropriadas. Também nos reservamos o direito de remover os perfis de condenados ou de criminosos sexuais conforme determinação ou exigência das leis aplicáveis.

A sexualidade e a política, como demonstra Foucault (1970), são discursos que formam uma *grelha complexa* em que o poder se exerce pelo discurso: “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos” (FOUCAULT, 1970, p. 3). Para Foucault (1970), o discurso é controlado em toda a sociedade, seja pela incitação, seja pela exclusão, pelo interdito. O interdito nos dá a consciência de que não podemos falar tudo o que queremos para qualquer pessoa e em qualquer lugar. A palavra interdita funciona como tabu, limitando certos dizeres e fazendo outros se tornarem recorrentes. Há um poder disciplinador que controla os discursos para que certos temas não sejam incitados em determinados lugares. “A disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Fixa-lhes limites pelo jogo da identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras” (FOUCAULT, 1970, p. 12). Por outro lado, o Orkut, apesar de fazer uma campanha não permissiva de pedofilia, incesto, bestialidade e pornografia infantil apenas deleta esse perfil se souber,

ou seja, se a informação não chegar por meio de denúncia ao Orkut, tudo fica visível e, com isso, podemos perceber novamente o apagamento da responsabilidade do Orkut com relação ao poder jurídico, visto que há uma suavização e o Orkut se coloca na posição de que é obrigado a fazer, a denunciar apenas se souber.

Conteúdo malicioso: Nós não permitimos textos criados com o único propósito de difamar e injuriar a reputação de alguém através de ataques pessoais sem qualquer comentário de cunho político, profissional ou social.

Não é permitido ao usuário difamar o outro politicamente, profissionalmente ou socialmente, apagando e contradizendo a própria política de uso quando fala em compartilhar ideias livremente e em relações positivas, amigáveis. Cabe questionar então o que significa difamar e injuriar a reputação? Vê-se novamente a voz jurídico-penal ressoando aqui, especialmente pelas escolhas lexicais oriundas do campo jurídico.

Sobre o controle das práticas e dos discursos tidos como violentos, os termos de uso trazem o seguinte esclarecimento:

Comportamento violento: Não ameace, assedie ou perturbe insistentemente outros usuários. Nós encorajamos nossos usuários a tentarem resolver suas disputas por conta própria, mas poderemos agir em casos de graves ameaças. Note que também não permitimos textos ou imagens violentas que promovam crueldade contra animais.

Esse item mostra um certo discurso de pacificação. O que significa ameaçar, assediar ou perturbar? Como o Orkut controla essas práticas? O que significa resolver suas disputas por conta própria? O Orkut, mais uma vez, está tentando se proteger, discursivamente, da possibilidade de culpabilidade penal por alguma prática criminalizável que juridicamente possa ocorrer? Mas, como se dá o controle dessas práticas? Pela vigilância dos pares, pela denúncia?

Além disso, há o uso de termos na forma verbal imperativa, como *não ameace, assedie ou perturbe*, marcando e atribuindo certas responsabilidades aos usuários, porém, ao mesmo tempo, no item 'Política de remoção' o Orkut declara que não consegue regular o que é certo ou errado.

Sobre preconceitos ou apologias ao crime:

Discurso de ódio: Nós não permitimos manifestações de ódio contra grupos de pessoas baseado em raça ou origem étnica, religião, idade, deficiência, sexo ou orientação/identidade sexual.

Percebemos que aquilo que de certa maneira se apresenta na sociedade como marginalizado deve ser higienizado ou simplesmente não aparecer no Orkut, porém apaga-se, novamente, a suposta possibilidade de falar “livremente”, de compartilhar ideias “livremente”. Poderíamos pensar que esse discurso replica o discurso de tolerância da UNESCO²³, em que as relações devem ser brandas e respeitadas, sem conflito de diferentes, onde os sujeitos se tolerariam mutuamente. Porém, é possível encontrar comunidades que façam esse tipo de manifestação. Um exemplo disso ocorreu depois do Massacre de Realengo²⁴ em que algumas comunidades a favor do assassino apareceram no Orkut, como a comunidade “Wellington é o melhor”, ou mesmo classificando-o como “atirador santo”, protagonista de um ato de “diversão” e “vítima de racismo” (GARCIA, 2011). Outras comunidades circulam com discurso de preconceito como “Gay bom é gay morto” ou “Pela legalização do Racismo”. Segundo Garcia (2011), a apologia ao crime aparece de formas variadas, desde preconceito racial e religioso até a incitação da pedofilia e do incesto²⁵. Para o criminalista Luiz Flávio Gomes (*apud* GARCIA, 2011, p. 2) a legislação brasileira consegue punir esses crimes virtuais amparada pela Lei de Racismo (1989) e pelos artigos 286 e 287 do Código Penal, em que “vedam a incitação pública da prática de crime e a apologia de crimes ou criminosos”. Com relação às comunidades que faziam apologia à Wellington, três tiveram seus moderadores punidos e as comunidades foram apagadas da rede.

Com relação às atividades ilegais e roubo de identidade temos:

Spam, malware e phishing: Nós não permitimos a transmissão de malware e vírus ou qualquer outra atividade que possa interromper o serviço ou atingir outros usuários. Spam também é proibido e, podemos incluir: propaganda não-solicitada, uso de meios automáticos para realizar ações como a criação de perfis, envio de

²³ Declaração de Princípios sobre a Tolerância: <http://unesdoc.org/images/0013/001315/131524porb.pdf>.

²⁴ O Massacre de Realengo ocorreu em 07 de Abril de 2011 quando o ex-aluno, Wellington Menezes de Oliveira, da escola Tasso da Silveira, em Realengo (RJ) entrou disfarçado de policial e efetuou disparos contra vários alunos nas salas de aula. O fato deixou 12 estudantes mortos e alguns feridos.

²⁵ O incesto não é considerado crime segundo a legislação brasileira, porém, pelo artigo 1521 do código civil, o casamento entre incestuosos é proibido. Em caso de menores de idade a prática do incesto pode ser caracterizada como pedofilia.

recados, depoimentos, convites, criação de comunidades, etc. Códigos (scripts) maliciosos também não são permitidos.

Não é permitido interromper o serviço do usuário ou atingi-lo, não sendo possível o roubo de informações, que seria o patrimônio do Google. *Malware* é um software destinado a se infiltrar em um sistema de computador alheio de forma ilícita, ou seja, o Orkut não permite *hackers* no seu sistema, assegurando a posse e a segurança das informações dos usuários, atuando assim, como o poder jurídico no sentido de que, de certa forma, protege os seus usuários de possíveis ataques, panes no sistema ou roubo de informações. O *phishing* é uma fraude eletrônica e se caracteriza por um usuário tentar adquirir fotos, músicas, informações pessoais, etc. de outro usuário com a intenção de roubo ou mesmo de clonar esse perfil. Novamente há o apagamento da responsabilidade pelo apagamento do enunciador pelo uso da voz passiva. Podemos perceber também que emerge um novo léxico para nomear os crimes, uma criminalização de atos na Internet.

Sobre o *fake*²⁶ e o roubo de identidades, tem-se:

Roubo de identidade (personificação): Nós não permitimos perfis que roubem a identidade de outras pessoas ou qualquer comportamento que seja enganoso ou tenha como propósito propagar conteúdo enganoso.

Nesse caso percebemos que uma das possibilidades de se resistir ao poder seria a criação de perfis falsos, *fakes*, em que o usuário oculta sua identidade, criando uma outra identidade virtual. Seria o *fake* uma forma de resistência ao poder na Internet? Não totalmente, pois é possível ocultar aquilo que seria real, uma identidade civil, mas a vontade de participar da rede é presente e com isso não seria possível eliminar

a necessidade de produzir, circular, responder, de alguma forma, mesmo que simplesmente aceitando (ou sendo forçado a aceitar) um *cookie*. Mesmo num caso limite, em que o *fake* diga o que o usuário "real" não diria, participe de comunidades virtuais das quais o usuário não participaria, manifeste preferências que o usuário não tem, ou declare-se portador que o usuário não reconhece como seus, de alguma forma se estaria fornecendo ao sistema algum tipo de relação entre o que o *fake* deseja, discute ou reconhece como atributo de si mesmo. Dito de outra forma, o *fake* pode ocultar a relação entre usuário e corpo, mas não a relação entre o personagem e seus

²⁶ A questão do *fake* será retomada de maneira mais detalhada na próxima seção.

desejos, seus atributos, seus “amigos”, etc. (BUZATO; SEVERO, 2010, p. 8).

Na sequência, trazemos a continuação do *link* proteção e segurança.

Nós não monitoramos ativamente o conteúdo do Orkut: Observe que nós não revisamos ativamente o conteúdo que os usuários publicam no orkut. Como você pode imaginar, seria quase impossível verificar todas as fotos novas, postagens em comunidades e alterações em perfis que ocorrem todos os dias. Além disso, a análise de novos tópicos, fotos ou perfis recém-colocados reduziria o crescimento orgânico que é essencial a qualquer rede social. Nós esperamos que nossos usuários sejam responsáveis por suas ações no orkut e tratem uns aos outros com respeito. Entretanto, quando ocorre uma falha de conduta, nós contamos com você para nos ajudar a manter o orkut seguro, nos informando por meio da opção denunciar abuso.

Nesse ponto é complicado saber quem controla o que, pois ao mesmo tempo que o Orkut deixa esse policiamento nas mãos dos usuários e se coloca como órgão que aparentemente não controla, cria ferramentas para esse controle, como a ferramenta utilizada para detecção automática de conteúdos impróprios. Cria-se a sensação de que além de poder circular livremente e de uma ilusão de falar “livremente”, o usuário detém o poder de denunciar o outro. Uma informação relevante, segundo esse trecho, é que o crescimento da rede social, o *crescimento orgânico*, se dá justamente por essa falta de verificação de conteúdos, que *seria quase impossível de verificar*. Os discursos circulam incitados pelo poder estratégico para serem apreendidos, por isso a repressão a tudo aquilo que circula não funciona para o Orkut, pois o mesmo não fiscaliza de forma eficiente e nem mesmo define o que é certo e o que é errado, pois depende a denúncia dos usuários. Cabe destacar que essa liberdade de circulação não opera pela ausência do poder, mas para o senso comum, a liberdade é tida como ausência do controle e do poder.

Recursos do Orkut: Recados privados

Ao enviar um novo scrap no orkut, tudo pode funcionar como era antes: por padrão, os scraps que você enviar serão visíveis apenas para amigos. Se quiser enviar um scrap público, basta escolher essa opção antes de postar. O link para “responder” estará lá para que seus amigos respondam com um novo scrap.

Quando você excluir um scrap, ele desaparecerá completamente da face da Terra. O que mudou? Escolha um nível de privacidade para cada scrap!

Se você quiser turbinar o seu uso dos scraps no orkut, agora você pode enviar scraps privados para seus amigos!

Se você estiver usando o novo orkut, antes de postar um scrap, mude a visibilidade dele para " privado", e esse scrap ficará completamente secreto, visível apenas para você e para quem está recebendo essa mensagem. Para quem ainda usa o orkut antigo, todos os scraps privados recebidos estarão claramente marcados como privados, e ao responder a esses scraps a resposta também será sempre privada.

É possível perceber que o mecanismo de envio de *scrap* é uma face do poder-estratégico operando, visto que, por meio da circulação é possível apreender certas necessidades, certos discursos e devolver ao usuário novas formas de se comunicar. Neste caso, apresenta níveis de privacidade para cada recado, porém, todo o tipo de comunicação e circulação, mesmo que o usuário faça o seu *logout* fica em poder do Orkut e do Google. Esse mecanismo incita a circulação mediante a produção da sensação de privacidade, conferindo ao usuário um certo controle de acesso e de visibilidade, quando na verdade há uma vigilância de outra instância registrando tudo. Novamente, o Orkut procura criar uma proximidade com o interlocutor mediante o uso do pronome pessoal *você*, produzindo um efeito de diálogo e informalidade, como se fossem próximos.

Recados privados: Sobre os níveis de privacidade

No orkut, nós levamos a **privacidade muito a sério**, e por isso vamos sempre deixar bem claro quem mais consegue ver o conteúdo que você está vendo no orkut. Cada conteúdo (um scrap, foto, vídeo, etc.) agora receberá uma marcação de privacidade para que você saiba facilmente quem mais pode ver aquele conteúdo. Você terá três níveis de privacidade para seus scraps, que são exatamente os mesmos níveis de privacidade que temos nas fotos do orkut:

Privado: significa que quem postou o conteúdo (um scrap, foto, vídeo, etc.) escolheu apenas algumas pessoas para verem esse conteúdo. Outras pessoas não vão ver absolutamente nada.

Amigos: significa que todos os amigos podem ver esse conteúdo (uma foto, vídeo, etc). Se é um scrap, tanto os amigos de quem enviou como os amigos de quem recebeu esse scrap poderão vê-lo. Outras pessoas simplesmente não vão ver nada.

Público: significa que qualquer usuário do orkut pode ver esse conteúdo.

Antes de postar um scrap, você pode escolher o nível de privacidade que quiser, e ninguém poderá trocá-lo mais tarde. Antigamente, todos os scraps do orkut eram públicos, e você só podia controlar se eles eram visíveis ou não na sua própria página, mas você não podia controlar a privacidade dos scraps que você enviava para a página de

um amigo. É por isso que agora você ganhou ainda mais opções de privacidade no orkut.

Percebemos quanto o Orkut se preocupa em “explicar” incessantemente a questão da privacidade, uma vez que ela é, paradoxalmente, constitutiva da circulação dos usuários: incita a adição de perfis para que seja possível ver o que é privado de amigos e de amigos dos amigos, fazendo aumentar a rede, e, com isso, se torna uma estratégia para circulação e adição de novos perfis e acaba não incentivando os perfis *fakes*, pois somente os perfis “amigos” e “amigos de amigos” terão acesso às informações. Nota-se, a maneira pela qual, discursivamente, se constrói as noções de público e de privado na rede, que operam favorecendo a engrenagem de funcionamento do poder, pois em nome da privacidade se tem justamente a incitação à publicização. Assim, o poder atua dando a sensação de uma certa privacidade e incitando o falar de certas coisas que em público seriam inadequadas, o falar daquilo que é tido como proibido, errado, ilícito tanto moral e socialmente, quanto segundo os próprios códigos do Orkut, como os Termos de Uso que serão vistos posteriormente. A sensação de falar livremente, de forma privada, confere ao Orkut a capacidade de apreender certos discursos - do que não se fala “publicamente”? Esse produto oferecido pelo Orkut é uma demonstração de que o poder não é estático e atua de modo a registrar de forma estatística os discursos, sobre o que não se fala publicamente e do que se fala de forma privada e devolver aos usuários novos serviços, novos aplicativos, novos produtos. Percebe-se também a maneira pela qual a relação privado-público é ressignificada pela dinâmica de poder no Orkut.

Recursos do Orkut: Recados com conteúdo rico

Se você estiver tendo problemas com um recado com conteúdo rico, leia os seguintes erros e restrições:

Se o seu recado contendo Flash incorporado não estiver aparecendo, é porque o site a partir do qual você está tentando inserir conteúdo foi bloqueado pelo orkut. Você verá a mensagem de erro: **Este recado com conteúdo rico não foi postado.**

Se apenas parte de um recado for exibido, é porque o conteúdo que você está tentando adicionar foi bloqueado pelo orkut. Pode ser, também, que você tenha usado uma tag ou código não permitido. O restante do recado aparecerá normalmente.

Atualmente, existe um limite de 5000 caracteres em recados.

Você precisa ser amigo da pessoa para poder enviar-lhe um recado com conteúdo rico. A caixa **dicas de recados** lista também as

opções disponíveis para recados para pessoas que não constam em sua lista de amigos.

O orkut aceita os seguintes formatos de arquivo para imagens: JPEG, GIF, PNG ou BMP.

O orkut converte novos caracteres de linha em tags de HTML
 que podem quebrar a aparência do HTML colado.

Notamos aqui que ocorre um controle do que pode ser adicionado. Um conteúdo rico seria a utilização de outros aplicativos como imagens e animações, mas não é descrito porque o Orkut bloqueia esse aplicativo ou parte dele. Há uma face do poder jurídico não permitindo certos aplicativos, e de uma forma até soberana, pois não explica o motivo do bloqueio. Por outro lado, oferece quatro possibilidades para que de alguma forma o usuário poste, circule, comente, faça o seu perfil ter cada vez mais informações. Limita o conteúdo dos recados em 5000 caracteres e possibilita disponibilizar uma lista de perfis que não são “amigos”, mas que podem receber o recado. Percebe-se uma outra particularidade do poder no Orkut: quem envia uma mensagem pode escolher a opção de privacidade, mas quem vai receber nem sempre tem a opção de receber mensagens apenas de perfis da sua rede.

Recados com conteúdo rico: Informações legais/remoção

Verifique se você tem todos os direitos legais para distribuir qualquer conteúdo carregado ou incorporado, incluindo os direitos a todas as imagens, vozes ou músicas que estão sendo usadas. Você será responsável por estar em conformidade com todas as leis e regulamentações aplicáveis que governam o uso do seu conteúdo. O orkut removerá recados quando for notificado de violações de direitos autorais.

Os recados que contém conteúdo questionável ou anúncios de terceiros podem ser removidos pela equipe do orkut sem aviso prévio. Todo o conteúdo postado no orkut.com deve estar de acordo com nossos Termos de Serviço.

Um tema recentemente mais recorrente no âmbito da Internet é a questão dos direitos autorais. Há tanto uma legislação específica no Brasil com a Lei 9610/1998²⁷, como também uma política de uso e remoção no Orkut. Percebemos que há o controle do que pode ou não ser veiculado, reproduzido

²⁷ Esta lei pode ser consultada no site do Ministério da Cultura: <http://www.cultura.gov.br/site/2008/02/02/lei-no-9610-de-19-de-fevereiro-de-1998/>

ou retransmitido. Pela lei de direitos autorais, por exemplo, o simples encaminhamento de um *scrap* de um perfil feito por outro para outros é considerado plágio²⁸ previsto no art. 46 do capítulo IV da lei brasileira, pois geralmente não mencionam a autoria do *scrap*. Práticas como essa de encaminhar uma mensagem estariam ferindo os direitos autorais, do mesmo modo que copiar imagens e postar vídeos do *Youtube* no Orkut também (mesmo Orkut e *Youtube* sendo parte do Google), porém, o Orkut se compromete apenas em remover algum conteúdo caso esse seja notificado, quando é invocado a responder em outras instâncias, no caso, o poder – jurídico, o poder da lei. A lei do direito autoral no âmbito das redes sociais nos força a pensar quão tênue é essa linha que separa o direito de autor da publicização, pois o que faz funcionar o sistema na rede é justamente a troca, o entrecruzamento das atividades, a visibilidade, a circulação sem prévia autorização de autores, e isso é possibilitado fazer por meio dos próprios computadores pessoais, da comodidade de nossas casas, não necessitando de grandes esforços para isso. É possível notar aqui que, novamente, o usuário deve checar se está em dia com as instâncias jurídicas, além de se responsabilizar por isso em *você será responsável por estar em conformidade com todas as leis e regulamentações aplicáveis que governam o uso do seu conteúdo*. Outra forma de amortecer a responsabilidade do Orkut em fiscalizar os conteúdos aparece em *podem ser removidos pela equipe do Orkut*, ou seja, a construção se dá na voz passiva tendo o sujeito como agente da passiva e a suavização da ação promovida por ele.

Sobre a violação de direitos autorais, citado e sublinhado acima, o Orkut traz a seguinte explicação:

Incentivamos os usuários a tirar o máximo de proveito do Orkut para postar e compartilhar suas próprias informações livremente. Você pode postar imagens copiadas de um álbum de fotos do Orkut ou de outro site de fotos se elas estiverem em domínio público ou se você tiver direitos para usar essas imagens. Além disso, os usuários não devem postar material protegido por direitos autorais em seus perfis ou suas comunidades. Nós seguimos a Digital Millennium Copyright

²⁸ Este trabalho não pretende explorar a questão do plágio, porém, vale salientar que há muitas discussões sobre plágio na Internet, o que acaba por evidenciar como esse tema é recorrente e como essas discussões são importantes na medida em que elas atestam a presença e a dificuldade do funcionamento do poder-jurídico no meio digital.

Act²⁹ (DMCA, lei federal norte-americana para a proteção dos direitos autorais) e removeremos imediatamente o conteúdo se recebermos uma reivindicação formal de direitos autorais.

Além do usuário ter a lei brasileira de direitos autorais, o Orkut segue a lei federal norte-americana que protege os direitos autorais. Salienta-se a busca pela ordem colocando vários órgãos jurídicos à disposição de um certo alinhamento e controle do permitido e do proibido, mas as redes sociais não funcionam justamente pelo desalinho, pelas práticas conjuntas, colaborativas, não-lineares? Os discursos são apreendidos não na ordem, mas na liberdade de circulação. Percebemos que o Orkut confere ao usuário um *status* de inofensivo, no compartilhamento das informações, e de autonomia, por deixar que o usuário faça a busca para averiguar a disponibilidade do que for postar.

Se buscarmos nos termos de uso encontraremos a seguinte descrição sobre direitos autorais:

Direitos autorais: Nós responderemos a denúncias claras de infração de direitos autorais. Para mais informações ou para saber como registrar uma reivindicação oficial sobre direitos autorais, visite nosso regulamento sobre direitos autorais em www.google.com/orkut_dmca.html e também veja o Regulamento sobre direitos autorais.

No mundo digital há discussões acerca do problema da autoria, porém, o Orkut responde por essas infrações com um regulamento próprio de direitos autorais e pelo DMCA - Digital Millennium Copyright Act (lei federal norte-americana para a proteção dos direitos autorais). Vale notar a maneira pela qual a autoria - como uma forma de controle dos discursos - se coloca como uma questão em um espaço em que os *fakes*, plágios, cópias, etc. circulam abertamente. Foucault (2006) trata a função do autor como uma certa forma de caracterização e controle do discurso, em que a autoria “assegura uma função classificatória; tal nome permite reagrupar um certo número de textos, delimitá-los, deles excluir alguns, apô-los a outros” (FOUCAULT, 2006, p. 273). Desse modo, podemos estabelecer uma relação de controle dos

²⁹ Digital Millenium Copyright Act (DMCA) é “um texto normativo adotado nos Estados Unidos em 1998, com o objetivo de modificar o regime de proteção à propriedade intelectual, mais especificamente os direitos autorais, no sentido de combater a facilidade de cópia, de circulação e, conseqüentemente, de violação de direitos autorais, trazida pela conjugação da tecnologia digital com a internet” (LEMOS, 2005, p. 32).

dizeres e de quem diz (autoria) por meio do poder panóptico, que atuará registrando, organizando estatísticas, etc. e vinculando esses dados a um certo perfil.

Cabe aqui ainda uma pequena discussão sobre a questão das leis autorais no que diz respeito às proibições e a produção cultural, visto que a troca de arquivos, hoje corriqueira, viola a lei dos direitos autorais. Pensando as leis de direitos autorais, Lessig³⁰ (2004) propõe que quanto mais leis e controles estiverem protegendo certos autores (entenda-se, também, grandes conglomerados informacionais e comerciais), menos cultura criativa irá ser criada. O fato de ser possível reproduzir, recriar, copiar, fazer ajustes, alterar, são fatores que melhorariam a produção cultural, como exemplo, o compartilhamento de software de código aberto, em que é possível vários programadores modificarem o GNU/Linux, porém, em contrapartida, temos o Microsoft Windows que é protegido pelos direitos autorais, ou seja, não é possível reprogramá-lo, seu código é fechado e protegido. Mas aqui ainda cabe uma explicação sobre direitos autorais e pirataria. Para Lessig, a pirataria favorece financeiramente os detentores dos direitos autorais:

podemos argumentar que esse tipo de pirataria na verdade ajuda o dono do copyright. Quando os chineses “pirateiam” o Windows, isso torna a China dependente da Microsoft. A Microsoft perde o valor do software tomado. Mas ele ganha usuários que estarão acostumados a viverem no mundo da Microsoft. Com o tempo, conforme as nações ficarem mais ricas, mais e mais pessoas irão comprar software ao invés de o piratear. E com tempo, já que tais compras beneficiarão a Microsoft, a Microsoft irá se beneficiar da pirataria. Se ao invés de piratearem o Microsoft Windows os chineses estivessem usando o sistema operacional livre GNU/Linux, então esses usuários chineses não iriam comprar eventualmente produtos Microsoft. Sem pirataria, portanto, a Microsoft iria perder dinheiro (2004, p. 59).

³⁰ Lawrence Lessig é o fundador do Creative Commons, órgão que trata de licenças públicas e traz a ideia de copyleft, que objetiva “a criação de uma coletividade de obras culturais publicamente acessíveis, incrementando o domínio público e concretizando as promessas da internet e da tecnologia de maximizar o potencial criativo humano” (LEMOS, 2005, p. 84). O Creative Commons no Brasil funciona em parceria com a Faculdade de Direito da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro.

Sendo assim, é possível perceber que os direitos autorais, além de favorecerem financeiramente grandes empresas, ainda privam os processos criativos de acontecerem, visto que protegem certos produtos, certas obras.

No Orkut percebemos que apesar dos termos velarem pelo que pode ou não ser dito ou utilizado e de se utilizarem de leis para isso, nota-se que o controle é feito pelo usuário também, ou seja, não há um controle constante, o controle é velado, mesmo por que, nem sempre o usuário busca saber sobre os direitos autorais. A ideia parece ser acionar os direitos autorais apenas quando receber uma denúncia e, assim, o Orkut acaba por deixar circular informações que, pelo poder estratégico, serão apreendidas como discursos, como tendências, como interesses mercadológicos. O direito autoral fica entre a proteção visando o lucro *versus* o desenvolvimento criativo e os avanços da tecnologia.

Lemos (2005) em consonância com as ideias de Lessig (2004) propõe que a emancipação de uma cultura criativa seria por meio de menos proibições e mais possibilidades como forma de criar e compartilhar:

o direito repercute na tecnologia, fazendo com que os canais de comunicação se tornem obstruídos e a decisão sobre que conteúdo pode ou não trafegar pela rede passe a ser tomada primordialmente por agentes privados. Com isso, perdem a cultura, o acesso à informação e a liberdade de expressão (LEMOS, 2005, p. 189).

Para finalizar o item Proteção e Segurança, o Orkut traz algumas informações com relação às crianças, adolescentes e pais, invocando a família para que a utilização do *site* seja saudável e segura. Recorremos novamente aos termos de uso para a descrição de segurança para adolescentes:

Segurança de adolescentes: Crianças menores de 13 anos não podem acessar o orkut, mas os adolescentes que têm entre 13 e 18 são permitidos no orkut com o Filtro de Segurança³¹ ativado. Se alguém enviar comentários sexuais a um menor, sua conta pode ser excluída permanentemente.

Às crianças menores de 13 anos é proibido o acesso, aos adolescentes é permitido apenas com o filtro de segurança ativado e cabe aos pais decidirem se é preciso que sejam supervisionados durante o uso do Orkut.

³¹ Para ativar o Filtro de Segurança o usuário deve acessar a ferramenta configurações e ativar a opção não mostrar conteúdo impróprio.

Em que instância o Orkut julga o que é ser conteúdo apropriado? Podemos perceber ainda que o cerco contra a sexualidade infantil é extenso. Por que a sexualidade infantil se tornou um discurso tão indesejado, atacado, rejeitado? Por que a sexualidade infantil é posta tão incessantemente em discurso na contemporaneidade? Esse discurso que traz a família como centro de cuidado com os filhos nos remete aos cuidados da família burguesa no século XIX, quando da pedagogização das crianças e das campanhas anti-masturbatórias, em que o sexo era posto como a causa de várias doenças. O cuidado com o sexo das crianças também é uma preocupação no Orkut, pois caso algum menor receba comentários sexuais, ele é aconselhado a bloquear este usuário e relatar o ocorrido aos pais e ao Orkut, para que essa conta seja excluída. Abaixo, em uma citação um tanto longa, observa-se uma espécie de cartilha para os adolescentes e para os pais, em que o poder de circular livremente é barrado em nome de serem adicionados apenas perfis conhecidos ou confiáveis e de favorecerem o discurso pedagógico, que se evidencia pelo uso das formas verbais imperativas, com caráter prescritivista de bom senso, boas maneiras, não fale com estranhos, não poste nada que na vida real o adolescente não ousaria dizer, enfim, a ideia de “divirta-se, mas tome cuidado”.

1. Declare sua verdadeira idade

Os membros do orkut devem ter pelo menos 13 anos de idade. Tomamos um cuidado extra para proteger nossos usuários mais jovens, por isso é importante que você seja honesto sobre sua idade ao criar uma conta no orkut. O orkut excluirá as contas dos usuários que tiverem menos de 13 anos de idade, bem como as contas de usuários que adulterem a idade ao criar a conta.

Percebe-se neste primeiro item que não é possível ter o controle efetivo da idade e, por isso, esse seria mais um discurso para satisfazer o controle do poder jurídico do que algo que realmente seja feito efetivamente pelo Orkut.

2. Proteja sua privacidade

O orkut oferece a você vários recursos de privacidade que te ajudam a gerenciar e restringir informações entre seus diferentes grupos de amigos do orkut. Faça bom uso de todos os recursos e atualize suas configurações de privacidade constantemente.

3. Não adicione pessoas desconhecidas como amigos

É divertido se conectar pela Internet com gente nova de todo o mundo, mas lembre-se que nem sempre as pessoas são quem elas dizem ser, por isso tome muito cuidado ao adicionar pessoas desconhecidas à sua lista de amigos. Recomendamos fortemente

que você apenas aceite as solicitações de amigo das pessoas que você confia e conhece pessoalmente.

A conexão com pessoas confiáveis e que se conhece pessoalmente favorece a criação de redes sociais densas, ou seja, o capital social formado é denso, visto que, é possível haver maior interação, criar mais laços fortes e facilitar/intensificar a comunicação entre os membros, por exemplo, de uma comunidade. As associações densas promovem certo sentido para quem participa e interage. Ocorre aqui uma contradição, visto que a proposta do Orkut é expandir a rede social dos usuários, fazendo com que ocorra o maior número de adições e interações possíveis. Nesse caso, esse fato se aproxima mais do que acontece com as comunidades “estéticas” (BAUMAN, 2003), em que um número muito grande de usuários se junta em torno de uma comunidade, de uma questão, mas não há interação entre eles, não há discussão, apenas integram a mesma comunidade.

4. Lembre-se que o orkut é um espaço público

Uma vez que suas informações e conteúdos (fotos, vídeos, textos, mensagens, etc.) estiverem on-line, você nunca sabe quem poderá vê-los. Todos os usuários não devem postar nada que não queiram que o mundo veja (como número de telefone, endereço ou informações muito pessoais, por exemplo). Compartilhar fotos e vídeos na Internet é muito divertido, mas lembre-se que eles podem ser mal utilizados se acabarem nas mãos da pessoa errada. Isto se aplica a todas as informações que são colocadas na Internet. Caso sejam copiadas ou postadas novamente por uma outra pessoa, talvez você nunca consiga remover todas as cópias que forem colocadas na Internet, e isso pode começar a tomar vida própria. Direito autoral

5. Pense antes de postar

O que você está postando é algo que você quer que seu chefe (ou futuro empregador), seus pais ou seus futuros sogros vejam? O seu post poderia colocar você em uma situação potencialmente perigosa? Ao postar qualquer conteúdo na internet, por menor que seja, pense nas consequências que ele pode causar, inclusive no longo prazo.

6. Assédio, discurso de ódio e conteúdo impróprio devem ser relatados

Caso você encontre comportamento impróprio no orkut, informe seus pais ou um adulto de confiança e relate isto ao time do orkut e às autoridades. Caso alguém tenha enviado conteúdo impróprio ou comentários sexuais para você, bloqueie essa pessoa imediatamente, fale com um adulto de confiança e nos relate esse fato assim que possível.

7. Ações de intimidação pela Internet ("cyberbullying")

Às vezes algumas críticas ou insultos podem tornar-se ações mais sérias de intimidação pela Internet. Tente excluir esses comentários ofensivos e bloquear o usuário, assim ele não poderá mais te enviar mensagens. Caso você receba ameaças específicas e você não se sinta inseguro (por exemplo, caso essa pessoa possa saber informações pessoais sobre você, como seu nome, endereço ou

escola), fale com seus pais ou professor, e considere falar com a autoridade policial de onde você vive.

Percebemos aqui que a denúncia das ofensas é material para a produção de saberes sobre o *bullying* e a criminalização desta prática, assim, é possível emergir uma nova categoria de sujeito transgressor, o *cyberbully*.

8. Não seja pego por um golpe de phishing ("pesca-senha")

"Phishing" é um método usado por fraudadores para tentar obter suas informações pessoais, tais como seu nome de usuário e senha, fingindo ser parte de um site que você confia. Caso você comece, de repente, a receber recados ou mensagens estranhas de um amigo, provavelmente ele foi vítima de "phishing" e alguém roubou a senha dele. Mesmo que essas mensagens venham no nome de um de seus amigos, certifique-se de que foram realmente escritas por eles antes de clicar em qualquer link ou abrir qualquer arquivo. Caso você ache que você ou um amigo tenha sido vítima de "phishing", mude sua senha imediatamente, verifique seu computador com um programa de antivírus atualizado, e avise seu amigo (ele deveria fazer o mesmo que você).

9. Evite encontros pessoais

Não se encontre com alguém que você conheceu pela Internet ao menos que você tenha certeza da identidade real dessa pessoa e que você saiba que estará seguro com esta pessoa. Caso você realmente precise se encontrar com alguém, fale com um adulto primeiro e leve seus pais para esse encontro.

Nota-se que a identidade real *off line* é invocada nas instâncias jurídicas (com abusos, suspeitas de crimes e denúncias) e para assegurar os encontros.

10. Siga as regras gerais de segurança

Finalmente, lembre-se de seguir nossas regras gerais de segurança para usuários do orkut.

Recomendações para pais de adolescentes³²

Nós encorajamos os adolescentes a falarem com um adulto em que confiam caso tenham preocupações sobre algo ocorrendo no orkut ou em qualquer outro serviço da Internet. Manter uma comunicação aberta é muito importante para assegurar que seu filho fique seguro on-line. Destacamos aqui algumas recomendações para os pais:

Nota-se regras de conduta que os pais devem seguir em relação aos filhos. Há uma normatização das condutas e uma delas é a comunicação aberta.

³² Na contemporaneidade alguns autores relatam sobre a dissolução da família, como Hobsbawm (1995) e Bauman (2004). Porém, por outro lado, percebe-se práticas de reafirmação da família, como o uso alastrado no país de adesivos nos carros, em que o dono do carro cola figuras da "família feliz": casal, filhos, netos, animais de estimação, etc. Emerge a visibilidade da família, visto que os adesivos são colados na parte traseira do carro de modo a ser visto por onde passa.

1. **Mantenha os computadores em um local central da casa**
Isto facilita que você fique de olho nas atividades on-line de seu filho.
2. **Saiba onde seus filhos vão na Internet**
Fale abertamente com seu filho sobre o uso apropriado e seguro da Internet e da comunicação on-line. Garanta que seus filhos entendam e sigam todas as recomendações listadas acima.

Falar abertamente é um mecanismo de confissão que os pais devem utilizar para apreender a verdade dos filhos e a responsabilidade é definida pela vigilância.

3. **Ensine sobre segurança na Internet**
Reforce que seu filho nunca deve postar, compartilhar ou enviar fotos ou informações pessoais pela Internet. Alerta seu filho a não fazer download de arquivos enviados por fontes desconhecidas, e a não visitar páginas da internet suspeitas. Também alerte seu filho a consultar um adulto de confiança se ele estiver em dúvida sobre a segurança de uma página da internet, de um aplicativo ou de um arquivo.
4. **Esteja alerta ao perigo dos desconhecidos**
Ensine seu filho a nunca se encontrar pessoalmente com quem ele "conheceu" pela Internet, e a não compartilhar informações pessoais com estranhos. Seu filho precisa entender que é muito fácil alguém fingir ser outra pessoa pela Internet, então até mesmo as pessoas que seu filho acha que conhece devem ser primeiro checadas por um adulto de confiança.
5. **Proteja senhas**
Parece óbvio, mas lembre seu filho a nunca divulgar suas senhas para ninguém e a não clicar em configurações de "salvar minhas informações neste computador" (ou "lembrar de mim") em computadores públicos ou compartilhados, tal como computadores da escola, biblioteca ou na casa de um amigo.
6. **Ensine seu filho a se comunicar com responsabilidade**
Uma boa regra para seu filho seguir é esta: se você não diria algo pessoalmente para alguém, então não escreva pela Internet, não mande por e-mail e não poste essa mensagem como um comentário na página de alguém. É também muito importante que seu filho saiba como reportar um conteúdo inadequado caso ele o encontre.

Aqui ocorre uma inversão, pois se *você diria algo pessoalmente para alguém*, não há a necessidade de escrever pela internet, porém, não escrever o que não diria se apresenta como um mecanismo de manter os dados confiáveis.

7. **Sempre seja crítico com qualquer conteúdo**
Só porque você viu algo na Internet, isso não significa que seja verdade. Ensine seu filho sobre como distinguir fontes confiáveis daquelas não confiáveis, e como verificar as informações que eles encontram on-line. Certifique-se de que seu filho entenda que copiar e colar conteúdo de uma página da internet pode ser considerado plágio, e plágio é errado (além de ilegal!).

Há aqui um policiamento das condutas ilegais pelos pais. Os pais passam a ser a polícia, a regular as condutas dos filhos, a disciplinar o modo

como navegar na rede, reforçando um modelo de família burguesa quando interessa.

2.3.2 Blog³³: neste *link* “Orkut blog” o próprio Orkut posta novidades mais recentes sobre o site e sobre outros temas como música, futebol, novos aplicativos para se utilizar na rede, etc. Tudo o que é postado é de propriedade do próprio Orkut feito por funcionários. Além de *posts* sobre transmissões de shows ao vivo pelo Orkut, é possível ter conhecimento de novos produtos oferecidos pelo *site*. Segue abaixo o recorte de dois *posts* publicados por engenheiros de software do Orkut:

a) Adicione sua empresa ao Google Maps e ganhe um selo do Orkut (15 de Junho de 2011): com esse serviço qualquer usuário do Orkut que tenha algum comércio poderá se cadastrar no Google Maps e receber um selo no seu perfil do Orkut. Quando outro usuário visitar esse perfil verá o selo do mapa e ao clicar nesse ícone será mostrado o mapa para se localizar o comércio em questão. Postado por Igor Gatis e Igor Cananea, Engenheiros de Software.

Nota-se o poder disciplinar registrando, atualizando e devolvendo aos usuários novas formas de utilização e serviços.

b) Suas fotos do Orkut ganharam um medidor de popularidade! (13 de Junho de 2011): com esse recurso é possível saber quantas visualizações teve cada foto do álbum do usuário. Cada foto passa a ter um contador de visualização e é atualizado a cada poucos minutos. Com esse recurso é possível medir a popularidade das fotos e do álbum ou mesmo, caso não tenha muitas visualizações, atualizar o álbum com novas fotos. Postado por Maíra Nascimento, Engenheira de Software.

O poder-estratégico que incita o ver e ser visto é cada vez mais invocado para a circulação no Orkut. Esse processo é possível pelo procedimento de poder estatístico que atua registrando as visualizações. A popularidade é incitada de forma a viabilizar o registro dos acessos e da rede de contatos que é gerada, produzindo um saber sobre aquela identidade tida como popular.

³³ <http://blog.orkut.com/>

2.3.3 Privacidade³⁴:

Informações pessoais: o Google coleta e armazena as informações associadas às mensagens, incluindo os endereços de e-mail e o conteúdo. Quando você envia e recebe mensagens SMS para ou do site do orkut, o Google coleta e armazena informações associadas a essas mensagens, como o número do telefone, a operadora de celular associada ao número do telefone, o conteúdo da mensagem e a data e a hora da transação. Quando você interage com alguma funcionalidade do orkut, o Google pode coletar e manter informações sobre suas atividades relacionadas àquela funcionalidade. No caso de Promoções, o Google armazena quais promoções lhe foram servidas e, se você interagir com uma promoção, também coletará e manterá dados relacionados a seus cliques, à sua remoção da promoção e ao seu envio da promoção a seus amigos do Orkut.

Podemos perceber desse modo que há um controle total não só com relação às informações pessoais, mas também sobre a circulação. O Orkut poderia funcionar nesse caso como um IBGE mascarado e potencializado, em que todo registro do usuário é arquivado, transformado em conhecimento sobre o próprio usuário e devolvido a ele, por exemplo, na forma de propagandas de produtos que, possivelmente, consumiria ou de perfis de “amigos” que poderiam interessá-lo. Trata-se de procedimentos de produção de identidades. Ademais, ao registrar informações vinculadas ao SMS e ao celular, o Google é capaz de localizar o indivíduo no mundo real, estreitando a relação entre o mundo *online* e *off line* e, por tabela, de armazenar dados que permitem ao Google identificar possíveis *fakes*. Também há a possibilidade de um compartilhamento de dados entre o Google e as operadoras de celular, expandindo, assim, as formas de acesso aos indivíduos (e aos seus desejos). Percebemos aqui a recursividade entre as mídias (internet, celular), a reutilização dos meios, visto que a tecnologia de banco de dados favorece esse recurso, pois fornece a reprodução de informações e uma divulgação mais ampliada para atingir os perfis que necessita.

Usos e compartilhamento de informações: O Google armazena e processa suas informações pessoais e o conteúdo de suas mensagens para fornecer à sua conta do Orkut acesso e permissão de uso dos serviços do Orkut, além das finalidades descritas na Política de Privacidade do Google. Os serviços do Orkut incluem anúncios e links relevantes baseados nas informações do seu perfil e mensagens trocadas por você como parte do seu fluxo de atividades no seu perfil. As informações do seu perfil são exibidas de acordo

³⁴ <http://www.orkut.com.br/html/pt-BR/privacy.orkut.html?rev=6>

com as preferências definidas na conta. Também usamos o seu nome e endereço de e-mail para notificar você sobre novos membros, mensagens ou outras informações, como convites para entrar na rede de um amigo, um novo depoimento ou classificações de “fã” e avisos de paquera.

O controle novamente aparece oferecendo informações como anúncios e *links* que possam ser interessantes para o usuário, a partir do rastreamento das informações e circulações do usuário. Trata-se de produzir um saber sobre os sujeitos e de controlar, analisar, incitar seus desejos na forma de oferecimento de produtos, pela sedução e pela indicação de possíveis contatos. Para Jarrett (2008, p. 8), *“as a seductive expression of power, interactivity is based on condescension: a deliberate masking of power in order to effect control”*. Como resistir a um poder que opera pela indução contínua à circulação? Criar um perfil e não utilizá-lo, ou seja, não circular seria uma forma?

Nota-se que o controle opera de maneira a incitar a circulação pela formação de uma rede social, indicando inclusive futuros amigos e jogando com as ideias de visibilidade, popularidade, relacionamentos, amizades e paquera, expandindo a rede. Percebemos, assim, que o poder atua de forma criativa e contínua e que não temos “o controle” sobre os próprios perfis. Ao se inscrever numa rede social, as informações do usuário ficam disponíveis, a visibilidade é total, qualquer movimento é registrado, fazendo emergir dessas informações certos saberes sobre os indivíduos que, dentre outras finalidades, possibilitam uma reorganização das categorias sugeridas pelo Orkut para a construção do perfil. Sobre adequação da publicidade a cada perfil, interessante notar o trecho abaixo:

Anúncios veiculados no Orkut: O orkut esforça-se para fornecer a você publicidade relevante e útil... Você pode visualizar, editar e adicionar as categorias usadas para fornecer a publicidade com base em interesses no Gerenciador de preferências de anúncios para o cookie DoubleClick. Suas preferências de anúncios serão respeitadas no orkut, nos sites parceiros do AdSense e nos sites do Google que usam o cookie DoubleClick para veicular esses anúncios. Você pode optar também por desativar o cookie DoubleClick a qualquer momento. Nesse caso, os anúncios exibidos para seu navegador por nossa tecnologia de veiculação de anúncios não serão veiculados com base no cookie DoubleClick.

Não há registro explícito do que seria publicidade relevante e útil para o Orkut, além da maneira pela qual o Orkut registra algo como sendo relevante ou útil, embora essas categorias sejam definidas pela precisão na congruência entre o perfil e a publicidade fornecida. Essa precisão de informação vai sendo construída por certos procedimentos de poder, como é o *cookie*³⁵ (ver trecho abaixo). Há uma possibilidade de resistência ao recebimento de publicidades “relevantes e úteis” pela desativação do recebimento da publicidade pelo usuário ou do recebimento de *cookie* pelo *browser* utilizado, conferindo, até certo ponto, uma sensação de controle sobre as informações que circularão em seu Orkut. Relevante e útil são adjetivos utilizados no sentido de justificar uma “boa” publicidade, na tentativa de mostrar que há um lado capitalista que não é prejudicial. Parte-se do pressuposto de que a publicidade que não é relevante e útil e a falta de esforço do Orkut faz com que os usuários fiquem expostos a propagandas inúteis e irrelevantes, ou seja, todo o esforço do Orkut deve ser levado em consideração para isso.

Anúncios veiculados no orkut fora dos aplicativos: Servidores de anúncios de terceiros poderão usar cookies ou beacons da web para reconhecer o seu computador com a finalidade de acompanhar o conteúdo de publicidade ou de medir a eficácia do anúncio.... O orkut não fornece nenhuma informação de identificação pessoal para essas empresas de veiculação de anúncios ou redes de anúncios sem o seu consentimento. Nós fornecemos aos anunciantes apenas informações agregadas de não identificação pessoal tal como a quantidade de vezes em que um anúncio foi clicado.

Se o Orkut coleta e armazena as informações e circulações e se os terceiros, conforme exposto abaixo, podem reconhecer o computador do usuário, de que maneira há ou não o consentimento? Esses são “buracos” para que a informação circule livremente, inclusive o pedido de desativação de sistemas de anunciantes não é neutro, na medida em que também registra esse tipo de informação, passando a impressão de que cabe ao usuário, apenas, o controle sobre seus dados. Como o Orkut *apenas* fornece informações de não identificação? Apenas com a finalidade de acompanhar o conteúdo? O que significaria para o Orkut medir a eficácia? A utilização do

³⁵ Cookie é um mecanismo que armazena as informações recebidas por um navegador na máquina do usuário. Essas informações são registradas em forma de cadeia de texto.

termo *apenas* mostra um mascaramento linguístico dos efeitos invasivos e perversos de invasão e “comércio” de informação.

Anúncios veiculados em aplicativos: desenvolvedores de aplicativos poderão optar por usar um servidor de anúncios de terceiros para veicular anúncios nos aplicativos do desenvolvedor no site do orkut.

Percebemos que a informação que circula, seja por meio das redes, por meio de anúncios, por meio de aplicativos é a engrenagem do poder, mas cabe indagar que tipos de saberes esse poder produz, quais são as finalidades do registro contínuo, além de oferecer serviços, produtos, amigos, comunidades, etc.? Trata-se da produção de modos de subjetivação pela produção de um saber sobre a circulação dos indivíduos tomada como objeto desse saber.

Vejamos no item abaixo que o usuário pode ter o controle (sobre o ver e ser visto) desde que siga a regra da “vigilância ou ocultação mútua”.

Suas opções como usuário: O Google fornece diversas ferramentas para restringir as pessoas que podem ver o seu perfil e outras informações pessoais. Ao criar seu perfil, procure o ícone “chave”, que permite restringir a visualização de determinadas informações apenas para você mesmo, para os seus amigos, para os amigos dos amigos, ou disponibilizar as informações para todos os membros do orkut. Você pode atualizar o seu perfil a qualquer momento. Basta clicar no botão “editar”, nas configurações do perfil.

A possibilidade de modificar-se está inscrita na lógica das identidades modernas, em que não há nada estático, o poder opera na crença da possibilidade infinita de construção e (re)edição das identidades, contudo, dentro de um mesmo regime de subjetivação, o que se evidencia pelo fato de haver restrições sobre certas informações possíveis de serem dadas pelo usuário, como é o caso das categorias que constituem o perfil, havendo pouco espaço para a manobra dos sujeitos (como na categoria “quem sou eu”, em que as pessoas podem se expressar mais “livremente”, podendo passar mais sutilmente pelo controle de certos termos).

O regime que controla o que pode ou não ser dito no Orkut também pode ser identificado por uma rápida busca por certos termos

“tabus”³⁶, como a palavra-chave “sexo”, que, curiosamente, não fornecerá nenhum registro de comunidade, porém, vemos algumas brechas em que a sexualidade emerge indiretamente, como no item ‘usos e compartilhamento de informações’ em que notifica os avisos de paquera ou como em comunidades que tratam do abuso da mulher³⁷ ou no perfil Loira Sexy Girl³⁸. Outro exemplo de termo proibido é “pedofilia”, que não oferece nenhum registro em comunidades, embora apareça indiretamente em comunidades como, contra o abuso sexual infantil³⁹ e diga não abuso sexual infantil⁴⁰. Esse controle explícito sobre termos e temas não é aleatória, uma vez que,

em toda a sociedade a produção do discurso é simultaneamente controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que tem por papel exorcizar-lhe os poderes e os perigos, refrear-lhe o acontecimento aleatório, disfarçar sua pesada, temível materialidade (FOUCAULT, 1970, p. 2)

Uma vez inscrito na rede, o usuário não tem mais domínio sobre as informações que são veiculadas:

(...) se você encerrar sua conta, seu perfil, incluindo quaisquer mensagens contidas na sua caixa de entrada, será removido do site e excluído dos servidores do orkut. Devido à maneira como a manutenção deste serviço é feita, essa exclusão pode não ser imediata, e cópias residuais dos dados do seu perfil poderão permanecer em sistemas de backup.

O poder nesse caso faz com que o usuário se torne refém de si próprio, pois se desliga da rede social, mas não se desliga da rede, da teia de informações Google, que tem o controle dos dados, dos fluxos. Seria uma espécie de aprisionamento? Podemos pensar que se trata de posse ilegal de informações? Ou o próprio conceito de ilegalidade não se aplica neste caso?

³⁶ Sobre o tabu, segundo Foucault, “temos consciência de que não temos o direito de dizer o que nos apetece, que não podemos falar de tudo em qualquer circunstancia, que quem quer que seja, finalmente, não pode falar do que quer que seja” (1995, p. 2).

³⁷ <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=90312117>.

³⁸ <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=391924006555456843>.

³⁹ <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=5228095>.

⁴⁰ <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=22439836>.

2.3.4 Termos de Uso⁴¹:

Seu uso do Orkut: Você deve ter pelo menos 13 (treze) anos de idade para usar o Orkut. Se você tiver entre 13 (treze) e 18 (dezoito) anos de idade, você declara possuir autorização formal de seus pais ou de seu tutor para aceitar este contrato e de que você é plenamente capaz de compreender e aceitar os termos, condições, obrigações, declarações e garantias estabelecidos no Contrato.

A rede é limitadora, pois, a princípio, não é qualquer um que pode ter um perfil. Não é apenas uma rede social que, *a priori* se diz para relacionamentos, mas o usuário tem um contrato a seguir que, aparentemente, funciona apenas para ecoar o compromisso do Orkut com as instâncias jurídicas *off line* e que diz o modo correto de utilizar e aceitar os termos. Nota-se, conforme já visto anteriormente na política de privacidade, que, mesmo se tratando de Internet, há uma instância legal que visa, de alguma forma, controlar os acessos e as circulações “livres”. A referência ao poder jurídico-estatal aparece mais claramente no seguinte fragmento:

ao possuir uma conta no orkut, você concorda que as leis do Brasil se aplicarão a estes termos de serviço, bem como a quaisquer disputas que se originem a partir deles. As partes se sujeitam à jurisdição e à competência exclusiva das cortes do Brasil, para quaisquer conflitos originários destes termos de serviço.

Seu uso do recurso Promote: Os Usuários, quer estejam fazendo uma oferta de venda ou desejem adquirir quaisquer produtos ou serviços pelo Promote, concordam e aceitam que a Google não está envolvida na presente transação e não tem controle sobre qualquer aspecto dos bens e serviços assim ofertados ("Itens"). Você concorda em não responsabilizar a Google pelo conteúdo, pelas ações ou omissões de outros usuários, pelos Itens por eles oferecidos, por qualquer prejuízo monetário ou financeiro resultante de transações não concluídas ou pela controvérsia resultante dessa transação.

O Google controla as informações e se isenta de possíveis desentendimentos com ou entre os anunciantes, ele não responde por quem anuncia, mas fornece os dados, utiliza as estatísticas dos perfis como vitrine, como pesquisa de mercado, mas não controla os anunciantes. Até que ponto podemos pensar que a atuação do Google é isenta ou imparcial? Como fica a responsabilidade nesses casos?

⁴¹ <http://www.orkut.com.br/html/pt-BR/additionalterms.orkut.html>

2.3.4.1 Sobre as comunidades

Sobre o orkut: Políticas de Conteúdo do Orkut: As Políticas de Conteúdo a seguir são regras para serem compartilhadas e seguidas pelos membros do orkut. O orkut é um lugar onde os usuários podem expressar suas próprias crenças e valores, e as nossas Políticas de Conteúdo ajudam a manter um ambiente positivo que permite tal expressão. Estas políticas devem ser aplicadas a todo conteúdo disponível no orkut, tanto em perfis, como em comunidades, e serão atualizadas de acordo com as necessidades do orkut e das ferramentas disponíveis, por isso recomendamos que você revise este documento com frequência.

Há um discurso mascarado de possibilidade de falas e dizeres livres, impondo, por outro lado, um certo tipo de controle. O Orkut ajuda a manter um certo polimento, apaziguamento e não seria então um espaço para lutas políticas e reivindicações. O fato de se querer que revise com frequência esse documento mostra o poder disciplinador trabalhando na normatização dos discursos e dos sujeitos.

Nós levamos estas Políticas de Conteúdo do orkut a sério e pedimos que você também as respeite. Como membro do orkut, você tem certas responsabilidades a si mesmo e aos outros usuários.

Conforme já discutido, o usuário é controlado e pode controlar as ações dos outros, as práticas, os discursos. Novamente o poder panóptico, a vigilância, a preocupação com a segurança se mostra atuando como “cada camarada se torna um vigia” (FOUCAULT, 1999, p. 119) e essa responsabilidade é novamente colocada ao usuário: *você tem certas responsabilidades a si mesmo e aos outros usuários.*

Como denunciar abusos: Tenha em mente que nem todas as denúncias resultarão em remoção de conteúdo. Nós encorajamos nossos usuários a utilizar perfis e comunidades no orkut para compartilhar idéias livremente.

É possível perceber como os conteúdos do Orkut são repetitivos no que diz respeito aos termos de uso e às denúncias de abuso. Percebemos também nesse fragmento que a porta de entrada da lei jurídica *off line* nas instâncias virtuais se dá pelo controle dos discursos, por tabela, pela identificação do usuário real.

Sobre a divulgação de informação confidencial e privada: Nós não permitimos a publicação não-autorizada de informação privada e confidencial de uma pessoa, como números de cartão de crédito, números de identidade, números de passaporte, números de carteira de motorista ou outros documentos, ou qualquer outra informação que não esteja acessível publicamente.

Para proteger certas informações pessoais (privada e confidencial), é preciso ter cuidado com o conteúdo a ser compartilhado com outros perfis. Nesse caso, o poder atua censurando essa conduta e o responsável Orkut, mais uma vez, se poupa de assumir qualquer responsabilidade criminal ou civil por algum “deslize”. Trata-se de, o máximo possível, fazer com o que o usuário assine (aceite o contrato) se responsabilizando pelas condutas.

2.3.5 Publicidade⁴²:

Anuncie no Orkut.

Alcance o seu público-alvo em um dos sites mais visitados do Brasil.

1) O Orkut é a maior rede social do Brasil, que permite aos usuários enviarem mensagens, compartilharem fotos e fazerem novos amigos.

2) A melhor maneira de alcançar os brasileiros on-line. Mais de 24 milhões de usuários ativos, ou mais de 70% da população brasileira que acessa a Internet. Mais de 26 milhões de páginas vistas no Brasil a cada mês. Os usuários visitam o Orkut 42 vezes por mês, e passam mais de 9 minutos em cada acesso em média (fonte: comScore Media Metrics, 2010).

3) Foco nos usuários com os quais você se importa. Segmente os usuários com base em: idade (34% maiores de 25 anos, 34% entre 25 e 34 anos, 20% entre 35 e 44 anos, 9% entre 45 e 54 anos e 4% com mais de 55 anos) e sexo (51% são homens e 49% são mulheres).

4) Crie a campanha perfeita para seu orçamento e seus objetivos.

a) Soluções Personalizadas para grandes iniciativas (exiba anúncios altamente segmentados nas páginas iniciais dos usuários; obtenha o controle preciso para cada campanha que lançar; receba suporte personalizado para criar a melhor campanha para a sua marca; válido para orçamentos de R\$ 15.000,00 ou mais por mês).

5) Campanhas direcionadas de anúncios gráficos ou de texto (crie você mesmo anúncios gráficos e de texto usando o Google AdWords de forma simples e rápida; selecione os usuários por geografia, demografia, interesses e palavras-chave; anuncie nas páginas dos usuários ou nos resultados de pesquisa; escolha pagar por quantidade de aparições (impressões) ou quantidade de cliques recebidos em seu anúncio).

Podemos entender nesse *link* Publicidade que há uma contradição com relação aos termos de uso visto acima - “o orkut não fornece

⁴² <http://www.orkut.com.br/html/advertise/BR/overview.html>

nenhuma informação de identificação pessoal para essas empresas de veiculação de anúncios ou redes de anúncios sem o seu consentimento”. O Orkut é capaz de segmentar o público em idade e sexo e essas informações geralmente estão expostas no perfil pessoal. O Orkut utiliza os seus perfis como vitrine para anunciantes, cobra por isso e ainda vende os perfis como *altamente segmentados*. É o poder-estratégico disfarçado da melhor maneira, em que o usuário circula para se divertir, segundo o *slogan* da rede, e, entre outras coisas, é incitado a preencher certas informações e circular como consumidor em potencial. De acordo com Pinheiro (2008, p. 3-4),

detectar os gostos e as preferências dos usuários, potenciais consumidores *on-line* e *off-line*, torna-se imprescindível para o mercado contemporâneo. Os sites de relacionamento como Orkut, MySpace, Facebook, além de aproximarem amigos e os amigos dos amigos, propiciam associações entre usuários que não pertencem à mesma rede de amigos mas partilham afinidades comuns, o que cria redes cada vez mais complexas de serem identificadas.

Percebe-se aqui como os usuários não se dão conta de que “vendem” seus perfis, que servem de vitrines e são um novo meio de gerar valores econômicos e “essas novas práticas de geração constante de informações armazenadas em bancos de dados mudam os modos pelos quais os indivíduos são constituídos como consumidores” (PINHEIRO, 2008, p. 7). Para Jarrett (2008, p. 7), “*users continuous development of online subjectivities (or lifestyle brands) within these sites produces value for cultural industries*”. É interessante notar também como a estrutura do texto é construída de forma a seduzir o anunciante, num estilo publicitário, de forma a tomar o Orkut como produto a ser consumido, como mídia a ser utilizada. Se, por um lado o discurso do Orkut seduz o usuário para participar da rede pela sedução do livre circular, por outro, o Orkut tenta seduzir possíveis clientes por meio de dados estatísticos, informações e métricas que tendem a ampliar as condições de reprodução de anúncios.

Para finalizar este capítulo, temos que o Orkut funciona como engrenagem de poder que vai desde o registro contínuo, a incitação à visibilidade e à popularidade, o controle do que pode ser dito ou não, até um mecanismo de comércio e consumo.

O Orkut pode ser entendido, conforme visto, enquanto integrando um rede mais ampla de poder, pois está inscrito num dispositivo muito complexo de poderes, interesses e discursos que tem como tática, entre outros, a relação entre amigos, os elos que são feitos, a circulação que é rastreada, a incitação ao divertimento, ao prazer, à popularização de si, a venda de produtos, etc. A regra é falar de si, comentar, circular, deixar recados. É dessa maneira que o Orkut funciona, rastreando tudo o que acontece. E é dessa maneira que novas estratégias de marketing vão atuar, de modo que cada vez mais pessoas estão aderindo a elas, por meio de redes sociais, blogs, wikis, etc. O Orkut é apenas mais uma delas, porém, ligada ao Google, grande banco de dados, que compila, cruza informações e produz saberes sobre as identidades circulantes e os desejos. No seu complexo informacional, o Google explora e armazena informações por meio dos conhecidos buscadores: Google Maps, Google Notícias, Gmail, Orkut, Google Tradutor, Google Livros, Google Acadêmico, Google Blogs, Youtube, Google Agenda, Google Fotos (Picasa), Google Docs, Google Reader, Google Sites e Google Grupos.

Na era da informação o que seria mais valioso senão o gerenciamento e controle da informação? Essa dinâmica do poder pode ser entendida quando se obtém informação, se compila dados, novos discursos são apreendidos e isso é devolvido ao usuário em forma de novos serviços. O Google + é um exemplo. Esse serviço é uma reconfiguração do que temos atualmente sobre redes sociais. Essa rede pretende unir grupos sociais de pessoas para compartilhar suas intimidades e interesses em comum, ou seja, a lógica é contrária à do Orkut, em que o mote da engrenagem é circular e adicionar o maior número de pessoas. O Google + tende a ser mais restrito e transportar seus grupos para a web. Seria esse um novo mecanismo de confissão, em que os usuários se colocam a falar mais de si justamente por estar num grupo de conhecidos e se sentirem mais a vontade e confortáveis? Desse modo, seria mais fácil diminuir os perfis *fakes* e poder refinar as relações entre perfis, desejos e relações. De acordo com Gross e Acquisti (2005) essa é uma tendência entre as redes sociais de tomar medidas, inclusive jurídicas, para diminuir o número de perfis *fakes* e favorecer uma base de dados mais coerente com a realidade dos usuários. Seria essa uma nova prática que inverte o que seria uma rede social de massa para uma rede social

mais íntima, privada e particular? Esse novo mecanismo de rede social se alinha também com um novo modo de vigilância, uma vigilância lateral, *peer-to-peer* (ANDREJEVIC, 2005), ou seja, se vigia os mais próximos, os cônjuges, os parentes, os amigos mais íntimos e, com isso, é possível detectar e produzir verdades mais “genuínas” sobre os sujeitos, pois as redes sociais seriam mais densas, específicas, de laços fortes e se evitaria com isso os perfis *fakes*. Além disso, essa vigilância se torna um mecanismo, ainda de acordo com Andrejevic (2005), para refinar a segurança e o controle de informações dos sujeitos em governos neo-liberais (em que o controle dos cidadãos é mais complexo e é necessário conter e educar os cidadãos), e para isso seria preciso que os usuários fossem “eles mesmos” nas redes sociais. Invoca-se uma vigilância mais íntima, familiar.

Porém, do mesmo modo, o Google + é parte do Google que continua a deter o controle dessas informações e, nesse ponto cabe questionar onde tudo isso vai parar.

3 SUJEITO

A questão do sujeito abre muitas brechas para ser pensada e repensada na Análise do Discurso. De todo modo, há um consenso no que diz respeito ao fim do sujeito cartesiano, do sujeito centrado, estruturalista. Assim, a noção de sujeito varia conforme as teorias, o *corpus* pesquisado e as diferentes épocas e os diferentes gêneros (POSSENTI, 2003). O sujeito seria, então, efeito de relações que se estabelecem entre diferentes dimensões: biológicas, social, de linguagem, cultural, ideológica, etc. Para Foucault, a questão do sujeito está diretamente ligada às relações de poder.

Neste capítulo trataremos das questões a respeito do sujeito a partir de uma abordagem teórica proposta por Michel Foucault. Foucault afirma em seu texto *O sujeito e o poder* (1976) que o que ele realmente queria atingir com os seus estudos não era exclusivamente o fenômeno do poder, mas entender como os seres humanos se tornam sujeitos, como se constitui o indivíduo na sociedade moderna. Os indivíduos são tornados sujeitos ao se inscreverem em posições históricas e políticas que os constituem, portanto, são formados dentro de relações estratégicas de poder. Para isso, pensou nos mecanismos de objetivação e de subjetivação, sendo que o primeiro seriam os mecanismos que tornam o homem objeto científico e o segundo seriam os modos pelos quais os indivíduos são tornados sujeitos através de práticas de subjetivação: “Objetivação e subjetivação fazem parte do mesmo processo, ou seja, fazem com que o sujeito possa se tornar, na qualidade de sujeito, objeto de conhecimento” (FOUCAULT, 2004, p. 236). Esses processos são complementares e se inscrevem em jogos de verdade, em que estão em questão “não a descoberta das coisas verdadeiras, mas as regras segundo as quais, a respeito de certas coisas, aquilo que um sujeito pode dizer decorre da questão do verdadeiro e do falso.” (FOUCAULT, 2004, p.235). O sujeito neste trabalho será visto com relação à disciplina, à confissão, à norma e à resistência.

Ao pensarmos o sujeito podemos pensar também a questão da identidade, que é um termo complexo, estudado por várias áreas do saber, como Antropologia, Psicologia Social, Sociologia, etc. É possível pensarmos a identidade por meio da linguagem, visto que, para Foucault (1988) o sujeito se constitui por diversas práticas discursivas.

De acordo com Hall (2006), há uma dissolução das identidades na pós-modernidade - a intensificação das interações comunicacionais, motivada pelas novas tecnologias e a globalização, seria uma das causas de uma identidade provisória e variável quando posta em relação com outras identidades. Porém, não se trata apenas de entender como as identidades mudam, variam ou se tornam líquidas (BAUMAN, 2005), mas como o poder opera para que essas identidades/subjetividades circulem e se constituam. Bauman (2005) adjetiva certas ocorrências na contemporaneidade como líquidas e sua teoria trata da diluição dos laços sociais, das identidades, dos relacionamentos, da vida cotidiana, etc. que se tornaram transitórios, fluidos, nômades, ao contrário das formas definidas, confiáveis, controláveis e sólidas dos tempos passados.

Na perspectiva adotada nesta dissertação, sabe-se que não se nasce sujeito e, tampouco, as identidades existem de forma independente ou soberana, mas são frutos de um processo histórico, social, cultural e político. Os sujeitos compartilham crenças, valores, padrões cognitivos e linguísticos que remetem a grupos sociais e que são efeitos do funcionamento histórico do poder. Mais especificamente, na contemporaneidade, nota-se que, não coincidentemente, a questão da identidade tem se tornado um tema recorrente:

a questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2006, p. 07).

Com isso, a identidade não pode ser vista como sendo estável e garantida por si mesma. Na contemporaneidade, a identidade diz respeito a um

homem “líquido-moderno”, sem vínculos e sem compromisso com alguém, mas conectado com o mundo (BAUMAN, 2005): temos como fenômeno correlato e constitutivo das identidades hoje, a explosão da Internet, oferecendo interações fáceis e rápidas, relativizando as fronteiras espaciais e multiplicando as possibilidades identitárias. Tal fenômeno é tanto efeito como produto da globalização. Segundo Hall,

quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente” (2006, p. 75).

Hall (2006) aponta que, além desse efeito da globalização para a ocorrência dessas identidades flutuantes, houve um rompimento com a noção de sujeito cartesiano. Os descentramentos do sujeito e autônomo foram efeitos de:

- a) as concepções marxistas de que o homem só faz história de acordo com as possibilidades que lhe são oferecidas;
- b) a descoberta do inconsciente por Freud e a negação da identidade inata;
- c) os estudos de Foucault de docilização dos corpos e vigilância do eu;
- d) as teorias de Saussure e a noção de estrutura, com o princípio de que sou apenas em relação ao outro;
- e) os movimentos feministas que, entre outras coisas, questionavam a generificação dos sexos.

Todos esses descentramentos aliados à globalização se mostram como um fator importante para essa descontinuidade dos sujeitos e das identidades.

A globalização potencializou e multiplicou as maneiras de se relacionar, de ser e de se expressar. Com a globalização, foi possível integrar e conectar comunidades, organizações, etc., pois foram quebradas as barreiras de espaço e tempo e, inclusive, de fronteiras entre as nações - se a identidade estava ligada ao Estado-nação para ser válida e sólida, com a globalização as nacionalidades se tornaram híbridas e até as instituições que ditavam as normas se tornaram mais maleáveis. Hoje é possível em comunidades distantes, remotas ou mesmo aldeias haver acesso a informações, mensagens,

formas de consumo e produtos por meio dos meios de comunicação, há uma interconexão social e uma mudança entre as relações pessoais e cotidianas. A sociedade enquanto espaço bem delimitado como na sociologia clássica não se sustenta com essa nova era global.

A globalização traz a ideia e a possibilidade de mobilidade, de pertencimento a certas identidades flutuantes e efêmeras, uma indústria de identidades, que faz com que a identidade seja “um manto leve pronto a ser despido a qualquer momento” (BAUMAN, 2005, p. 37). Pensar a identidade é pensar o deslocamento e a passagem por categorias líquidas, prontas para mudar a qualquer instante. O pertencimento se dá na instabilidade e o que facilita esse movimento são a informação, a comunicação e as redes possibilitadas pela tecnologia da Internet, portanto, a identidade está sempre a ponto de ser testada, experimentada, pois está em constante processo de constituição.

É porque somos incessantemente forçados a torcer e moldar as nossas identidades, sem ser permitido que nos fixemos a uma delas, mesmo querendo, que instrumentos eletrônicos nos são acessíveis e tendem a ser entusiasticamente adotados por milhões (BAUMAN, 2005, p. 96-97).

Do mesmo modo, Hall (2006), coloca que a intensidade das formas de comunicação interacional acelera a desestabilização das identidades. É o que temos, por exemplo, com as redes sociais na Internet e, em especial, com o Orkut, que possibilita ao indivíduo, entre outras coisas, ser vários a cada atualização do perfil ou simplesmente se configurar num perfil *fake* e se identificar de uma outra maneira. Nesse caso, essa possibilidade é potencializada pelo funcionamento do poder no Orkut. O poder é que fará com que sejam permitidas certas coisas e não outras, a forma de circulação na rede, o que e como é possível falar, a configuração de um perfil *fake* de uma dada forma, etc.

Desse modo, pensar a identidade de sujeitos que se inscrevem em redes sociais como o Orkut nos leva a pensar que essa identidade é constituída por meio de tensões, de regulamentações das redes sociais e também da sociedade, todas elas permeadas por jogos de poder e que trazem consigo a noção de movimento, atualização, mutabilidade. E, sendo as redes sociais entendidas como tendo forte capacidade de inclusão e de abrangência

de todas as expressões culturais (RECUERO, 2004), funcionam basicamente pela interação social, criando laços entre os usuários por meio da comunicação.

Foucault traz algumas contribuições para pensarmos a questão da identidade, pois analisou o processo em que o ser humano se constituiu em objeto de saber: o ser da linguagem (objetos da filologia e gramática), o ser produtivo (economia política) e o ser vivo (biologia). Há também as práticas que subjetivam os indivíduos, como as práticas disciplinares. Desse modo, o sujeito sempre está em relação com outros, com coisas, com discursos, com práticas discursivas que permeiam as possibilidades de subjetividade, marcando as posições de sujeito, quem pode ocupar essa posição, o que é possível enunciar, de que lugar se fala, etc. De acordo com Gregolin (2008, p. 33),

Como os sujeitos são sociais e os sentidos são históricos, os discursos se confrontam, se digladiam, envolvem-se em batalhas, expressando as lutas em torno de dispositivos identitários.

Foucault (1978) enxerga, nesses intensos movimentos, uma *microfísica do poder*: pulverizados em todo o campo social, os micro-poderes promovem uma contínua luta pelo estabelecimento de verdades que, sendo históricas, são relativas, instáveis e estão em permanente reconfiguração. Eles sintetizam e põem em circulação as *vontades de verdade* de parcelas da sociedade, em um certo momento de sua história. As identidades são, pois, construções discursivas: o que é “ser normal”, “ser louco”, “ser incompetente”, “ser ignorante”... senão relatividades estabelecidas pelos jogos desses micro-poderes?

Desse modo, a identidade é tratada como efeito produzido pelo poder, pelo discurso e como algo em constante construção, visto que se inscreve na história. O sujeito é um efeito das micro lutas cotidianas que se realizam por meio da linguagem, dos dizeres, dos signos.

Nesta pesquisa, os termos identidade e subjetividade são tidos como similares, uma vez que se trata de entender a constituição do indivíduo em sujeito por meio de freqüentes transformações históricas, políticas, sociais, econômicas, etc., todas elas efeitos de uma certa dinâmica do poder, conforme postulado por Michel Foucault.

A seguir serão tratados alguns temas pertinentes à constituição dos sujeitos em relação ao funcionamento do poder.

3.1 Sujeito e a disciplina

Para Foucault, é a partir do século XVIII que a disciplina aparece como forma de normatização dos indivíduos e controle da população. Não apenas para tornar os indivíduos mais obedientes, mas para fazer um ajuste cada vez mais controlado, em nível racional e econômico, entre “as atividades produtivas, as redes de comunicação e o jogo das relações de poder” (RABINOW; DREYFUS, 1995, p. 242).

Estes blocos onde a aplicação de capacidades técnicas, o jogo das comunicações e as relações de poder estão ajustados uns aos outros, segundo fórmulas refletidas, constituem aquilo que podemos chamar, alargando um pouco o sentido da palavra, de “disciplinas” (FOUCAULT, 1976, p. 242).

As relações de poder devem ser analisadas de modo que haja uma diferenciação nas condições e efeitos do poder; que haja um tipo de objetivo (manutenção, acúmulo ou exercício de uma função); que seja escolhido um instrumento para esse exercício: armas, palavras, disparidades econômicas, controle, vigilância, arquivos, regras; que se levem em consideração as formas institucionais, em que se misturam dispositivos tradicionais, estruturas jurídicas, hábitos, formação de sistemas complexos; e que seja racional enquanto eficácia.

As relações de poder são relações estratégicas, pois visam escolher os mecanismos para se chegar a um fim, o tipo de racionalidade para se atingir um objetivo ou a maneira precisa para se ter controle sobre o outro. Interessante notar que essas estratégias visam tanto reduzir o outro à impotência, como transformar aliados em adversários ou vice-versa. Essas relações modificam a maneira do indivíduo existir, de se tornar sujeito. O poder disciplinar age de maneira a dividir os indivíduos, organizando-os em categorias e classificações específicas com o objetivo de regular os comportamentos, subjetivar ações, de objetivar os indivíduos. Cabe questionar como se constitui tipos de sujeito com o poder disciplinar, com o poder estratégico e com o poder jurídico. Porém, Foucault nos questiona que,

talvez, o objetivo de hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos. Temos que imaginar e construir o que poderíamos ser para nos livrarmos deste “duplo constrangimento” político, que é a simultânea individualização e totalização própria às estruturas do poder moderno (FOUCAULT, 1976, p. 239).

Desse modo, os indivíduos são tornados sujeitos ao se inscreverem em posições históricas e políticas que os constituem, portanto, são formados dentro de relações estratégicas de poder como explicitado acima. Daí a ideia de objetivação e subjetivação dos indivíduos, pois através de certas práticas é possível objetivar o indivíduo, como nas ciências, ou subjetivar, por diferentes práticas discursivas e não-discursivas.

As ciências que objetivam o indivíduo surgem com a tecnologia disciplinar. O poder disciplinar emerge de necessidades econômicas capitalistas, como o crescimento e a expansão das relações de produção, e isso seria possível com a inserção de indivíduos disciplinados no novo sistema econômico:

o principal objetivo do poder disciplinar era produzir um ser humano que pudesse ser tratado como um “corpo dócil”. Este corpo dócil também deveria ser um corpo produtivo. A tecnologia da disciplina desenvolveu-se e foi aperfeiçoada em fábricas, casernas, prisões e hospitais; em cada um destes lugares, o objetivo geral era um “aumento paralelo de utilidade e docilidade” dos indivíduos e das populações. As técnicas para os corpos disciplinados eram aplicadas, sobretudo, às classes trabalhadoras e ao sub-proletariado, apesar de não o serem exclusivamente, pois se aplicam também a universidades e escolas (RABINOW; DREYFUS, 1995, p. 149).

Diferente da escravidão que pretende um poder soberano, a disciplina constitui o sujeito dócil e útil por meio do poder disciplinar, que tende a organizar, classificar e o tornar produtivo e sujeito. Essa diferença poder ser entendida segundo Fonseca (2003) da seguinte forma:

as tecnologias disciplinares são diferentes da escravidão na medida em que não efetuam uma apropriação dos corpos, no sentido de subjugar-los e impor-lhes algo por meio de uma força exterior à sua própria vontade. O mecanismo das tecnologias disciplinares se traduz por uma apropriação daquilo que o indivíduo produz, dos saberes, sentimentos e hábitos a ele relacionados, sem retirá-lo do meio que lhe é próprio ou em que se encontra. Tal apropriação incide sobre a constituição do sujeito, de forma a não necessitar subjugar e impor, mas apenas dar os meios e instigar a sua ação. Diferentes da domesticidade porque não estabelecem uma dominação constante a

partir de uma vontade singular. E realizam-se muito mais sobre as operações do corpo do que sobre as operações de trabalho e os ideais de obediência, como na vassalagem, e visam mais a uma incitação de atitudes do que a uma renúncia por obediência, como no ascetismo (p. 51).

Foucault tratou em *Vigiar e Punir* (1975) do surgimento da disciplina como um modo de economia do poder, que visava uma adequação aos novos aspectos da vida social que emergiam, a partir do século XVIII. Essas formas de repressão variavam de acordo com o efeito esperado: “as formas de poder determinariam a maneira de se reprimir a criminalidade em função do efeito que cada maneira pudesse produzir” (FONSECA, 2003, p. 41). É possível perceber como o poder disciplinar e o poder jurídico estão aliados no controle das punições da sociedade. O histórico da disciplina por meio das punições engloba três momentos:

a) a tortura utilizada como ferramenta de soberania (séculos XVII e XVIII): o sujeito era punido para impor medo. O poder do rei não poderia ser desafiado, pois culminaria em um espetáculo de atrocidades, como morte e confissão (mediante tortura) públicas. Tudo isso acontecia de forma política, para manter a integridade do poder soberano, sendo que a tortura era um ritual judiciário. A tortura carregava, além da demonstração de poder e força, o dever de fazer ver a verdade e de marcar o corpo do acusado. Esses rituais públicos serviam, na visão do rei, para intimidar a população, mas poderiam gerar revoltas do povo devido ao grau de perversidade dessas ações;

b) a reforma humanista (segunda metade do século XVIII): o sujeito era punido como forma de resgate e como forma de individualizá-lo. A punição passou a ser vista de outro modo, não mais como vingança do soberano, mas como forma de clemência. Os discursos contra a violência começaram a emergir, pois passou a se considerar a humanidade de cada acusado. Assim, o criminoso punido passaria a ser visto de outra forma, a punição visava recolocá-lo e reorganizá-lo na vida social. Os crimes e criminosos passariam, então, a funcionar dentro de uma lógica racional, sendo categorizados, classificados e individualizados;

c) a normalização: o sujeito passa a ser encarado como ser produtivo e disciplinado. Na metade do século XVIII, por exemplo, surge na Holanda um sistema de reabilitação (casas de correção) em que criminosos e vagabundos

eram forçados a trabalhar para pagar a sua estadia, visto que esse tipo de corretivo era caro, pois pretendia recolocar os presos novamente na sociedade. No modelo inglês, além do trabalho, o prisioneiro deveria ficar isolado, pois assim, na solidão, sua consciência indicaria os atos do bem e da boa moral. Os prisioneiros eram divididos, de forma a desempenhar um trabalho eficiente e economicamente viável, além de passarem por vigilância e terem detalhado o seu desempenho durante a pena.

A disciplina com relação à sexualidade (1988) passou a operar, num primeiro estágio, sobre o corpo, que precisava se tornar dócil para ser aperfeiçoado, utilizado e transformado. Essa docilização do corpo passou por um sistema de controle, vigilância e notação detalhada das atividades, do tempo, dos comportamentos, dos desvios, etc. Ao contrário das relações de dominação que se apropriavam do corpo, a disciplina preservou uma autonomia do corpo, porém, perpassada também por controles sutis de coerções que definem comportamentos, modos de ser, gestos, discursos, etc. E os instrumentos utilizados para esse fim seriam a vigilância, a sanção normalizadora e o exame. A disciplina age de forma a organizar a distribuição espacial dos indivíduos, a controlar as suas atividades em função do tempo, que deve ser rentável, e as forças do corpo, que devem ser eficientes.

Se o poder soberano por meio do suplício, da violência, fez barulho e humilhou publicamente, a prisão foi capaz de fazer falar, vigiar e observar o corpo do delinquente de forma silenciosa. Com essa evolução na forma de punição na economia do poder, foi possível, de forma sutil, adequar as punições de acordo com cada tipo de relação de poder, fazendo crescer a rentabilidade das formas de produção e da acumulação de capital promovida pelo capitalismo. Essa nova tecnologia do poder “lança bases para um mecanismo complexo de codificação dos comportamentos e das ilegalidades, como também para a elaboração de uma forma de representação dos castigos correspondentes às infrações” (FONSECA, 2003, p. 47).

Percebemos que a disciplina é uma tecnologia que visa os indivíduos e essa individualização foi mudando o seu papel historicamente: no feudalismo, a individualidade do soberano era levada ao mais alto patamar (quanto maior o poder, maiores as honras e o prestígio); no regime disciplinar, a individualização se dá não mais no topo do poder, mas de forma

descendente, pela observação, controle e exame de cada corpo que constitui a rede social, especialmente as categorias “marginais”: “a criança, o paciente, o criminoso são conhecidos de modo infinitamente mais detalhado do que o adulto, o indivíduo saudável e o cidadão que respeita a lei” (RABINOW; DREYFUS, 1995, p. 176). Já o indivíduo moderno é visto, além de um produto da disciplina, como objeto dos saberes modernos, pois “o indivíduo é o produto de desenvolvimentos estratégicos complexos no campo do poder e de múltiplos desenvolvimentos nas ciências humanas” (RABINOW; DREYFUS, 1995, p. 176). Sendo produto dos saberes modernos, ele é produzido mediante procedimentos específicos de poder, como a compilação de dados, estatísticas, observação, entrevistas, interrogatório, confissão, exames, etc.

O que na atualidade operaria como resistência aos mecanismos do poder disciplinar seria a promoção de novas maneiras de subjetividades que, como afirma Foucault, recusa essa individualidade imposta por tantos anos, que passou pela imposição do medo, pelo resgate da individualidade por meio da classificação e pela reabilitação do sujeito para se tornar produtivo.

3.2 Sujeito e a confissão

Na obra *História da sexualidade vol.1*(1988), Foucault nos mostra como se regulamentaram o sexo, a sexualidade e os prazeres sexuais por meio da confissão:

assiste-se, no século XVIII, a um desmoronamento muito nítido, não da coação ou da imposição à confissão, mas do refinamento nas técnicas de confissão. Nesta época, em que a direção de consciência e a confissão perderam o essencial de seu papel, vê-se aparecer técnicas médicas brutais, do tipo: ande, conte-nos sua história, conte-a por escrito (FOUCAULT, 1999, p. 152).

Era preciso mudar o eixo da repressão ao sexo para poder formar um sujeito disciplinado e produtivo para as necessidades econômicas do sistema de produção capitalista e, ao invés de falar sobre a repressão à sexualidade, a chave passou a ser os desejos, “a confissão passou a se

relacionar com a ordem de falar sobre aquilo que o poder proibia fazer” (RABINOW; DREYFUS, 1995, p. 156).

Partindo para a questão da subjetivação, temos que os processos de subjetivação dizem respeito ao modo como o homem se constitui mediante saberes que o legitimam.

Um processo de subjetivação, isto é, uma produção de modo de existência, não pode se confundir com um sujeito, a menos que se destitua este de toda interioridade e mesmo de toda identidade. A subjetivação sequer tem a ver com a “pessoa”: é uma individuação, particular ou coletiva, que caracteriza um acontecimento (uma hora do dia, um rio, um vento, uma vida...). É um modo intensivo e não um sujeito pessoal. É uma dimensão específica sem a qual não se poderia ultrapassar o saber nem resistir ao poder (DELEUZE, 1992, p. 123-124).

Os modos de subjetivação no Ocidente se deram, segundo Foucault, com relação à sexualidade, por meio de práticas confessionais que colocavam o indivíduo a falar de si e de seu desejo e, com isso, possibilitavam a produção de verdades (sobre o sexo e sobre o sujeito desejante). A confissão foi um procedimento de poder capaz de desvendar desejos e segredos, capaz de fazer emergir o discurso de si e conseqüentemente gerar conhecimento, discursos e verdades. Nas palavras de Foucault, “por confissão entendo todos estes procedimentos pelos quais se incita o sujeito a produzir sobre a sua sexualidade um discurso de verdade que é capaz de ter efeitos sobre o próprio sujeito (FOUCAULT, 1999, p. 153).

A sexualidade se torna objeto de saber científico e de preocupação política e econômica a partir do século XVIII. Ao invés da repressão⁴³, a incitação a falar sobre o sexo se apoiava em uma preocupação com a saúde, o bem-estar e a vida da população e os controles eram feitos em torno da natalidade, nascimentos legítimos e ilegítimos, fecundidade, mortalidade, etc.

O discurso do sexo até o século XVIII era regido pelo direito canônico, pela pastoral cristã e pela lei civil. Assim, temos que o sexo estava

⁴³ O sexo na era vitoriana, no século XVII, foi reduzido à procriação e a sexualidade foi silenciada, dando a ideia de repressão, o que Foucault chama de *hipótese repressiva*. Na contramão dessa repressão, desse poder exercido por aquele que repreende, houve uma explosão discursiva em torno do sexo, ao colocá-lo em discurso por uma dada vontade de saber.

ligado ao matrimônio, ao casamento e essas instâncias ditavam o que era proibido, lícito ou ilícito, reprimindo o que fosse diferente e integrando o *dispositivo de aliança*, ou seja, o sexo era uma questão de família. Já a sexualidade foi tratada como questão individual, tendo como seu cerne os prazeres individuais.

Se o dispositivo da aliança se presta a reger o sexo no interior de uma estrutura familiar legitimada pelo matrimônio, de forma a garantir a circulação de riquezas orientada para um equilíbrio do corpo social, o dispositivo da sexualidade, por sua vez, manipula o sexo em função de técnicas móveis e conjunturais de poder, no âmbito das sensações do corpo e da qualidade dos prazeres, de forma a responder a processos econômicos e políticos em que o corpo é o elemento principal e o controle das populações, um dos objetivos prioritários (FONSECA, 2003, p. 88).

O indivíduo então é incitado a falar de si mesmo, pois “o desejo de conhecer a verdade sobre si mesmo exerce sobre o indivíduo um poder que o seduz e o faz confessar. Confessar aos outros e a si mesmo” (FONSECA, 2003, p. 92).

Cabe explicitar o eixo de mudança entre o sexo e a sexualidade. O sexo era uma questão familiar, de casamento, de obrigações religiosas, de procriação, de laços de sangue e transmissão de riquezas, um *dispositivo de aliança*. Já a sexualidade era uma questão individual, que dizia respeito aos prazeres, fantasias e desejos individuais, é a ruptura entre o sexo e o dispositivo da aliança que faz com que a sexualidade passe a ser considerada em relação à essência individual do ser humano, a sua identidade pessoal e, ao redor desta questão, surge o dispositivo da sexualidade com a medicalização e emergência de novos objetos dessa vontade de saber sobre o sexo: a mulher histérica, em que o corpo da mulher passa a ser alvo de um discurso médico; a pedagogização do sexo das crianças, calcado na luta contra a masturbação infantil que se apoiava na crença de que as crianças são dotadas de uma sexualidade perigosa e que seria preciso combatê-la desde cedo para, quando adulto, gozar de boa saúde; a socialização das condutas de procriação, que visava regular as perversões sexuais por meio do discurso da família; e a psiquiatrização do prazer, em que o instinto do sexo foi tratado no nível biológico e no nível psíquico.

Assim, foi possível, pela ciência sexual, classificar diversas práticas, anomalias, perversões etc. e, por meio desse diagnóstico, seria possível “corrigir” as condutas. Já no século XIX, houve uma ruptura no discurso da sexualidade em termos médicos, pois a medicina do sexo se separou da medicina do corpo, isolando o instinto sexual e, deste modo, “a sexualidade foi ligada a uma forma poderosa de saber e estabeleceu uma conexão entre o indivíduo, o grupo, o sentido e o controle” (RABINOW; DREYFUS, 1995, p. 187).

Tanto o *dispositivo de aliança* quanto o da *sexualidade* estão implicados, pois o dispositivo da sexualidade se configurou ao redor do *dispositivo de aliança* e, assim, a família continuou a se envolver nos assuntos pertinentes à sexualidade, mas de outra forma, visando os sentimentos e a própria formação sexual.

Como já mencionado, a confissão foi um importante mecanismo de produção de saber sobre os indivíduos e sobre a sexualidade dos indivíduos e Foucault o entende como um poderoso componente do poder disciplinar para o controle dos corpos, das populações, etc.

A confissão difundiu amplamente seus efeitos: na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas, na ordem mais cotidiana e nos ritos mais solenes; confessam-se os crimes, confessam-se os pecados, confessam-se os pensamentos e desejos (...), suas doenças e suas misérias (...); fazem-se a si mesmo, no prazer e na dor, confissões impossíveis de serem feitas a outrem e sobre as quais escrevem-se livros. (...) o homem, no Ocidente, tornou-se um animal de confissão (FOUCAULT, 1988, p. 60).

A confissão de si passa a ser validada dependendo do interlocutor e dos espaços institucionais que a legitimam.

Podemos dizer que o indivíduo está ligado a uma identidade que é constituída por processos de subjetivação e de objetivação, sendo o indivíduo, portanto, tanto sujeito, dócil e útil, como objeto para produção de saber: “para a época da disciplina, todo indivíduo é singularizado. Esse é seu status: ser possuidor de uma identidade. E essa é sua importância: tal identidade traz a marca da utilidade e da docilidade” (FONSECA, 2003, p. 83). A identidade, portanto, é produzida a partir dos modos de objetivação e dos modos de subjetivação.

De maneira resumida, é possível entendermos um indivíduo como objeto dócil e útil identificado na obra *Vigiar e Punir* (1975) enquanto efeito de poder: punitivo, prisional e que tem o corpo como alvo. Já em *História da Sexualidade vol. 1* (1988) é possível identificar os modos de se constituir sujeito em torno de uma sexualidade, que passa a ser alvo de investigação científica (séculos XVIII e XIX), passa a ser controlada e, conseqüentemente, se torna uma preocupação social, com vários discursos sendo produzidos em torno dela. Daí decorre a preocupação do sexo do indivíduo e da população, fazendo emergir o biopoder que tem como alvo o gerenciamento das populações. Temos, segundo Fonseca, a diferença marcante entre o indivíduo objeto e o indivíduo sujeito: “se o indivíduo-objeto dócil-e-util era mudo, o indivíduo-sujeito não mais pode ser. Ao contrário, deve falar. Pois, se sua contingência de objeto o permitia mudo, a sua contingência de sujeito o requer falante” (FONSECA, 2003, p. 93).

3.3 Sujeito e a norma

O conceito de norma é polêmico e complexo como apresenta Georges Canguilhem (2006). Na medicina grega a norma seria dada pela natureza do corpo e tudo aquilo que não fornecesse harmonia e equilíbrio em relação ao corpo do homem seria tido como doença. A doença seria, então, um esforço que a natureza (o corpo) faria para voltar ao equilíbrio: “a doença é uma reação generalizada com intenção de cura” (CANGUILHEM, 2006, p. 10), e a medicina tendia a imitar essa reação de cura natural. A doença passou a ser objeto de estudo para os teóricos da saúde e não mais uma preocupação do homem sadio, desse modo, foram os pacientes e o meio social que determinaram o que era a doença e, portanto, o que era a normalidade.

O normal só emerge quando algo infringe a norma, que seria a doença interferindo na saúde. O normal seria um julgamento de valor (*Ey apud* CANGUILHEM, 2006), em que a noção de limite da capacidade do corpo humano é posta em cheque, ou seja, não há uma definição de normalidade por si mesma, uma vez que a normalidade é uma valoração dada pelo campo

médico à vida. Se os valores desejados seriam vida longa, sadia, com capacidade de reprodução, de trabalho, de força, etc., a doença, então, seria um valor negativo, um não-valor. O conceito de valor passa então, a se concentrar na ideia de existência e produtividades dos indivíduos e os médicos, por sua vez, se preocupavam em curar, ou seja, em fazer o indivíduo voltar à norma.

O conceito de norma pressupõe uma generalidade e essa generalidade adquire o valor de normal. Na medicina a norma designa ao mesmo tempo o estado habitual e o estado ideal dos órgãos. A normatização (o normativo seria a saúde) institui as normas, porém, em termos biológicos: “há normas biológicas sãs e normas patológicas, e as segundas não são da mesma natureza que as primeiras” (CANGUILHEM, 2006, p. 89), sendo assim,

é a vida em si mesma, e não a apreciação médica, que faz do normal biológico um conceito de valor, e não um conceito de realidade estatística. Para o médico, a vida não é um objeto, é uma atividade polarizada, cujo esforço espontâneo de defesa e de luta contra tudo que é valor negativo é prolongado pela medicina, que lhe traz o esclarecimento da ciência humana, relativo, mas indispensável (CANGUILHEM, 2006, p. 90).

Há também a questão da média, sendo que, dentro de um valor médio os indivíduos seriam considerados normais. O doente, portanto, é doente por se enquadrar em uma norma, por apresentar uma incapacidade normativa. Vemos emergir a necessidade do biopoder para se controlar as massas e individualizar o sujeito, ou seja, ser sadio significa ser normal no interior de uma dada população:

a definição de normas higiênicas supõe o interesse que se dá – do ponto de vista político – à saúde das populações considerada estatisticamente, à salubridade das condições de vida, à extensão uniforme dos tratamentos preventivos e curativos elaborados pela medicina (CANGUILHEM, 2006, p. 207).

A partir do século XIX, o termo normal vai designar a instituição pedagógica e a instituição sanitária com vistas a uma racionalização política, por meio das reformas hospitalares, na França, e econômica (movimento industrial), que levaram a emergir uma certa normalização. Essa normalização

diz respeito aos mecanismos técnicos que definem o modo de relação entre os meios e os indivíduos, em uma determinada sociedade histórica.

No curso *Os anormais* (2001), Foucault trata, no início do século XIX, de uma reivindicação mútua entre o poder judiciário e o poder do médico em torno da normatização. Isso porque estava cada vez mais presente a medicalização nas decisões do judiciário. Assim, todo indivíduo que deveria se apresentar para o júri passava antes por um psiquiatra e passava a ter, além do relato de seu crime, um relatório médico sobre seu estado mental, classificado em normal, doente ou anormal. Isso também se dava durante a pena, principalmente para o caso de menores, pois havia um acompanhamento psicológico, médico e social que dizia como estava o andamento do menor, qual seu nível de perversidade e de perigo. Esses mecanismos jurídicos e médicos funcionavam com o objetivo de instaurar um modelo normativo de poder.

Com o exame, tem-se uma prática que diz respeito aos anormais, que faz intervir certo poder de normalização e que tende, pouco a pouco, por sua força própria, pelos efeitos de junção que ele proporciona entre o médico e o judiciário, a transformar tanto o poder judiciário como o saber psiquiátrico, a se constituir como instância de controle do anormal (FOUCAULT, 2001, p. 52).

O médico-judiciário passa a controlar não mais os crimes ou os doentes, mas o indivíduo anormal⁴⁴, e esse poder de normalização foi exercido também com relação à sexualidade (fecundidade, natalidade, fertilidade, etc.). A sexualidade e a anormalidade passam a estar sob o domínio da psiquiatria.

Essa normalização visa à vida: maximizar a saúde e a longevidade, manter a força dos indivíduos, produzir uma população sadia. Vale a emergência dessa preocupação com a população mediante dois modelos políticos distintos, o da exclusão dos leprosos e o da inclusão dos pestíferos (FOUCAULT, 2001): durante a Idade Média, os leprosos eram excluídos para se purificar as comunidades. Acreditava-se que era preciso rejeitar esses doentes deixando-os marginalizados. Já no século XVIII, com o

⁴⁴ O anormal para Canguilhem (2006) enquanto anatomia seria aquilo que se difere do habitual, pode ser também um desvio estatístico daquilo que seria tido como normal. As anomalias são classificadas de formas diferentes: variedades, vícios de conformação, heterotaxias e monstruosidades.

aparecimento da peste, porém, ao invés de excluir os doentes era preciso incluir, pois nas comunidades onde havia a peste declarada havia todo um policiamento, um controle, em que os distritos eram divididos, havendo responsáveis por setores, como os inspetores, governadores, as sentinelas. Os nomes dos moradores eram anotados em vários registros e era preciso que cada indivíduo se apresentasse em determinada janela para comprovar a saúde. Caso isso não ocorresse, deduzia-se que haveria um indivíduo doente e isso apresentava um perigo: “não se trata de uma exclusão, trata-se de uma quarentena. Não se trata de expulsar, trata-se de estabelecer, de fixar, de atribuir um lugar, de definir presenças e presenças controladas. Não rejeição, mas inclusão” (FOUCAULT, 2001, p. 57). Era preciso rastrear os indivíduos para saber se seu estado de saúde estava conforme a regra, a norma da saúde. A peste substituiu a lepra enquanto modelo de controle político de administração pública e essa inversão, exclusão-inclusão, Foucault (2001) nomeia de tecnologias positivas do poder, pois passa de uma negação e de uma rejeição para a inclusão, observação, formação de saber; a separação em grandes massas passa para a distribuição e inclusão de indivíduos. Isso pode ser notado, também, por exemplo, com relação à sexualidade da criança e do adolescente.

Havia, no século XVIII, discursos médicos e pedagógicos que visavam a erradicação do auto-erotismo e da masturbação, visto que eram tidos como a causa de várias doenças. Com isso, os pais foram colocados a vigiar seu filhos, seus corpos, gestos, atitudes, as camas, os lençóis, manchas, cheiros, etc. e a relação pais e filhos passou, então, a ser uma espécie de corpo-a-corpo na família moderna. Com isso, aparecem a somatização (o problema da carne passa a ser problema do corpo físico e, conseqüentemente, se torna corpo doente), a infantilização (o problema da carne de todo cristão passa a ser organizado em torno de um auto-erotismo infantil) e a medicalização (forma de racionalidade e controle vinculados ao saber médico). Esse contato do corpo dos pais com o corpo dos filhos fez emergir a questão do incesto, pois se a sexualidade da criança era antes auto-erótica, bloqueada, agora, posta em relação com a vigilância dos adultos, passa a ser uma sexualidade de relação com os adultos, uma sexualidade produzida pelo olhar do adulto (FOUCAULT, 2001).

Com isso, inverte-se a relação pais-filhos, pois se desde 1750 era pedido aos pais para controlar os filhos, surpreendê-los, olhar de perto tudo o que estava acontecendo com o corpo deles, no século XIX o discurso que passou a reger essa atitude é de que os desejos dos filhos, a sexualidade dos filhos passava pelos pais. A posse dos pais era em relação tanto ao corpo dos filhos quanto à sua sexualidade. Há aqui a questão de se colocar um agente mediador para analisar, controlar e corrigir, que aparece na figura do médico. Surge então a normalização médica da família burguesa.

Juntamente com as campanhas anti-masturbação dos filhos das famílias burguesas ocorria também outra campanha para as famílias proletárias urbanas, que consistia em *casar e não ter filhos antes para abandoná-los depois*. Era uma campanha “contra a união livre, contra o concubinato, contra a fluidez extra ou para-familiar” (FOUCAULT, 2001, p. 342), pois com a formação das famílias proletariadas urbanas surge também uma espécie de sexualidade extramatrimonial. Se o casamento visava a transformação de estatuto social, solidez e estabilidade, com o proletariado a população passa a ser flutuante, pois ia à procura de trabalho, havendo uma mobilidade maior dos indivíduos e, com isso, aconteciam relações sexuais fora do casamento, gerando filhos sem pais. Assim, “a estabilidade da classe operária tornou-se necessária, por razões econômicas e também por razões de policiamento e de controle político, de não-mobilidade, de não-agitação” (FOUCAULT, 2001, p. 243). Logo, as campanhas em prol do casamento começaram a se desenvolver por volta de 1820-1840, mediante a sociedade de socorro (que só atendiam pessoas casadas), as políticas habitacionais, bancárias, previdenciárias, etc.

Desse modo, tanto a família burguesa, com a preocupação da sexualidade da criança, quanto a família operária, com a preocupação da distribuição da família e a consolidação do casamento, representam uma espécie de modelo de família: “num caso, é a sexualidade da criança que é perigosa e que pede a coagulação da família; no outro, é a sexualidade do adulto que é considerada perigosa e que pede, ao contrário, a repartição da família” (FOUCAULT, 2001, p. 345).

Assim, temos a sexualidade no cerne de formação da família, pois de um lado, os perigos da sexualidade infantil sendo tratada com a medicina, e de outro lado, a sexualidade dos adultos necessitando de intervenção judicial,

policial, de assistentes sociais (esta intervenção ocorreu posteriormente, no século XX).

A psiquiatria do século XIX aparece, então, para cuidar do adolescente masturbador e vai funcionar como tecnologia individualizante, pois vai agir de forma diferente da família, do jurídico, das relações pais e filhos, da relação Estado-indivíduo, gerindo conflitos e analisando as infrações às leis. A psiquiatria vai radiografar o indivíduo nas mais diversas situações, seja na própria família, nas escolas, nas indústrias, nos júris, etc., e depois vai deslocar o problema da masturbação infantil aliada a doenças adultas para o instinto sexual e assim, seria possível fazer a classificação entre o que era de ordem da natureza e o que era da ordem na normalidade.

Esse poder de normalização que aparece no século XVIII na educação (escolas normais), na medicina (organização dos hospitais), na produção industrial e no exército visava controlar a sociedade industrial, tornar as comunidades mais higienizadas para correr menos riscos de doenças e epidemias e tornar os homens mais produtivos e fortes.

Porém, a norma não se define enquanto lei natural, biológica, “a norma é portadora de uma pretensão de poder” (FOUCAULT, 2001, p. 62). A norma tem o objetivo de qualificar e também de corrigir, de intervir e de transformar utilizando um poder positivo, que não exclui, é normativo.

Essa forma de normalização passa a ser específica das questões de segurança, não apenas como questão de normalização disciplinar, mas como questão de segurança da população, uma técnica para gerir a realidade das populações. Se o modelo da lepra foi de exclusão, o da peste de inclusão, emerge, então, o modelo inspirado na varíola pautado na segurança, pois seria preciso conter as epidemias, fazer campanhas médicas,

saber quantas pessoas pegaram varíola, com que idade, com quais efeitos, qual a mortalidade, quais lesões ou quais seqüelas, que riscos se corre fazendo-se inocular, qual a probabilidade de um indivíduo vir a morrer ou pegar varíola apesar da inoculação, quais os efeitos estatísticos sobre a população em geral (FOUCAULT, 2008, p. 14).

Emerge daí a preocupação em conter o perigo através de um certo modo de normalização pautado em procedimentos, técnicas e processos

variados de poder. A disciplina, por exemplo, normaliza, pois analisa, decompõe, classifica, estabelece um esquema de sequências, controla e consegue estabelecer aqueles que são capazes ou incapazes para alguma tarefa e assim, delimita o que seria o normal e o anormal. A normalização⁴⁵ visa conter certos acontecimentos, como a epidemia da varíola, em que as medidas passaram a ser preventivas com o uso da vacinação. Diferente da lepra que isolava e da peste que registrava, com o problema da varíola era preciso uma *polícia médica*. Era preciso um dispositivo de segurança para assegurar melhores condições para a população e regular, sobretudo, a circulação no meio:

Circulação, entendida, é claro, no sentido bem amplo, como deslocamento, como troca, como contato, como forma de dispersão, como forma de distribuição também, sendo o problema o seguinte: como é que as coisas devem circular ou não circular? (FOUCAULT, 2008, p. 84-85).

Esses modos que faziam com que os sujeitos se comportassem desta ou daquela maneira, esse rastreamento, o cuidado antecipado com as condutas e as circulações, etc., emergiram por conta de uma sociedade que visava o controle e a segurança; uma sociedade que não poderia mais ter problemas com epidemias generalizadas, mortes em escalas geométricas. A engrenagem que fazia funcionar o sistema de produção era manter os sujeitos saudáveis.

3.4 Sujeito e resistência

O sujeito que resiste para Foucault é aquele que subverte as condições em que se encontra, que rejeita o que foi imposto como norma durante séculos, que resiste a certos discursos promovidos por certos mecanismos de poder e se propõe a existir de modo diferente. De maneira nenhuma se trata de trazer à tona um sujeito puro, de procurar no âmago do sujeito uma verdade existencial livre das vivências externas, livre do poder.

⁴⁵ Normalização se difere da normatividade, pois esta prevê um sistema legal com leis e que se relacionam a um sistema de normas.

O que Foucault busca não é apenas identificar e questionar as práticas coercitivas que normalizam os sujeitos, mas entender de que maneira esse sujeito se relaciona consigo mesmo, numa prática ética e refletida de liberdade, sem deixar de se inscrever nos regimes de poder-saber instaurados na sociedade em que se encontra, mas resistindo a eles. Não há sujeito genuinamente livre ou um sujeito em si mesmo, livre dos contatos com a realidade que o contrasta, o sujeito em uma verdade última, mas cabe investigar quais são os meios que podem produzir essa verdade de cada sujeito.

Com relação à sexualidade, o que Foucault propõe é que para uma ética de si seria preciso uma ética dos prazeres e não do sexo: se o sujeito soubesse dos seus prazeres poderia se reinventar, descobrir novas possibilidades sem precisar de identidades prontas, de classificações e fórmulas. O importante seria utilizar o sexo para variar os tipos de relações, para inovar com criatividade essas novas relações que se estabeleceriam com o uso dos prazeres.

É preciso não apenas se perguntar quais foram as formas sucessivas impostas pela regulamentação ao comportamento sexual, mas como esse comportamento sexual tornou-se, em dado momento, o objeto de uma intervenção não somente prática mas também teórica. Como explicar que o homem moderno busca sua verdade em seu desejo sexual (FOUCAULT, 2006, p. 332).

Desse modo, Foucault nos traz a questão do sado-masoquismo como forma criativa de prazer. O que importa nesta prática não seria a questão do sofrimento, mas a relação aberta em que aquele que assume o papel de mestre pode acabar como escravo e vice-versa, e o cerne da relação está na utilização de objetos, na utilização de outras partes do corpo, erotizando o corpo na busca pelo prazer.

Foucault sugere que a questão das subjetividades seja vista por meio dos jogos e das relações que se estabelecem em determinadas épocas: “Esses jogos podem corresponder a regimes morais de subjetividades pelos quais se designa o ser amigo, o ser gente, o ser humano, o ser livre, o ser irmão, o ser responsável, o ser autêntico, o ser solidário, etc.” (SOUZA, 2003, p. 39). Desse modo, são os exercícios e práticas de si dessas unidades morais que subjetivam o sujeito em uma sociedade histórica.

Essas práticas de si estão relacionadas aos jogos em que o sujeito está inscrito e, desse modo, o sujeito faz uma auto-reflexão de si, resistindo ao que é coercitivo e tentando se propor diferente, se transformar e atingir um novo modo de ser, lembrando que é no espaço de liberdade que o sujeito pode resistir aos jogos de poder, construindo um outro modo de ser.

Esta noção de modo de vida me parece importante. Será que não seria preciso introduzir uma diversificação outra que não aquela devida às classes sociais, diferenças de profissão, níveis culturais, uma diversificação que seria também uma forma de relação e que seria “o modo de vida”. Um modo de vida pode ser partilhado por indivíduos de idade, estatuto e atividades sociais diferentes. Pode dar lugar a relações intensas que não se parecem a nenhuma daquelas que são institucionalizadas e me parece que um modo de vida pode dar lugar a uma cultura e a uma ética.
(FOUCAULT, 2006, p. 165)

Desse modo, de que maneiras o sujeito pode resistir na contemporaneidade? Quais discursos regulam a subjetividade do homem e como resistir a eles? Será que o espaço virtual disponibilizado pelo Orkut ofereceria essa possibilidade de se constituir um sujeito ético, que resiste às formas modernas de subjetivação, ou as possibilidades de ser sujeito no Orkut já estão prescritas e pré-determinadas? Há possibilidade de transgressão e de fazer/ser diferente? Será que a criação do Orkut já é por si só espaço de resistência, em que é possível se fragmentar em vários sujeitos e assumir diferentes identidades?

Para finalizar este assunto, temos, com relação ao Orkut, que uma das questões dessa problematização sobre o sujeito é a especificidade da sua constituição na rede social. Temos a vontade de saber sobre si e sobre os outros que constitui um mecanismo de poder no Orkut. O falar de si, possível pela confecção do perfil, se dá mediante um mecanismo de confissão e essa confissão é atravessada por um poder disciplinar que opera separando os indivíduos em certas classificações e categorias, como: perfil social, profissional, relacionamento, interesses, sexo, idade, etc. Essas categorias serão levadas em conta na análise.

Ao alcance do homem existe, atualmente, a possibilidade de inúmeras subjetividades, o que não é diferente no Orkut. De um lado temos as normas que agem para tornar os sujeitos iguais e, de outro, há os mecanismos de resistências que possibilitam ao sujeito se tornarem diferentes, tornarem o seu modo de existir diferente, singular, mesmo inscrito nos mesmos mecanismos de poder. Cabe questionar que sujeito é esse produzido pelo Orkut e se é possível pensar em resistências ao modo de subjetivação imposto. Tanto a subjetivação quanto a resistência operam tencionando as relações e, na mesma lógica, produzindo sujeitos. Porém, tanto uma quanto outra não são ponto de partida ou de chegada para analisar o sujeito. O que está em jogo são as relações de poder possíveis para se constituir um sujeito e um sujeito que resiste.

Algumas questões são colocadas com a emergência dessas novas identidades: o que leva o indivíduo a ter um perfil na rede social e disponibilizar os seus dados? Há em pauta a questão da visibilidade, pois quanto mais sou visto mais amigos posso ter e com isso emerge outro tema, a questão da audiência. Temos ainda com a emergência do perfil a vontade de saber sobre o outro: por que o perfil do outro é tão importante? É importante na validação de outros perfis, é importante com relação aos elos e à circulação? E paralela à circulação temos o controle, a vigilância de todos para com todos. É nessa brecha da circulação, da sensação de poder tudo e de liberdade de circular e de falar que alguns sujeitos assumem um perfil falso, visto que para Komesu (2005, p. 49) “a internet é percebida como o lugar em que todos os dizeres são possíveis, já que o anonimato seria a garantia da preservação da identidade jurídica do sujeito”.

Na sequência traremos os recortes que se fazem pertinentes para destrinchar a questão do sujeito no Orkut.

3.5 Análise do sujeito no Orkut: a questão do perfil

A identidade é pesquisada neste trabalho com o intuito de perceber como o poder age de maneira a normatizar e dividir os indivíduos,

organizando-os em categorias, classificações específicas com o objetivo de regular comportamentos, dizeres, certos temas e a formar uma identidade, que no caso do Orkut, funciona como o cartão de visitas, uma espécie de vitrine, que para se constituir passa por um esquadramento na edição do perfil.

Podemos perceber que as identidades no Orkut, por mais que cada perfil tenda a ser único, serão de certa forma unificadas por fazerem parte de uma mesma rede, em que estão dispostos certos modos de dizer de si já previamente estruturados pelos desenvolvedores do Orkut. Aqui não mencionaremos a questão de resistência a esses mecanismos, que será vista posteriormente, mas podemos entender que, de modo geral, a padronização tende a ser um meio de dizer sobre as identidades, mesmo que não sejam preenchidos todos os marcadores de edição do perfil e que, em alguns deles, haja espaço para o próprio usuário falar sobre si. Bruno (2006, p.6), diz que

os perfis digitais são espécies de duplos digitais ou simulações de identidades cuja efetividade não depende de vínculos profundos com os indivíduos a que correspondem, nem de um espelhamento fiel de uma personalidade ou caráter subjacentes. Ou seja, elas não são identidades “dadas”, mas se tornam “reais” ou “efetivas” na sua função antecipatória mesma, quando os indivíduos se identificam ou se reconhecem de algum modo no perfil antecipado, acionando desde então algum tipo de comportamento, cuidado ou escolha.

Nesse caso, o poder operaria na constituição da identidade de um perfil pelas possibilidades e não pela proibição. Por mais que haja regras para se inscrever no Orkut, o mesmo possibilita ao usuário tornar-se outro, diferente da sua identidade civil no cotidiano, ou mesmo transformar várias vezes o perfil. Assim, percebemos que a identidade no Orkut se constitui por meio de dois eixos: o outro, que dará visibilidade e audiência, e pela mudança, possibilitada pelas ferramentas do Orkut, que dá condições ao usuário se ressignificar, re-fazer a sua identidade quantas vezes desejar, mesmo “preso” a certas informações já pré-determinadas pelo Orkut.

A identidade no Orkut se valida basicamente por quatro mecanismos: o próprio perfil, as comunidades, os depoimentos que recebe e as classificações (fãs, confiável, legal e sexy) que os amigos atribuem.

Com relação ao perfil, Marwick (2005) diz que não precisa necessariamente concordar com uma identidade *off line*, real, que seria a

identidade civil do sujeito, porém, o autor distingue três tipos de identificação: real, *fake*, de coisas (celebridades, cantores, objetos, desenhos, filmes, etc.). Pensando nas possibilidades do usuário falar de si, vemos que é possível existir por meio de cinco especificações de perfil: geral, social, contato, profissional e pessoal.

Fazendo uma rápida apresentação das opções do perfil, temos que no perfil geral a identidade pode ser constituída das seguintes especificações:

- nome
- sobrenome
- sexo
- relacionamento
- data de nascimento
- ano de nascimento
- cidade
- Estado
- CEP
- país
- idiomas que falo
- escola (ensino médio)
- faculdade
- empresa/organização
- interessado em

No perfil social há os seguintes marcadores identitários:

- filhos
- etnia
- religião
- visão política
- humor
- orientação sexual
- fumo
- bebo
- animais de estimação
- moro
- cidade natal
- página da web
- quem sou eu

- paixões
- esportes
- atividades
- livros
- música
- programas de TV
- filmes
- preferências gastronômicas

No perfil contato pede-se as seguintes informações:

- email principal
- emails secundários
- nome de usuário IM⁴⁶ 1
- nome de usuário IM 2
- telefone residencial
- telefone celular
- endereço 1
- endereço 2
- cidade
- Estado
- CEP
- país

No perfil profissional há os seguintes marcadores identitários:

- escolaridade
- escola (ensino médio)
- faculdade
- curso
- diploma
- ano
- profissão
- setor
- sub-setor
- empresa/organização
- *site* da empresa

⁴⁶ IM significa Instant Messenger.

- cargo
- descrição do trabalho
- email do trabalho
- telefone do trabalho
- habilidades profissionais
- interesses profissionais

Por fim, no perfil pessoal o usuário pode falar de si com as seguintes descrições:

- frase do perfil
- o que mais chama atenção em mim
- altura
- cor dos olhos
- cor do cabelo
- tipo físico
- arte no corpo
- aparência
- o que mais gosto em mim
- o que me atrai
- o que não suporto
- primeiro encontro ideal
- com os relacionamentos anteriores aprendi
- cinco coisas sem as quais não consigo viver
- no meu quarto você encontra
- par perfeito

O falar de si para preencher os espaços do perfil do Orkut faz com que o usuário se constitua mediante o mecanismo de confissão, que como colocou Foucault, seduz o sujeito, visto que é no falar sobre si que ele toma uma certa consciência e conhecimento de si. Porém, no Orkut não é possível falar abertamente sobre si, visto que há alguns filtros que fazem com que o usuário tente se enquadrar em alguma especificação já dada e há, também, as chaves de segurança, que permitem ao usuário limitar a visibilidade de algumas informações. De todo modo, porém, podemos perceber um esquadramento de quem se inscreve no Orkut e temos o poder operando

disciplinarmente, tentando classificar os perfis e um poder estratégico, seduzindo esse perfil a falar de si de modo a ser aceito pelo(s) outro(s).

No perfil geral temos nos marcadores identitários os seguintes filtros:

- a) sexo: filtro masculino e feminino;
- b) relacionamento: filtro não há resposta, solteiro(a), casado(a), namorando, casamento liberal e relacionamento aberto.

É possível questionar, neste caso, como os discursos vão se renovando e novos tipos de relacionamento vão aparecendo, como casamento liberal e relacionamento aberto, atuando como uma estratégia do Orkut em devolver aos usuários informações que eles mesmos fornecem ao preencher os perfis;

- c) país: filtro com vários países;
- d) idioma que fala: filtro com opções de vários idiomas e uma opção para se adicionar outro idioma que não esteja na lista;
- e) interessado em: filtro com as opções amigos, companheiros para atividades, contatos profissionais e namoro. Namoro possui mais um filtro: homens e mulheres, homens, mulheres.

Percebemos que o discurso do interesse em namoro inclui a bissexualidade e esse item pode ser visível, diferente do marcador orientação sexual que pode ser restrito para o próprio perfil, amigos, amigos de amigos ou todos. Podemos questionar as restrições ao se falar da sexualidade: como os sujeitos são levados a falar sobre a sua sexualidade quando não há a restrição de filtros permitindo quem visualizará? Nota-se novamente como a sexualidade é um tabu e como não é possível falar livremente sobre certos temas.

No perfil social há os seguintes filtros nos marcadores identitários:

- a) filhos: filtro não há resposta, não, sim, moram comigo, sim - visitam de vez em quando, sim - não moram comigo.

Podemos pensar no discurso da família contemporânea, que foge aos padrões do casamento tradicional, em que há separações, divórcios e filhos nem sempre morando com os pais, por exemplo.

b) etnia: filtro não há resposta, afro-brasileiro (negro), asiático, caucasiano (branco), índias orientais, hispânico/latino, Oriente Médio, indígena americano, ilhas do Oceano Pacífico, multiétnico, outra.

Cabe questionar quais foram os critérios para se classificar a etnia deste modo, visto que pelo IBGE⁴⁷ a classificação de etnia no Brasil se dá em pardos, brancos, negros, indígenas e amarelos.

c) religião: filtro não há resposta, agnóstico, ateu, budista, Cao Dai, cientologia, cristão/anglicano, cristão/católico, cristão/ortodoxo, cristão/outro, cristão protestante, cristão/SUD, Fé Bahá'í, hindu, humanismo religioso, jaina, judeu, muçulmano, neopaganismo, rastafári, sikt, taoísta, tenho um lado espiritual independente de religiões, tenrikio, universalista unitário, xintó, zoroastra, outro.

Sobre o estigma, Goffman (1988) elenca três tipos: deformações físicas do corpo, culpas relacionadas à desonestidade, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, suicídio, etc., e os relacionados à raça, nação e religião. Neste caso indaga-se: o usuário que se sente estigmatizado deve se colocar a falar de si numa rede social buscando certa aceitação ou mesmo encontrar perfis semelhantes validando essa aceitação entre semelhantes ou pode escolher não falar de si e não falar sobre aquilo que, para ele, é depreciativo? Orientação sexual, raça, nação e religião não são marcas identitárias “neutras”, mas carregadas de fortes apreciações sociais. O que leva o Orkut a mobilizar tais categorias? Se trata de torná-las alvo de um discurso econômico?

d) visão política: filtro não há resposta, conservador de direita, muito conservador de direita, centrista, esquerda-liberal, muito liberal de esquerda, libertário, libertário ao extremo, autoritário, autoritário ao extremo, depende, apolítico.

⁴⁷ www.ibge.gov.br.

Sobre esse tema, recentemente, no final de Julho de 2011, houve um atentado na Noruega em que o acusado Anders Breivik teve seu perfil em redes sociais rastreado e foi encontrado na sua descrição a opção política de extrema direita. Interessante notar como as redes sociais, mesmo havendo a possibilidade de se omitir, inventar, mentir informações sobre o perfil, são utilizadas quando há a necessidade de se saber/construir a verdade de determinado sujeito. Nota-se uma tendência em refinar cada vez mais os mecanismos das redes sociais para que os usuários digam a verdade de si, fazendo com que as redes funcionem como um dispositivo de segurança.

- e) humor: filtro com a possibilidade de escolher mais de uma característica, como extrovertido/extravagante, inteligente/sagaz, pateta/palhaço, rude, seco/sarcástico, simpático, misterioso;
- f) orientação sexual: filtro não há resposta, heterossexual, gay, bissexual e curioso.

Interessante notar como o Orkut já traz as opções sexuais, sendo que a escolha do termo *curioso* oculta, ou pelo menos maquia, algum outro sentido que não é revelado explicitamente. Vale ressaltar que esse marcador tem uma chave de segurança, podendo ficar visível para o perfil, para os amigos, amigos de amigos ou para todos. Fazendo uma busca no Orkut (em 08 de Agosto de 2011) foi possível encontrar 84 perfis com a descrição de curioso em orientação sexual e mais de 1000 perfis com a descrição gay em orientação sexual no perfil.

- g) fumo: filtro não há resposta, não, socialmente, de vez em quando, regularmente, excessivamente, tentando parar, ex-fumante.

Podemos perceber como o saber sobre os fumantes se faz importante, visto tantas campanhas anti-fumo no Brasil ou mesmo em vários outros países. Podemos avaliar esse marcador como algo que tanto estigmatiza o usuário como que permite o controle e levantamento dos fumantes, informação interessante para as indústrias de cigarro.

- h) bebo: filtro não há resposta, socialmente, de vez em quando, regularmente, excessivamente;

- i) animais de estimação: filtro não há resposta, adoro meu(s) animal(s) de estimação, prefiro que fiquem no zoológico, gosto de animais de estimação, não gosto de animais de estimação;
- j) moro: filtro com a possibilidade de escolher mais de uma característica, como só, com companheiro(a), com filho(s), amigos visitam com frequência, com outra(s) pessoa(s), com animal(s) de estimação, com meus pais, baladeiro de plantão.

É também possível falar de si “livremente”, sem as marcações já dadas do filtro em: cidade natal, página da web, quem sou eu, paixões, esportes, atividades, livros, música programas de TV, filmes e preferências gastronômicas. Nesses marcadores abertos podemos encontrar o poder estratégico operando de modo a deixar o sujeito falar sobre suas preferências, o que passa a ser utilizado como dados estatísticos para se detectar tendências e se expandir as categorias identitárias.

No perfil contato é possível deixar visível um endereço secundário, cidade, Estado, CEP e país. As outras opções para o usuário poder ser encontrado conta com o filtro de segurança, permitindo ser visto pelo próprio perfil, amigos, amigos de amigos ou todos e são: email principal, emails secundários, nome de usuário IM 1 ou secundário, telefone residencial, telefone celular e endereço 1.

Ao usuário é possível falar da sua vida profissional como marcador de identidade no perfil profissional com as seguintes opções:

- a) escolaridade: filtro não há resposta, ensino fundamental, ensino médio, superior incompleto, título de tecnólogo, diploma de bacharel, título de mestre, Ph.D., Pós-Doutorado;
- b) escola (ensino médio). Neste marcador é possível notar que, se o usuário escolheu em escolaridade ensino fundamental, neste só é possível colocar o nome da escola a partir do ensino médio ou seja, um mecanismo de exclusão de sujeitos com pouco estudo e uma forma de estigmatização;
- c) curso: é possível registrar mais de um curso caso tenha cursado mais de uma faculdade;
- d) diploma: filtro com várias opções de diplomas como B, BA, BAR, BAS, BS, CRT, DDS, DMA, DMD, DOM, DVM, EDD, EDM, EDS, ENG, IA, JD, JM, JSP, JSM, LLB, LLM, MA, MAR, MAT, MBA, MD, MEA, MFA, MLA, MLS, MPH, MS, MSD, MSM, MSW, PHD, RN, demonstrando que é um empreendimento global e como indicar de profissionalização;
- e) ano: filtro de 1981 até 2016. Pela data inicial é possível pensar que o Orkut se destina a usuários mais jovens;

- f) setor: filtro agricultura, artes, construção, bens de consumo, serviços corporativos, educação, finanças, governo, alta tecnologia, jurídico, manufatura, mídia, cuidados médicos e de saúde, sem fins lucrativos, recreação, turismo e entretenimento, científico, prestação de serviços, transportes, não há resposta;
- g) sub-setor: filtro específico para cada setor escolhido.

Nota-se que há também um esquadramento profissional do usuário em que é possível saber quais profissionais utilizam mais o Orkut e, conseqüentemente, saber a que classe pertencem, o que podem consumir, o poder de consumo, etc. Além de operar também como um currículo de apresentação. Trata-se da construção de uma imagem para ser vendida/comercializada.

No perfil pessoal também há filtros que já predeterminam o que dizer de si e, com isso, poder ser enquadrado em determinadas classificações, como:

- a) cor dos olhos: filtro não há resposta, pretos, azuis, castanhos, acinzentados, verdes, mel;
- b) cor do cabelo: filtro castanho avermelhado, preto, loiro, castanho claro, castanho escuro, ruivo, grisalho, careca, muda com freqüência, outro;
- c) tipo físico: filtro não há resposta, magro(a), atlético(a), médio, um pouco acima do peso, gordo(a);
- d) arte no corpo: abre um filtro em que é possível escolher mais de uma opção como tatuagem em lugar estratégico, piercing na orelha, piercing em outras partes, tatuagem visível, piercing na língua, piercing no umbigo.

Percebe-se que por meio dessa informação é possível incluir um certo público ou mesmo estigmatizá-lo.

- e) aparência filtro: não há resposta, tipo miss/mister universo, muito atraente, atraente, médio, muito feio(a);
- f) o que mais gosto em mim: filtro não há resposta, olhos, cabelos, boca, pescoço, braços, mãos, busto/toráx, umbigo, bumbum, pernas, panturrilhas, pés, não consta na lista;
- g) o que me atrai: abre um filtro em que é possível escolher mais de uma opção como convicção, luz de velas, material erótico, inteligência, demonstrações públicas de afeto, sarcasmo, tatuagens, tempestades, piercing(s), dançar, flertar, cabelos compridos, poder, nadar nu, aventura, riqueza material.

Há ainda a possibilidade de se descrever com *uma frase no perfil, o que chama atenção em mim, altura, o que não suporto, o primeiro encontro ideal, com os relacionamentos anteriores aprendi, cinco coisas sem as quais não consigo viver, no meu quarto você encontra e par perfeito*. No perfil pessoal não há a chave de segurança limitando o acesso a nenhuma dessas informações.

Em compensação, rastreando as informações dos perfis podemos notar que a chave de segurança está presente nos seguintes marcadores: *faculdade, empresa/organização, site da empresa, email do trabalho, telefone do trabalho* – que, como descrevem os termos de uso não é aconselhável fornecer informações privadas e confidenciais -, *orientação sexual, data de nascimento e ano de nascimento* – aqui percebemos dois discursos tabus de sexo e de envelhecimento presentes na sociedade. É possível falar de sexo, se descrever como heterossexual, bissexual, gay e até curioso, mas não se fala abertamente sobre isso; do mesmo modo, a busca pela juventude, o medo de envelhecer e a idade real são discursos que incomodam, e, por isso, é possível deixar visível o ano e a data de nascimento apenas para o próprio perfil, amigos, amigos de amigos ou para todos.

É possível perceber pelos marcadores identitários do Orkut um certo funcionamento social. Sendo assim, reagrupamos os traços de identidades que também operam como formas de subjetivação:

- Identidade civil: nome, sobrenome, sexo, data de nascimento, ano de nascimento, cidade, Estado, CEP, país, filhos, etnia, moro, cidade natal, relacionamento, escolaridade, profissão;
- Identidade cultural e social: religião, visão política, orientação sexual, idiomas que falo;
- Corporeidade/identidade física: altura, cor dos olhos, cor do cabelo, tipo físico, aparência, arte no corpo (estigma);
- Filiações Institucionais: escola (ensino médio), faculdade, empresa/organização;
- Hábitos de Consumo: animais de estimação, esportes, livros, música, programas de TV, filmes, preferências gastronômicas, atividades, fumo e bebo (estigmas);
- Desejos: interessado em, paixões, o que me atrai (convicção, luz de velas, material erótico, inteligência, demonstrações públicas de afeto, sarcasmo, tatuagens, tempestades, piercing(s), dançar, flertar, cabelos compridos, poder, nadar nu, aventura, riqueza material), primeiro encontro ideal, par perfeito;

- Auto-definição: quem sou eu, humor, frase do perfil, o que mais chama a atenção em mim, o que mais gosto em mim, o que não suporto, com os relacionamentos anteriores aprendi, cinco coisas sem as quais não consigo viver, no meu quarto você encontra, habilidades profissionais.

Passaremos agora para os mecanismos que validam a identidade no Orkut em que o sujeito é posto a falar de si. Basicamente, é em torno do marcador identitário “quem sou eu” que o perfil no Orkut se estabelece. *Quem sou eu*, enquanto identidade, como sugere Bauman (2005), esteve ligado à ideia de nação:

na Polônia da era da construção nacional, as crianças costumavam a ser treinadas a dar as seguintes respostas a perguntas sobre identidade: quem é você? Um pequeno polonês. Qual é o seu signo? As respostas de hoje, sugere Monika Kostera, ilustre socióloga da cultura contemporânea, seriam diferentes: quem é você? Um homem simpático na casa dos 40 anos com senso de humor. Qual é o seu signo? Gêmeos (BAUMAN, 2005, p. 33-34).

Desse modo, podemos perceber que esse tipo de descrição sinaliza para um colapso nas identidades hierarquizadas e é possível encontrar esse tipo de identidade refletida no perfil do Orkut, em que o descentramento do sujeito é notável⁴⁸. Assim, o usuário pode trazer no seu perfil uma descrição, um poema, uma citação, uma letra de música, o nome de um filme, uma propaganda, uma charada, um anúncio de venda, um objeto, um adjetivo ou mesmo um espaço sem preenchimento, em branco, fazendo com que outras vozes sociais possam ser mobilizadas, fazendo funcionar como um traço identitário. O que acontece é que muitos mudam a maneira como falam de si, reeditando esse marcador identitário de acordo com o que estão sentindo, o que têm vontade de comunicar ou mesmo em busca da aceitação do outro. E essa mudança reflete que a todo tempo pode ser criado um efeito de novidade, de um novo conhecimento, de uma nova experiência, de um novo estilo de vida, etc. O discurso é constitutivo dessa construção, dessa interação

⁴⁸ Para Hall (2006), a globalização ajudou a descentralizar o sujeito ligado à nacionalidade, visto que a circulação entre as nações, a mudança no eixo tempo-espaço, promoveu uma certa interculturalidade que pode ser vista na formação das identidades. Um cartaz espalhado em Berlin em 1994 explicita esses acontecimentos: “Seu Cristo é judeu. Seu carro é japonês. Sua pizza é italiana. Sua democracia, grega. Seu café, brasileiro. Seu feriado, turco. Seus algarismo, árabicos. Suas letras, latinas. Só o seu vizinho é estrangeiro” (BAUMAN, 2005, p. 33).

e dessas práticas sociais que formam as identidades e a todo o tempo o discurso é invocado: o que está na ordem do dia? É no jogo das relações verdadeiro *versus* falso, interessante *versus* sem graça, bonito *versus* feio, moderno *versus* antigo que a construção de uma imagem de si é feita.

Como as identidades se formam na interação social, não há como ser por si mesmo, por isso a relação com a alteridade é indispensável. Nesse caso, Pereira (2007) traz uma reflexão a cerca do querer ser na internet, de como na web 2.0 é possível distorcer a realidade e criar “novas” identidades.

Pode-se dizer que a *Internet* é feita, essencialmente, de *wannabees*: indivíduos que praticam a sociabilidade “para serem” algo diferente daquilo que efetivamente são em suas vidas do mundo real. [...] Nesse sentido, o *wannabe* encontra um espaço social único, onde é possível ser, ou fingir ser, sem aparecer, mas nunca livre de eventuais sanções sociais. (PEREIRA, 2007, p.362).

De maneira menos generalizada, Mocellim (2008) concorda que há uma intenção de se apresentar com uma identidade “*wannabees*”, mas também propõe que há uma despreocupação com relação a isso:

os usuários que buscam, ativamente, novas amizades no Orkut demonstram uma maior preocupação com a forma como é feita sua descrição, ao passo que, os usuários que se utilizam do Orkut para manter contato apenas com amigos conhecidos offline, conhecidos pessoalmente, vêem essa descrição como secundária; visto que, os amigos com quem mantêm contato já os conhecem pessoalmente e podem tirar suas próprias conclusões pelas impressões que tiveram offline (MOCELLIM, 2008, p. 5).

Portanto, se o objetivo é se conectar a mais amigos, a engrenagem do poder funcionará fazendo com que o usuário preencha mais categorias e, caso esteja procurando relacionamentos, vai procurar dar mais detalhes de si, a fim de encontrar alguém com quem combine. Assim, o poder opera fazendo com que o usuário passe a confessar continuamente e de forma cada vez mais detalhada sobre si. Há outros marcadores em que o usuário pode falar de si e que marcam sua identidade, como quando é posto a falar sobre o cargo e a descrição do trabalho, assim como as habilidades e os interesses profissionais.

Outro mecanismo que marca a identidade do perfil é a possibilidade de integrar comunidades. As comunidades dizem muito sobre a identidade de um perfil, visto que é um lugar onde se procura agrupar perfis de

um mesmo segmento, grupos de interesse, gostos semelhantes, hábitos ou mesmo para unir grupos do passado, como escolas em que estudou, times de esportes, etc. Muitas comunidades são criadas visando uma aceitação, um compartilhamento de problemas que não são aceitos/discutidos na sociedade, como é o caso das pessoas com bulimia e anorexia (RECUERO, 2007). Outras comunidades são criadas para discussão de algum tema de base moral, como o fundamentalismo religioso e o nazismo, e atuam como uma forma de resistência a certos padrões impostos socialmente e juridicamente.

Porém, é preciso ressaltar que há a vigilância contínua no Orkut, como os termos de uso, que não permitem certos tipos de discursos, seja em perfis ou em comunidades. As comunidades demonstram uma identidade implícita: mesmo que o perfil não contenha muitas informações, é possível notar a configuração de uma certa identidade pelas comunidades. Por exemplo, no perfil *a cada dia um novo amanhecer!!!!*⁴⁹ há apenas informações sobre aniversário: 18 de abril, idiomas que falo: português (Brasil), interesses no Orkut: amigos, quem sou eu: Deus cuida de mim (em forma de mensagem em código), país: Brasil, o que me atrai: convicção, piercing(s), luz de velas, dançar, material erótico, flertar, inteligência, cabelos compridos, demonstrações públicas de afeto, poder, sarcasmo, nadar nu, tatuagens, aventura, tempestades, riqueza material. Porém, neste perfil há 120 comunidades, sendo *Rir é comigo mesmo, Queria ter uma casa na árvore, Eu acredito no amor, Poemas e poesias românticas, Poesia erótica livre, Eduardo Costa Oficial, Eu sou mãe e amo meus filhos, Eu amo meu filho Ricardo, Força Jovem PMDB, Poesias um sonho de amor, Mensagens evangélicas*. Nesta pequena amostra é possível perceber que *a cada dia um novo amanhecer!!!!* não descreve seu nome próprio, porém sabemos que é uma pessoa que constitui, como traços de identidade, ser um sujeito alegre, que ama, que gosta de poesia romântica e erótica, que tem um filho que se chama Ricardo, gosta de um cantor sertanejo, possivelmente é evangélica, seu partido político é o PMDB e gostaria de ter uma casa na árvore. É possível que esse perfil revele parcialmente certas coisas, pensando na censura, visto que pode ser evangélica e gosta de

⁴⁹ <http://www.orkut.com.br/Main#FullProfile?rl=pcb&uid=6896259519744555236>. Acesso em 08 ago. 2011.

poesias eróticas, o que soa contraditório e opõem uma certa religião ao sexo/erotismo.

A classificação do perfil também é um mecanismo de validar a identidade, como a visibilidade, a aceitação e a audiência. No mesmo perfil utilizado para o exemplo acima há quase três *smiles* (90%) simbolizando que o perfil é confiável, quase três cubinhos azuis (90%) simbolizando que o perfil é legal, quase três corações (90%) simbolizando que o perfil é *sexy*, além da estrela com 37 fãs (de um total de 464 amigos no perfil). O perfil quando recebe uma solicitação de amigo pode classificá-lo em: desconhecido, conhecido, amigo, grande amigo ou melhor amigo.

Outro mecanismo de identidade e validação do perfil é o depoimento. O depoimento faz com que os perfis recebam validação por parte dos amigos. Apesar de poder se apagar o depoimento e não torná-lo público, é inegável a participação do outro na constituição dessa identidade, pois o relato, a escrita do outro é que vai legitimar, ou não, o perfil, assim como acrescentar qualidades, descrever temperamento, beleza, amizade, etc., ajudando a constituir o perfil.

Percebemos que o poder disciplinar opera na manutenção da identidade do perfil, selecionando categorias, classificando em comunidades, registrando todas as informações que o sujeito puder dar: “a disciplina [...] individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações” (FOUCAULT, 1975, p. 125). Assim, funciona a rede de amigos do Orkut, cada um com seu perfil circulando, adicionando e esperando ser aceito por outros perfis.

Esse mecanismo funciona, pois a engrenagem é alimentada pelo poder estratégico, que incita a visibilidade, a audiência e a circulação. Se, com relação ao sexo no Ocidente as regras foram “a lei da aliança e a ordem dos desejos” (FOUCAULT, 1988, p. 47), no Orkut pode ser encarado da mesma forma, uma aliança⁵⁰, um elo cada vez estendido entre os perfis, incitando a circulação e o desejo de saber de si e dos outros. O poder-saber, a produção de uma certa verdade no Orkut se dá pela confissão: “a confissão passou a

⁵⁰ Podemos entender o dispositivo de aliança sendo relações superficiais, canais de passagens, de ligações entre uns e outros com pouca interação. Tanto os amigos como as comunidades se constituem para produzir uma dada imagem de si e não necessariamente para a interação.

ser, no Ocidente, uma das técnicas mais altamente valorizada para produzir a verdade (FOUCAULT, 1988, p. 67).

O Orkut funciona agregando o maior número de perfis a um outro único perfil pelo mote da amizade, ou seja, os usuários adicionam amigos. A amizade não seria o fio condutor do poder estratégico para fazer funcionar a circulação? Pensando desta maneira, entendemos que seria um meio de sedução: os usuários com uma vida cada vez mais de solidão encontram nos movimentos de “aproximar-se e afastar-se [...] simultaneamente o impulso de liberdade e a ânsia por pertencimento” (BAUMAN, 2004, p. 51). Assim, na exclusão, na solidão, na falta de compromissos da vida o usuário encontra nas redes sociais uma maneira de tecer sua própria rede, circular por ela da maneira que lhe convier, sem precisar ter vínculos estreitos ou estar sempre presente: a amizade é ressignificada. A audiência seria então uma coleção de perfis sem a necessidade de se tecer vínculos e o perfil seria uma espécie de “espetacularização do eu” (SIBILIA, 2008) em que não há mais a necessidade de se espelhar em figuras das mídias tradicionais, tidas como sociedades do espetáculo, mas sendo possível ao usuário fazer do perfil o espetáculo de si mesmo. “Ser o que deseja e deixar de ser quando quiser” (RECUERO, 2007, p.10).

Pensando nos vários marcadores identitários, no modo excessivo e detalhado como são apresentados, podemos pensar em vários perfis de consumidores, uma vez que o próprio Orkut organiza perfis para serem negociados, como visto nas políticas de publicidade. Para Hall, essas seriam “identidades partilhadas – como “consumidores” para os mesmos bens, “clientes” para os mesmos serviços, “públicos” para as mesmas mensagens e imagens – entre pessoas que estão bastante distantes umas das outras no espaço e no tempo (HALL, 2006, p. 74). Esse pode ser um mecanismo de publicidade nos tempos de Web 2.0, em que há a fragmentação dos horários publicitários nas mídias convencionais e as redes sociais integrariam um dispositivo para elencar, seduzir e produzir públicos, consumidores e desejos.

Para finalizar esta parte da discussão podemos pensar no sujeito do Orkut sendo subjetivado pelos marcadores identitários, pelas resistências e pelas políticas e sendo produzido como sujeito consumidor, sujeito de tendências mercadológicas e, sobretudo, sujeito dado à circulação contínua.

3.5.1 A questão dos *fakes*

Essa questão do Orkut enquanto espaço de resistência é bem complexa, pois podemos entendê-lo como um espaço em que é possível transgredir aquilo que é subjetivado no mundo *off line*, porém, há regras, limites, termos que balizam esse sujeito. A engrenagem que faz funcionar o Orkut é aquela que tende produzir a ilusão da ausência de controle e fazer com que o espaço pareça democrático (onde tudo, segundo o senso comum, pode ser dito e feito) e sem lei.

Poderíamos pensar também, que uma primeira maneira de se resistir ao Orkut seria não se inscrever, não participar da rede, não editar um perfil, porém, cabe-nos refletir sobre as resistências de quem está inscrito e não de quem não está.

O que o Orkut oferece de resistências ao sujeito pensando na virtualidade é a possibilidade de resistir a ele mesmo e ter no Orkut a possibilidade de se redefinir, de mudar de identidade, de poder editar esse perfil a todo tempo. Mesmo tendo categorias já definidas, o usuário pode mudar a sua idade, a sua foto, o seu sexo, suas preferências gastronômicas, fazendo experimentos de si. O perfil não é o mesmo, não é estático e essa mudança poderia ser entendida como uma forma de resistência em relação à cristalização das identidades, ou seja, há a possibilidade de se reinventar a todo momento. A resistência, assim, pode ser entendida quando o usuário utiliza o espaço do Orkut para ser algo diferente da sua identidade civil, é como se fosse uma maneira de se realizar num outro ambiente, de manifestar os seus desejos, de omitir ou mentir algumas coisas de si. Esse movimento pode ser entendido sempre com relação ao outro, o usuário pode colocar certos livros que não gosta de ler ou mesmo que nunca leu para parecer intelectual ou para parecer romântico visando a aprovação e a audiência do outro. O usuário então experimenta certas “aparências” para criar uma dada forma de ser visto.

Quando pensamos num sujeito que não quer falar de si, ou melhor, que quer esconder sua identidade civil, podemos pensar na questão dos *fakes*.

O nome próprio configura uma identificação, portanto, podemos pensar que, em certos casos, a mudança de nome pode denunciar um perfil *fake* ou mesmo algum usuário que por algum motivo inocente não quer se identificar ou por que a sua identificação levaria a descobrir coisas ilegais. O mesmo ocorre na sociedade jurídica, quando um criminoso muda de nome para não ser encontrado: “um nome, então, é um modo muito comum não muito confiável de fixar a identidade. Quando num tribunal de justiça se encontra uma pessoa que, por muitos motivos, esconde sua identidade, é compreensível que se procurem outras marcas” (GOFFMAN, 1988, p. 67). Em casos em que há crime no Orkut, é possível esse rastreamento por meio do IP do computador do usuário.

Os *fakes* podem ser criados por vários motivos: para fazer uma brincadeira (criar o perfil de um personagem inventado por um grupo ou mesmo criar o perfil de um lema ou criar o perfil de alguém famoso como forma de homenagem ou de repúdio); difundir os conteúdos tidos como ilegais para comunidades (nudez, material explicitamente sexual, pedofilia, difamação, comportamento violento, crueldade contra animais, preconceito contra raça, etnia, religião, idade, deficiência, orientação sexual, atividades ilegais); para visualizar quem viu o perfil oficial (assim o usuário manteria um perfil oficial e outro para entrar nos outros perfis sem ser identificado); para denunciar crimes (uma espécie de policial à paisana); fazer *trollagem*⁵¹ ou mesmo para manter a privacidade e ficar no anonimato.

Mocellin (2008) apresenta quatro classificações sobre *fakes*: falsos (existe a intenção de parecer falso com características bizarras, estranhas ou excêntricas); de personagens (em que é copiado algum personagem de programas de TV, filmes, seriados, desenhos animados, atores, celebridades, etc. Muitos incorporam esses personagens querendo se passar por verdadeiros e outros assumem uma postura de falso mesmo. Neste caso cabe questionar se a criação de um perfil de um cantor, por exemplo, não seria atividade de *phising*, mesmo o cantor não se inscrevendo no Orkut, não sendo visto como um roubo de perfil, mas o usuário está se apropriando de

⁵¹ *Trollagem* é uma gíria da Internet que significa desestabilizar uma discussão, fazer comentários provocativos a respeito de certos assuntos. Os *trolls* atuam por sistemáticas diferentes, como: jogar a isca e sair correndo, induzir a baixar o nível, repetição de falácias e desfile intelectual. Informações obtidas em http://pt.wikipedia.org/wiki/Troll_%28internet%29.

nome, fotos, às vezes inventando dados que não lhe pertencem); espiões (são perfis criados com o objetivo de circularem sem serem percebidos, uma forma de manter a privacidade enquanto visita outros perfis – por exemplo, perfis como *Eu fuzei no seu Orkut e fuzei mesmo e daí?*⁵², *Olho que tudo vê*⁵³, *Espião do Orkut original*⁵⁴; e fakes “verdadeiros” (o usuário cria um perfil em que se propõe como verdadeiro, cria nome, adiciona amigos e comunidades, coloca foto, envia recados, busca se passar como se existisse realmente). Esse perfil *fake* “verdadeiro” seria uma forma de resistência, uma forma de se propor diferente e o Orkut seria um termômetro dessas mudanças, como se o próprio usuário estivesse testando a sua identidade, os seus gostos, experimentando novos prazeres e, estando satisfeito, o usuário traz isso para si na sua vida cotidiana.

Para Mocellin (2008, p. 11),

os *fakes* podem ser entendidos também como uma faceta da fragmentação das identidades, fragmentação esta tão comentada como sendo um dos principais aspectos atualmente das identidades [...] fragmentação propiciada pela diversificação dos contextos de interação contemporâneos.

Desse modo, a fragmentação seria uma forma de resistência propiciada pelo Orkut, em que, dentro de certos limites, poderia dar-se a ver como sendo diferente do que se é. Nota-se que a possibilidade de ser diferente opera seduzindo os usuários a criar imagens de si daquilo que gostariam de ser ou experimentar. Trata-se, parece, de um esvaziamento da experimentação na vida *off line* para uma potencialização dessas possibilidades na vida *online*, constituindo uma outra forma de ser, uma outra concepção de realidade.

Uma outra forma de pensar a resistência seria não preencher totalmente o perfil, apagar os recados, selecionar o que será público ou privado, não colocar fotos pessoais ou vídeos, não aceitar depoimentos, porém, todas essas informações estarão em poder do Google, então podemos questionar a quem se resiste no Orkut, se uma vez inscrito tudo é anotado, rastreado, registrado e controlado.

⁵² <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=18100901917729509857>. Acesso em 26 jul. 2011.

⁵³ <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=4656629954724684564>. Acesso em 26 jul. 2011.

⁵⁴ <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=9398062103766099087>. Acesso em 26 jul. 2011.

Outra forma de resistir aos poderes no Orkut seria certas comunidades que não são aceitas pelo Orkut criarem códigos secretos para se comunicarem. Esses códigos acabariam por delimitar mais os grupos de discussão e essa nova linguagem serviria para comunicar assuntos que são proibidos no Orkut.

Ou, então, utilizar palavras que não explicitem o conteúdo, por exemplo, ao digitar a palavra sexo nas buscas do Orkut nada é encontrado, em compensação, utilizando outros termos com sentido similar encontramos perfis, comunidades e tópicos de discussão. Em uma rápida busca da expressão “garota de programa” foi possível encontrar 264 comunidades, 1000 tópicos de discussão em comunidades e vários perfis, como “Ruth Garota de Programa⁵⁵” ou “Garota de Programa VIP⁵⁶”. Esse perfil conta com uma descrição que mostra a resistência operando de modo a manter o anonimato, pois a foto do perfil é do corpo de uma mulher nua de costas, as fotos e os recados são privados, o perfil não participa de comunidades e só tem uma pequena descrição:

Idiomas que falo: Português (Brasil)

Interesses no Orkut: parceiros para atividades

quem sou eu: Garota de programa VIP, Contato comigo so pelo Orkut ou MSN! Moro em Niterói, não faço programas distantes! Estilo menina mulher, sei ser bem safada e ai mesmo tempo bem CARINHOSA!! Sou Morena, cabelos longos lisos negros, olhos castanhos escuros! Corpinho na medida Certa...estilo menina mulher...há e um rosto encantador bem de menina minha idade é 21 aninhos...interessados deixem scraps e adicionem!

A morena aki?? So conhecendo pra saber!

ATENÇÃO: Tudo no mais rigoroso sigilo homens casados podem ficar despreocupados, comigo é tudo sigiloso ate pq Qr me preservar!!

So marco em MOTEL!

estado: Rj

país: Brasil

O Orkut poderia ser pensando como um espaço dinâmico de várias possibilidades de resistência, pois quando emerge um discurso diferente daquele que é proposto nas políticas de uso, ele resiste até o momento de receber uma denúncia e excluir o perfil ou a comunidade, como as que falam sobre nudez, sexo, radicalismos, etc. Uma outra busca nas comunidades do

⁵⁵ <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=2017643377129009505>. Acesso em 01 Ago. 2011.

⁵⁶ <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=907204107881441673>. Acesso em 01 Ago. 2011.

Orkut com o nome de “Wellington Menezes de Oliveira” (atirador de Realengo) apresentou 132 comunidades, sendo 128 com discursos de ódio, 3 a favor do garoto e uma que está sendo investigada pelo Orkut devido a denúncias. Na sequência alguns recortes:

a) **descrição:** Homenagem ao Atirador de Realengo.
Só fez um bem para a Humanidade, e ainda é chamado de monstro.
Monstro realmente foi quem fez mal a um irmão⁵⁷.

b) **descrição:** Obrigado cara
Fez bem matou o mal pela raiz parabens cara pena que voce morreu.
essas mae safada poe essas praga na escola e eles fica insultando
os alunos e depois a pessoa crese com depressao ou ate se matam
que do cara tem que matar essas pragas mesmo a mae e o pai deles
nao dao educaçao, fez certo nao matar aquele muleque gordinho que
esse tipo de pessoa e que mais sobre na escola⁵⁸.

c) **descrição:** minha homenagem ao heroi que foi julgado pelo mundo
como um assassino, um loko, p´ra mim sempre sera um idealista que
como ALA ordena morre ao frevo da guerra, so podera participar
pessoas que estão do lado desse heroi que poucas pessoas conhece
e mesmo assim critica⁵⁹.

d) **descrição:** Essa comunidade foi bloqueada por seu conteúdo ferir
a Ordem. Os antigos membros, bem como seu(s) fundador(es) estão
sobre investigação e podem ser processados e condenados ao
bloqueio total de acesso a provedores de internet. Essa ação se dá
pelo fato de usuarios de sites de relacionamento estarem usando o
mesmo para promover atos de rebeldia. O conteúdo dessa ou de
qualquer pagina não podera ser modificado por tempo indeterminado,
e sua aparencia se mantem conforme a ultima utilização de seu(s)
usuario(s).

ps: Todo o Conteudo Considerado ilicito foi deletado, porem é mantido
como prova em nosso banco de dados. Os membros dessa
comunidade e seus posts não poderam ser visualizados até o final do
processo⁶⁰.

O que podemos perceber é que quando certos temas ocorrem na sociedade, como o massacre de Realengo, a população de um modo geral tende a ficar revoltada, porém, pelas regras do Orkut não é permitido o discurso de ódio, mas o que vemos são 128 comunidades discursando ódio, porém, pela regra, o discurso de ódio não é permitido para *raça ou origem étnica, religião, idade, deficiência, sexo ou orientação/identidade sexual*.

⁵⁷ <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=113522266>. Acesso em 01 Ago. 2011.

⁵⁸ <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=116307392>. Acesso em 01 Ago. 2011.

⁵⁹ <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=113204676>. Acesso em 01 Ago. 2011.

⁶⁰ <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=113650863>. Acesso em 01 Ago. 2011.

Porém, essas comunidades poderiam ser excluídas pela regra conteúdo malicioso em que não são permitidos *textos criados com o único propósito de difamar e injuriar a reputação de alguém através de ataques pessoais sem qualquer comentário de cunho político, profissional ou social*. Mesmo tendo sido um atentado e Wellington Menezes de Oliveira ter matado várias pessoas, pelas regras e pelo discurso pacificador do Orkut essas comunidades não deveriam estar ativas. Percebe-se, então, que até mesmo as regras do Orkut são maleáveis quando se trata de temas atuais e que movimentam a opinião pública. Desse modo, o poder estratégico deixa circular, deixa emergir tudo o que for possível e, assim, consegue filtrar e calcular as tendências discursivas sobre determinado assunto ou tema.

Algumas questões ainda se colocam com relação à resistência: se o Orkut fosse um espaço sem regras, sem marcadores identitários, um espaço em que cada um se colocasse a falar de si da maneira que conviesse, seria possível, por isso mesmo, ser um espaço para se refletir sobre o sujeito, sobre os discursos que constituem o sujeito? Seria um espaço onde a polêmica e as tensões pudessem tomar forma e revelar uma realidade verdadeiramente conflitiva?

Outra forma de resistência, ainda, seria subverter as categorias que dizem da identidade do perfil no Orkut sem se importar com certas classificações (sexo, idade, profissão) e buscar uma “linguagem própria” para redes sociais, não estando ligada a convenções jurídicas, sociais ou mesmo favorecendo o anonimato como forma de resistência ao falar de si.

O total anonimato seria uma maneira de existir no Orkut, de circular, de fazer amigos e de “enganar” os mecanismos de controle da Google ou seria o contrário, fazer-se ver cada vez mais como se é na vida *off line*? Para Baudrillard as duas alternativas são válidas, desde que o sujeito se torne outro no universo *online*:

existe atualmente uma verdadeira fascinação pelo virtual e todas as suas tecnologias. Se ele é verdadeiramente um modo de desaparecer, esta seria uma escolha – obscura, mas deliberada – da própria espécie: a de se clonar, corpo e bens, em um outro universo, de desaparecer enquanto espécie humana propriamente dita para perpetuar-se em uma espécie artificial que teria atributos muito mais performáticos, muito mais operacionais. Será que é nisto que se aposta? (BAUDRILLARD, 2007, p. 44).

Interessante seria rastrear por que alguns indivíduos não se inscrevem em redes sociais como o Orkut: seria desinformação sobre as redes, não querer se expor, não achar necessário estar na rede? Ou mesmo, se o discurso do Orkut fosse outro, se fosse dito aos usuários “coloquem os seus dados corretamente e assim será possível encontrar tudo o que precisam”, será que haveria menos *fakes* e mais usuários interessados em fornecer mais dados verdadeiros para dar praticidade para as suas escolhas, compras, etc.? Isso seria possível se ao invés do discurso de amizade e relacionamentos o discurso da praticidade, do marketing ou mesmo do consumo fosse incitado, se não houvesse um mascaramento em obter um perfil consumidor, se isso fosse feito de forma clara e direta?

Para finalizar, podemos pensar no Orkut tanto como um espaço de (re)produção das identidades, como um lócus onde a resistência opera, dado que o poder é constitutivo das relações, práticas e discursos ali presentes, sendo os *fakes* mais um mecanismo constitutivo da construção e manipulação das vontades, dos desejos e dos sujeitos.

4 CONCLUSÃO

“[...] a modernidade é a impossibilidade de permanecer fixo. Ser moderno significa estar em movimento. Não se resolve necessariamente estar em movimento - como não se resolve ser moderno. É - ser colocado em movimento ao ser lançado na espécie de mundo dilacerado entre a beleza da visão e a feiúra da realidade - realidade que se enfeiou pela beleza da visão. Nesse mundo, todos os habitantes são nômades, mas nômades que perambulam a fim de se fixar. Além da curva, existe, deve existir, tem de existir uma terra hospitaleira em que se fixar, mas depois de cada curva surgem novas curvas, com novas frustrações e novas esperanças ainda não destroçadas [...]”

Zygmunt Bauman

Foucault estudou o poder, dentre outras maneiras, pela análise discursiva da construção da sexualidade ocidental e enfrentou o desafio de pensar “o sexo sem lei e o poder sem rei” (1988) e, dessa forma, podemos trazer esse mesmo questionamento para o âmbito do Orkut, em que, aparentemente, o mesmo funciona sem lei e o poder opera sem rei.

O que nos impulsiona a pesquisar e a entender certos mecanismos contemporâneos, propiciados pela internet, é compreender como o poder age, de maneira silenciosa, para a maioria dos indivíduos que utilizam as redes sociais, sendo entendidas como ambientes livres, onde tudo pode ser dito e feito e, tomando as palavras de Foucault,

gostaria de observar a maneira como diferentes mecanismos de poder funcionam em nossa sociedade, entre nós, no interior e fora de nós. Gostaria de saber de que maneira nossos corpos, nossas condutas do dia-a-dia, nossos comportamentos sexuais, nosso desejo, nossos discursos científicos e teóricos se ligam a muitos sistemas de poder que são, eles próprios, ligados entre si (FOUCAULT, 2006, p. 258-259).

Sabemos que o espaço em que o Orkut foi criado, ou seja, a web 2.0, propicia aos indivíduos essa sensação de liberdade sem coerções, de poder circular indistintamente, de colaboração e de se identificar com diversas realidades devido à instantaneidade da informação, da interação, porém, tudo se torna informação para banco de dados, tudo é registrado. Percebe-se então, que há um controle das circulações. De acordo com Buzato e Severo (2010, p. 11-12),

nota-se que a engrenagem que faz a web 2.0 funcionar eficientemente é política, na medida em que: (i) incita incessantemente a circulação e a proliferação de discursos e informações; (ii) registra cada movimento e dados dos usuários; (iii) produz saberes e verdades (personas) que acabam direcionando desejos e modos de ser; (iv) produz a sensação de ser vigiado e a possibilidade de vigilância lateral contínua, majorando os efeitos do panóptico e da sociedade disciplinar.

Percebemos que o poder no Orkut opera utilizando mais o modelo estratégico e menos o modelo jurídico, embora haja certas situações que podem cair na regra do jurídico, principalmente quando o assunto são temas lícitos e ilícitos ou direitos autorais, porém, o que é mais evidente é um poder

que deixa circular, que dá a sensação de falar livremente e de espaço democrático. Há com relação às regras do Orkut várias contradições, como pôde ser visto no Capítulo 2, pois ao usuário é dado o poder de vigilância, de denunciar abusos, crimes, atitudes suspeitas, mas, ao mesmo tempo, a vigilância do Orkut, que conta com softwares e uma equipe de gestores, dá a ver certas ilegalidades apenas quando essas são denunciadas, sendo a lógica das redes sociais pautada no deixar circular para a apreensão dos discursos e dizeres e a formação de verdades e saberes: um espaço com leis, em que há a impressão de apagamento de certas leis, termos de uso e a não delimitação do que seria certo e errado nas condutas dos usuários e, com isso, é possível perceber mudanças de posições, de funções tanto por parte do usuários como por parte do Orkut; expansão da função de usuário, que passa também a ser um vigia, um denunciador e restrição da ação do Orkut enquanto detentor de leis próprias para a conduta saudável e lícita dos usuários. O poder estratégico favorece a circulação, deixa emergir tudo o que for possível e, assim, consegue filtrar, calcular, construir estatísticas sobre as tendências discursivas e identitárias.

Podemos, ainda, entender o poder estratégico quando este opera incitando relacionamentos, produzindo e reforçando as relações e circulações. Quanto mais se circula, se conecta, se adiciona amigos, se participa de fóruns, se comenta fotos, se envia SMS, etc., mais o Orkut tem informação dos rastros, das circulações, dos discursos, das redes, transformando esses dados em informação e, posteriormente, em conhecimento de vários gêneros. É esse poder de mapear as relações que é incitado por meio da sensação prazerosa de poder falar “livremente” e, quanto mais se fala, se circula, se relaciona, mais o Orkut (e conseqüentemente o Google) produz saberes e discursos sobre modos de ser e desejos, refinando, por exemplo, as categorias identitárias do perfil, oferecendo perfis de “amigos” e produtos que, possivelmente, interessariam ao usuário ou mesmo vendendo os perfis para publicidade.

A lógica do circular cada vez mais e adicionar cada vez mais perfis, formando uma grande rede social pode ser contraditória, pois, como pôde ser visto, há muitas comunidades e até perfis que não interagem, não dispõem de informações e, por isso, há uma tendência em formar redes mais íntimas, como o Google +, em que o propósito é levar para a rede os

relacionamentos que os usuários possuem na sua vida *off line*, fazendo com que os usuários falem mais intimamente sobre si e, conseqüentemente, a apreensão dos saberes será cada vez mais “legítima.” Essa tendência pode até ser vista no Orkut, pois ao mesmo tempo que incita à construção de uma grande rede de amigos, sugere também que o usuário só se conecte a pessoas, perfis, que conhece.

Se o poder estratégico opera incitando as pessoas a circularem, o poder disciplinar opera registrando os passos, os rastros, as redes (mesmo quando o usuário se desliga do Orkut os seus dados continuam em poder da rede), e o poder jurídico atua censurando certos discursos, tendo como aliado os próprios usuários que podem atuar como monitores e denunciar qualquer ação que não esteja dentro das ‘normalidades’. Temos, então, o funcionamento de um mecanismo em que todos vêm e todos são vistos e o controle é horizontal e não vertical, além da disciplina atuar no controle da produção dos discursos, ditando o que pode ou não ser dito.

Podemos perceber que é a sensação de circular livremente que faz a engrenagem do Orkut funcionar e produzir, conseqüentemente, saber. O espetáculo do eu (SIBÍLIA, 2008), a visibilidade cada vez mais exacerbada e a audiência são tomados no Orkut como táticas, além do tema amizade, para atingir a estratégia de apreensão de saberes sobre os usuários, sobre os sujeitos. Assim, o perfil se apresenta, se “vende” a outros perfis e o Orkut “vende” esse(s) perfil(s) para publicidade. Com relação à circulação do perfil como consumidor em potencial temos que “uma linguagem é criada, e a partir dela é mudado não somente como o consumidor é constituído, mas como o sujeito pode ser conhecido, quer dizer, nossos sistemas de representação (escrito, estatístico, digital)” (PINHEIRO, 2008, p. 7). Isso é conseguido por meio do preenchimento do perfil. Quanto mais um perfil diz de si, confessa sobre si, mais o Orkut tem informações para segmentar o usuário em consumidor, por isso a tendência em tornar as redes sociais mais densas, mais íntimas, como o Google +.

Pensando no Orkut como filiado à empresa Google e toda a rede de poder envolta na rede social, temos que o poder disciplinar, no que diz respeito às estatísticas, às informações, aos rastros dos usuários, nos leva a

concluir, de acordo com o então presidente do Google Eric Schmidt⁶¹ que, além de uma ferramenta de buscas, o Google oferece muito mais, pois pode oferecer anúncios “com endereço certo” e, como ele mesmo afirma: “o Google é uma empresa de publicidade” (GRAIEB, 2011, p.20). Sendo assim, o Orkut funciona como uma grande empresa de pesquisa de mercado nesse dispositivo de poder que é a Web 2.0, acumulando informações sobre os usuários, transformando essas informações em estatísticas, produtos, tendências e retornando ao usuário em forma de anúncio direcionado. Essa seria a lógica do poder no Orkut: todos os seus elementos se articulam de modo criativo a parecer uma rede social de relacionamentos quando se trata de um órgão de pesquisa de tendência para o mercado publicitário, visando o consumo, o lucro.

Neste viés analítico, outra tendência que pode ser percebida pelas possibilidades da internet e, conseqüentemente, os seus serviços, como as redes sociais, seria mais um mecanismo refinado de controle do consumo de certos produtos, de comportamentos, de modos de falar e agir, de valores e crenças, etc. mascarado pelo falar livremente de si, pela incitação da circulação livre por outros perfis, pela procura de amigos e pela construção de uma rede de relacionamentos. O discurso do *divirta-se* é ressignificado em torne-se um vigia e confesse sobre si, e a ideia de rede social é totalmente revista, sendo utilizada inclusive como um elemento no dispositivo de segurança para controlar os cidadãos no mundo neo-liberal (Andrejevic, 2005). Deleuze (1992) propõe expandir a dinâmica do poder de uma sociedade disciplinar para uma sociedade do controle:

o poder não é da ordem do consentimento; ele não é em si, em si mesmo, renúncia a uma liberdade, transferência de direito, poder de todos e de cada um delegado a outros (o que não impede que o consentimento possa ser uma condição para que a relação de poder exista e se mantenha); a relação de poder pode ser o efeito de um consentimento anterior ou permanente; ela não é, em sua própria natureza, a manifestação de um consenso [...] ele é um conjunto de ações sobre ações possíveis, ele opera sobre o campo de possibilidade onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou

⁶¹ Eric Schmidt anunciou em Janeiro de 2011 que deixaria a presidência da Google no mês de Abril do mesmo ano.

vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações (FOUCAULT, 1976, p. 243).

A identidade que é constituída no Orkut é levada a ser vista como um conjunto de subjetividades, de marcas, de indícios de consumo para a indústria cultural (JARRETT, 2008), como visto no Capítulo 3, em que as formas de subjetivação podem ser entendidas como: identidade civil, identidade cultural e social, corporeidade, filiações institucionais, hábitos de consumo, desejos e auto-definição. O falar de si, a confissão na elaboração de um perfil visando o outro, constitui um instrumento de produção de verdades, seja da ordem do social, do profissional ou do pessoal. Porém, se temos de um lado o poder operando de forma a fazer com que as subjetividades se enquadrem em formas já prescritas, pré-determinadas, tendendo os sujeitos como iguais, há a possibilidade de resistir a esse mecanismo, seja não se inscrevendo na rede, não preenchendo o perfil, seja confeccionando um perfil *fake*, sendo este também entendido como um mecanismo constitutivo de vontades e de desejos do usuário.

As subjetividades constituídas no/pelo Orkut visam atingir indivíduos que tenham identidade social (civil) e sejam consumidores, sendo as possibilidades identitárias construídas visando o outro (visibilidade e audiência) e visando mudanças (possibilitadas pelas ferramentas do Orkut) e essa possibilidade de mudanças colocaria o Orkut como um espaço de resistência na contemporaneidade, visto que potencializaria essa sensação de fragmentação e de multiplicidade de identidades dadas pelas circulações infinitas em espaços múltiplos: “o sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável está se tornando fragmentado: composto não de uma única, mas de várias identidades” (Hall, 2005, p. 12).

Para finalizar esta discussão podemos pensar na identidade do sujeito do Orkut sendo subjetivado pelos marcadores identitários, pelas resistências e pelas políticas e sendo produzido como sujeito consumidor, sujeito de tendências mercadológicas, de controle e segurança e, sobretudo, sujeito dado à circulação contínua, constituindo-se em mudanças, enfim, um sujeito efêmero. Logo, as redes sociais não se distanciam das práticas

individualizantes e disciplinares circulantes pelo mundo *off line*, mas potencializam-nas, tornando-as mais eficazes e eficientes.

5 REFERÊNCIAS

ABREU, Ana Sílvia Couto de. Direitos Autorais e criminalidade no espaço digital. [Filme-vídeo]. I Jornada e-Urbano. Campinas, Laboratório de Estudos Urbanos da Universidade de Campinas, 2010. Vídeo digital, 24 min e 20. color. som. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/videos/ver-video.lab?id=144>. Acesso em 16 Agosto 2011.

ABREU, Verena Santos. A escrita digital em “scraps”do Orkut: apenas a transmutação dos gêneros “bilhetes” ou “recados”? *III Encontro Nacional sobre Hipertexto* - Belo Horizonte, MG – 29 a 31 de outubro de 2009. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehete/hipertexto2009/anais/a/escrita-digital.pdf>. Acesso em 10 Setembro 2010.

ADAMIC, Lada A.; BUYUKKOKTEN, Orkut; ADAR, Eytan. *A social network caught in the Web*. *First Monday*, 8(6). Retrieved July 30, 2007 from http://www.firstmonday.org/issues/issue8_6/adamic/index.html. Acesso em 20 Junho 2011.

ADORNO, Francesco Paolo. A tarefa do intelectual: o modelo socrático. In: GROS, Frédéric (org.). *Foucault: a coragem da verdade*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2004.

ALBRECHTSLUND, Anders. Online social networking as participatory surveillance. *First Monday*, Volume 13, número 3, Março 2008. Disponível em <http://www.uic.edu/htbin/cgiwrap/bin/ojs/index.php/fm/article/2142/1949>. Acesso em 22 Agosto 2011.

ANDREJEVIC, Mark. The work of watching one another: lateral surveillance, risk and governace. *Surveillance & Society People watching people*. 2 (4): 479-497, 2005. Disponível em: [http://www.surveillance-and-society.org/articles2\(4\)/lateral.pdf](http://www.surveillance-and-society.org/articles2(4)/lateral.pdf). Acesso em 19 Agosto 2011.

ARTIÈRES, Philippe. Dizer a atualidade: o trabalho de diagnóstico em Michel Foucault. In: GROS, Frédéric (org.). *Foucault: a coragem da verdade*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2004.

BAUDRILLARD, Jean. *Senhas*. 2.ed. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Difel, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. *Comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

_____. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BRUNO, Fernanda. Dispositivos de vigilância no ciberespaço: duplos digitais e identidades simuladas. *Revista Fronteira*, São Leopoldo/RS, v. VIII, p. 152-159, 2006.

BUZATO, Marcelo El Khouri; SEVERO, Cristine Gorski. Apontamentos para uma análise do poder em práticas discursivas e não-discursivas na WEB 2.0. In: *Anais do IX Encontro do Celsul*. Palhoça, SC, out. 2010. Disponível em: <http://www.celsul.org.br/Encontros/09/artigos/Marcelo%20Buzato.pdf>. Acesso em 08 Outubro 2010.

CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. 6.ed.Trad.: Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas. Rio de Janeiro: Forense, 2006.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. V1. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault*: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Trad.: Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3.ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1998.

COSTA, Andréa Danuta Aguiar. A construção das identidades sociais nas seções “depoimento” e “quem sou eu do site de relacionamentos Orkut”. In: *Anais do VII Congresso Internacional da Abralin*, Curitiba 2011.

COSTA, Rogério da. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. *Revista Interface – Comunicação, Saúde, Educação*. V.9 n. 17, p. 235-248. Botucatu mar./ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v9n17/v9n17a03.pdf>. Acesso em 24 Junho 2011.

DAL BELLO, Cíntia. Da identidade-perfil ao perfil-sujeito: circunscrição e (re)apresentação de personas no Orkut. *II Simpósio Nacional de Cibercultura promovido pela ABCiber* (Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura), 2007. Disponível em: <http://www.cencib.org/simpósioabciber/PDFs/CC/Cintia%20Dal%20Bello.pdf>. Acesso em 27 Outubro 2010.

DÁVILA, Sérgio. *Orkut não entende seu sucesso no Brasil*. 2005. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u97858.shtml>. Acesso em: 10 set. 2010.

DELEUZE, Gilles. *Conversações (1972-1990)*. Trad.: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

_____. O que é um dispositivo. In: _____. *O mistério de Ariana*. Lisboa: Veja, 1996. Disponível em: www.filoesco.unb.br/foucault. Acesso em 11 Novembro 2011.

DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica*. Tradução Vera Porto Carreiro. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

DEUTNER, Kátia. *Racismo e homofobia estão entre os crimes virtuais mais comuns: veja como se proteger*. Disponível em: <http://estilo.uol.com.br/comportamento/ultimas-noticias/2011/05/26/como-lidar-com-racismo-e-bullying-na-internet.htm>. Acesso em 27 Maio 2011.

FERNANDES, Fabiana Parpinelli Gonçalves. *ORKUT: um arquivo digital*. In: *Revista de Letras*. V.10, ano 2008. Franca/SP. ISSN 0104-9992. Disponível em: http://www.dacex.ct.utfpr.edu.br/10_Fabiana%20MariaRegina.htm. Acesso em 11 Abril 2011.

FERNANDES, Fabiana Parpinelli Gonçalves. Subjetividades do Tradutor e Intérprete no Orkut. In: *Diálogos Pertinentes – revista científica de Letras*. V.4, n.4, p. 277-288, 2008. Franca/SP. Disponível em: <http://publicacoes.unifran.br/index.php/dialogospertinentes/article/view/234/188>. Acesso em 11 Outubro 2010.

FILHO, José Tarcísio da Silva Oliveira; GONÇALVES, Gisele Siqueira; TEIXEIRA, Sabrina Areias. A fragmentação da identidade manifestada no Orkut. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XI ICongresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Rio de Janeiro – 7 a 9 de maio de 2009*. Disponível em: www.intercom.org.br/papers/regionais/.../R14-0226-1.pdf. Acesso em 27 Outubro 2010.

FONSECA, Márcio Alves. *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. São Paulo: Educ, 2003.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso* (1970). Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/2520353/Michel-Foucault-A-Ordem-do-Discurso>. Acesso em 20 Dezembro 2010.

_____. *Vigiar e Punir*. 30. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

_____. *Da amizade como modo de vida*. Entrevista com R. de Ceccaty. 1981. Disponível em: www.filoesco.unb.br/foucault. Acesso em 03 Janeiro 2011.

_____. *Sexo, poder e a política da identidade*. Entrevista com B. Gallagher e A. Wilson (1982). Disponível em: www.filoesco.unb.br/foucault. Acesso em 03 Janeiro 2011.

_____. Dois ensaios sobre o sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: un parcours philosophique*. Paris: Gallimard, 1984. Disponível em: <http://jornalista.tripod.com/teoriapolitica/3.htm>. Acesso em 04 Janeiro 2011.

_____. *As técnicas de si*. In: Hutton, (P.H.), Gutman (H.) e Martin (L.H). University of Massachusetts Press, 1988. Disponível em: www.filoesco.unb.br/foucault. Acesso em 03 Janeiro 2011.

_____. *História da Sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Rabinow. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica*. Tradução Vera Porto Carreiro. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

_____. *Microfísica do Poder*. 14.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. Trad.: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. Aula de 17 de Março de 1976. In: _____. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 285-315.

_____. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: *Ditos e Escritos V: ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro:Forense Universitária, 2004.

_____. *Estratégia, poder- saber*. 2.ed. . Trad.: Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. *A hermenêutica do sujeito: curso no Collège de France (1981-1982)*. Trad.: Márcio Alves da Fonseca; Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. Aula de 21 de Novembro de 1973. In: _____. *O poder psiquiátrico*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 49-78

_____. *Problematização do Sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006 (Ditos e Escritos; 1).

_____. O que é um autor. In: FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. *Segurança, território, população: curso no Collège de France (1977-1978)*. Trad.: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRAGOSO, Suely. Conectibilidade e geografia em sites de rede social: um olhar sobre as relações entre território e identidade e a permeabilidade on-line/off-line a partir do Orkut. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 16, p. 109-121, dez. 2008.

_____. Eu odeio quem odeia...Considerações sobre o comportamento dos usuários brasileiros na 'tomada' do Orkut. *Revista da Associação Nacional dos*

Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Agosto de 2006. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/89/89>. Acesso em 11 Setembro 2010.

GARCIA, Janaina. *Apologia a crimes como o massacre de Realengo (RJ) ganha força na internet*. Portal UOL Notícias. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/2011/04/14/apologia-a-crimes-como-o-massacre-de-realengo-rj-ganham-forca-na-internet.jhtm>. Acesso em 14 Abril 2011.

_____. *Legislação brasileira é eficiente, mas falta “educação digital”, alerta especialista*. Portal UOL Notícias. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/2011/04/14/legislacao-brasileira-e-eficiente-mas-falta-educacao-digital-alerta-especialista-em-direito-eletronico.jhtm>. Acesso em 14 Abril 2011.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. Trad.: Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

_____. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GOFFMAN, Erving. *Stigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4.ed. Trad.: Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOMES, Meyrilane S. *Orkut, a identidade virtual: um estudo do fenômeno comunicacional no cotidiano*. 2008. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2008/35.pdf>. Acesso em 27 Outubro 2010.

GRAIEB, Carlos. A revolução não é digital: entrevista com Eric Schmidt. *Revista Veja*, edição 2.206, ano 44, número 9, 2011.

GREGOLIN, M. R. F. V. Identidade: objeto ainda não identificado?. In: *Estudos da Língua(gem)* (Impresso), v. 04, p. 23-36, 2008.

GROS, Frédéric (org.). *Foucault: a coragem da verdade*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2004.

GROSS, Ralph; ACQUISTI, Alessandro. Information revelation and privacy in online social networks (the facebook case). *Anais do 2005 ACM Workshop on Privacy in the Eletronic Society* (Alexandria, Va.). New York: ACM, 2005. pp.71-80. Disponível em <http://www.heinz.cmu.edu/~acquisti/papers/privacy-facebook-gross-acquisti.pdf>. Acesso em 22 Agosto 2011.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

FNAC BLOG. Internet democrática: redes sociais GLS. (29/04/2011). Disponível em: <http://blog.fnac.com.br/index.php/tecnologia/internet-democratica-redes-sociais-gls/>. Acesso em 10 Outubro 2011.

JARRETT, Kylie. Interactivity is evil: a critical investigation of web 2.0. *First Monday*: peer-reviewed journal on the internet. Vol. 13, number 3 – March, 2008. Disponível em: <http://firstmonday.org/htbin/cgiwrap/bin/ojs/index.php/fm/article/view/2140/1947>. Acesso em 15 Agosto 2011.

KOMESU, Fabiana Cristina. *Entre o público e o privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs da internet*. Campinas, SP: [s.n.], 2005. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000358660&fd=y>. Acesso em 06 Junho 2011.

LEMONS, Ronaldo. *Direito, tecnologia e cultura*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

LESSIG, Lawrence. *Cultura Livre: como a mídia usa a tecnologia e a lei para barrar a criação cultural e controlar a criatividade*. Trad.: Fábio Emilio Costa. Creative Commons. 2004. Disponível em: <http://www.rau-tu.unicamp.br/nou-rau/softwarelivre/document/?view=144>. Acesso em 18 Outubro 2011.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 2 ed São Paulo: Ed. 34, 2003.

LIMA, Aline Soares. *Quem sou eu: narrativas e auto-representação das travestis no Orkut*. 2008. Disponível em: http://portais.ufg.br/projetos/seminariodeculturavisual/images/pdf_I_Seminario/GT1/aline.pdf. Acesso em 13 Outubro 2010.

LIMA, Tatiana Araújo de; NUNES, Maria Lúcia Tiellet. Rede Social Orkut: impacto e implicações na subjetividade de seus usuários. *III Simpósio Nacional ABCiber*, 2009. Disponível em: http://www.abciber.com.br/simposio2009/trabalhos/anais/pdf/artigos/1_redes/eixo1_art52.pdf. Acesso em 13 Abril 2011.

MARTINS, Cláudia Cristiane Levandoski. *Gêneros Digitais e a Escrita no Orkut: reconfiguração do gênero bilhete*. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem. Tubarão/SC, 2007. Disponível em: http://busca.unisul.br/pdf/89056_Claudia.pdf. Acesso em 10 Setembro 2010.

MATTA, João Osvaldo Schiavon. Ciborguização identitária na internet: fãs de Avril Lavigne no Orkut. 2008. Disponível em: <http://www.cencib.org/simposioabciber/PDFs/CC/Joao%20Osvaldo%20Schiavon%20Matta.pdf>. Acesso em 08 Outubro 2010.

MARWICK, Alice. "I'm a Lot More Interesting than a Friendster Profile": Identity Presentation, Authenticity and Power in Social Networking Services. *Association Of Internet Researchers*. 6.0: Internet Generations. 2005. Disponível em: <http://www.citeulike.org/user/berndp/article/2914641>. Acesso em 12 Junho 2011.

MILANEZ, Nilton; MACHADO, Gacielly Bittencourt. Click corpo abra identidades: sujeitos e discursos nas páginas do Orkut. *Revista Opsi*, Vol. 8, nº10, 2008. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/Opsi/article/view/9293/6387>. Acesso em 08 Outubro 2010.

MOCELLIM, Alan. Internet e Identidade: um estudo sobre o website Orkut. *Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação*, 2008. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/mocellim-allan-internet-e-identidade.pdf> . Acesso em 28 Setembro 2010.

MORAIS, Marina Magalhães de. NARCISISMO NO ORKUT: uso da imagem fotográfica como afirmação da identidade nas redes virtuais de relacionamento. *Conexões Midiáticas* - Revista dos alunos do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB. n. 02 – Julho – Dezembro 2009. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/ppgc/smartgc/uploads/arquivos/27cf2c460920100303074049.pdf>. Acesso em 27 Outubro 2010.

MOREIRA, Walter; RODRIGUES, Vera Ventura. Espaços virtuais de relacionamento e de identidade: uma análise do Orkut. *ECCOM*, v. 1, n. 1, p. 67-74, jan./jun., 2010. Disponível em: <http://www.fatea.br/seer/index.php/eccom/article/view/241/198>. Acesso em 27 Outubro 2010.

OLIVEIRA, Maria Regina Momesso. *Técnicas de si na contemporaneidade: a construção do sujeito na fluidez da web 2.0*. 2009. Disponível em: http://www.unifran.br/blog/mestradoemlinguistica/upload/abralin_2009_artigo_mreginamomessooliveira.pdf. Acesso em 06 Maio 2011.

Orkut ainda é rede social mais popular do Brasil; Facebook cresce 6 vezes em audiência. Disponível em: <http://tecnologia.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2010/10/07/orkut-ainda-e-rede-social-mais-popular-do-brasil-facebook-quintuplica-audiencia.jhtm>. Acesso em 07 Outubro 2010.

PINHEIRO, Marta de Araújo. *Subjetivação e consumo em sites de relacionamento. Comunicação, mídia e consumo*. Vol.14 p. 103-121, Nov. 2008. São Paulo. Disponível em: <http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/comunicacaomidiaeconsumo/article/view/5462/4984>. Acesso em 06 Maio 2011.

PINTO, Maurício Frutuoso. Democracia e participação na era da informação. *Revista Espaço Acadêmico*, n 38, ano IV Julho 2004. ISSN 1519.6186. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/038/38cpinto.htm>. Acesso em 10 Outubro 2011.

POSSENTI, Sírio. Dês observações sobre a questão do sujeito. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 3, Número Especial, p. 27-35, 2003. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0303/4%20art%20%20P.pdf>. Acesso em 04 Julho 2011.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. *E- Compós* (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/web2.pdf>. Acesso em 13 Outubro 2010.

PRESSE, France. Programa impede acesso de usuários bêbados às redes sociais. Washington. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/tec/828069-programa-impede-acesso-de-usuarios-bebados-as-redes-sociais.shtml>. Acesso em 12 Novembro 2010.

RECUERO, Raquel da Cunha. *Redes sociais na Internet: Considerações iniciais*. 2004. Disponível em: <http://www.pontomidia.com.br/raquel/intercom2004final.pdf>. Acesso em 08 Setembro 2010.

_____. Um estudo do capital social gerado a partir de redes sociais no Orkut e Weblogs. Trabalho apresentado na *Compós 2005*, no GT de Tecnologias da Informação e da Comunicação. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/recuero compos.pdf>. Acesso em 16 Agosto 2011.

RECUERO, Rebeca da Cunha. O Orkut como formador de novas identidades no Ciberespaço. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007*. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0796-1.pdf>. Acesso em 28 Outubro 2010.

REVEL Judith, O pensamento vertical: uma ética da problematização. In: GROS, Frédéric (org.). *Foucault: a coragem da verdade*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2004.

RIBEIRO, Gustavo Lins. El sistema mundial no-hegemónico y la globalización popular. *Série Antropologia*. Vol.410, Brasília: DAN/UnB, 2007. Disponível em: <http://vsites.unb.br/ics/dan/Serie410empdf.pdf>. Acesso em 16 Agosto 2011.

ROCHA, Telma Brito. *O Orkut e as identidades múltiplas, nômade ou mais ou menos inventadas*. 2009. Disponível em: <http://www.universidadenova.ufba.br/twiki/pub/GEC/TelmaEpenn2009/telma.pdf>. Acesso em 28 Outubro 2010.

ROCHA, Telma Brito. *Sujeitos Vigeados nas redes sociais do Orkut: dispositivos de controle que atingem a escola*. Disponível em: <http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT12-6623--Res.pdf>. Acesso em 13 Abril 2011.

SALES, Shirlei Rezende; PARAÍSO, Marluce Alves. Escola, Orkut e juventude conectados: falar, exhibir, espionar e disciplinar. *Pro-Posições*, Campinas, v. 21, n. 2 (62), p. 225-242, maio/ago. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v21n2/v21n2a14.pdf> . Acesso: 06 Maio 2011.

SANTO, Shirlei Rezende Sales do Espírito. PARAÍSO, Marluce Alves. JUVENTUDE MONSTRUOSA: subjetividade e sexualidade no currículo do Orkut. In: *Currículo sem Fronteiras*, v.7, n.2, pp.148-157, Jul/Dez 2007. Disponível em: www.curriculosemfronteiras.org/vol7iss2articles/santo-paraiso.pdf. Acesso em 11 Outubro 2010.

SCHARA, Luiz. A internet é democrática desde sua concepção. Entrevista. *Jornal Correio Brasiliense*. 02/07/2010. Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2010/07/02/interna_tecnologia,200492/a-internet-e-democratica-desde-sua-concepcao.shtml. Acesso em 10 Outubro 2011.

SIBILIA, Maria Paula. *O Show do eu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SOUZA, Pedro de. Resistir, a que será que se resiste? O sujeito feito fora de si. In: *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 3, Número Especial, p. 37-54, 2003. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0303/5%20art%203%20P.pdf>. Acesso em 06 Junho 2011.

TURCHI, Sandra. A internet é democrática. 2009. Disponível em: <http://www.sandraturchi.com.br/destaque/09/a-internet-e-democratica>. Acesso em 13 Outubro 2011.

ZHAO, Shanyang; GRASMUCK, Sherri; MARTIN, Jason. Identity construction on Facebook: digital empowerment in anchored relationships. *Department of Sociology, Temple University, United States*. 2008. *Computers in Human Behavior*. Disponível em: www.elsevier.com/locate/comphumbeh. Acesso em 10 Setembro 2010.

6 GLOSSÁRIO

AdSense: serviço de publicidade de veiculação de anúncios administrado pelo Google. Esse serviço é controlado por meio de cliques ou visualizações e gera lucro.

APPS: abreviação de aplicativo, que é um tipo de software.

Backup: cópia de segurança de arquivos e dados.

Beacons: mecanismo que reconhece certas informações do computador do usuário. Pode funcionar em conjunto com *cookies*.

Blog: site de atualização rápida, por meio de textos, notícias, *posts*, etc.

Browser: navegador, programa que dá acesso à internet.

Chats: bate-papo ou conversação em tempo real realizado por um computador conectado à internet e a algum software específico de conversação.

Cookie: mecanismo que armazena as informações recebidas por um navegador na máquina do usuário. Essas informações são registradas em forma de cadeia de texto.

Download: transferência de arquivos da internet para o computador.

E-mails: correio eletrônico.

Facebook: site de relacionamentos ou rede social.

Fotologs: site de atualização rápida, por meio de textos e fotos.

Google: empresa de serviços online e softwares que fornece variados serviços de busca.

HTML (HyperText Markup Language): linguagem de marcação utilizada para produzir páginas na Web.

Logout: fazer *logout* significa sair de determinado site da internet que necessita de conta para ser acessado.

Malware: software destinado a se infiltrar em um sistema de computador alheio de forma ilícita, ou seja, o Orkut não permite *hackers* no seu sistema, assegurando a posse e a segurança das informações dos usuários, atuando assim, como o poder jurídico no sentido de que, de certa forma, protege os seus usuários de possíveis ataques, panes no sistema ou roubo de informações.

Myspace: site de relacionamentos ou rede social.

Phising: é uma fraude eletrônica e se caracteriza por um usuário tentar adquirir fotos, músicas, informações pessoais, etc. de outro usuário com a intenção de roubo ou mesmo de clonar esse perfil.

Post: termo utilizado para quando o usuário posta, publica algum conteúdo.

Profile: perfil de cadastro, página de apresentação do usuário em sites em que é necessário preencher um cadastro com informações.

Promote: aplicativo do Orkut que possibilita ao usuário promover textos, vídeos e fotos em algum espaço dentro do seu perfil.

Scraps: recados deixados na página de recados do Orkut.

Scrapbook: página de recados do Orkut.

Scripts: sequência de comandos e tarefas e a serem realizadas, que podem ser de comandos de formatação.

SMS (Short Message Service): serviço de mensagens curtas de texto para celulares.

Software: programas desenvolvidos para computador.

Spam: mensagens indesejadas, recebidas sem solicitação e geralmente enviadas para um grande número de usuários.

Tag: linguagem de marcação para relevância de palavra-chave. É conhecido também como etiqueta.

Trollagem: *Trollagem* é uma gíria da Internet que significa desestabilizar uma discussão, fazer comentários provocativos a respeito de certos assuntos. Os trolls atuam por sistemáticas diferentes, como: jogar a isca e sair correndo, induzir a baixar o nível, repetição de falácias e desfile intelectual.

Twitter: site de rede social ou microblog que funciona enviando e recebendo atualizações pessoais dos contatos de determinada rede.

Videologs: site de atualização rápida, por meio de textos e vídeos.

Web 2.0: designa a segunda geração de serviços da web em que a interação entre usuários é o foco do seu funcionamento, além englobar várias linguagens.

Wikis: software colaborativo de edição coletiva de informações.

Youtube: site de rede social de compartilhamento de vídeos.